



**DO PASSADO QUE ENSINA
AO FUTURO QUE INSPIRA**

*Sicredi das Culturas RS/MG
95 anos*



***DO PASSADO QUE ENSINA
AO FUTURO QUE INSPIRA***

*Sicredi das Culturas RS/MG
95 anos*





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K61c Kirst, Marcos Fernando

Do passado que ensina ao futuro que inspira
- Sicredi das Culturas RS/MG 95 anos / Marcos
Fernando Kirst. – Ijuí, RS : Lorigraf, 2020.
116 p. : il.

ISBN 978-65-86717-02-0

1. Sicredi das Culturas RS/MG - História.
2. Cooperativas de Crédito - História. I. Título.

CDU: 334.732.2(091)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291

2020

Todos os direitos reservados à Sicredi das Culturas RS/MG – Ijuí/RS

Coordenação geral

Gerência de Comunicação e Marketing da Sicredi das Culturas RS/MG

Autor

Marcos Fernando Kirst

Projeto gráfico, diagramação, ilustrações e arte final

Agência Jung

Imagens

Arquivo da Sicredi das Culturas RS/MG

Revisão final

Gerência de Comunicação e Marketing da Sicredi das Culturas RS/MG

Revisão ortográfica

Calíope Comunicação, Marketing e Publicações

Finalização e impressão

Lorigraf Gráfica e Editora Ltda.

Sumário

8

CARTA DA CENTRAL SUL/SUDESTE

10

PALAVRA DO PRESIDENTE

12

INTRODUÇÃO

Cooperativismo: semente germinada no solo da participação comunitária

14 Os pioneiros tecelões de Rochdale

16 A experiência alemã com o sistema Raiffeisen

17 Surgem as Caixas de Crédito

1

23

SICREDI AUGUSTO PESTANA RS

A força do pioneirismo em busca do bem comum

26 Crédito à luz de vela

26 Padres europeus visionários

29 Serra Cadeado ganha sua Caixa Rural

31 O sonho da sede própria

33 Surge a Credipel

35 A URDC e a Sicredi Pestanense

37 A conquista da Livre Adesão

2

41

SICREDI PANAMBI RS

No "Vale das Borboletas", a semente do futuro

43 Os cooperativados de Neu-Wuerttemberg

44 Criada a União Colonial

45 Assembleias em alemão, atas em português

46 Viabilizando a primeira gestão municipal

47 Era de incertezas

48 Reestruturação, consolidação e retomada

50 Nova sede e credibilidade

52 Agências de Condor, Panambi São Jorge e Panambi Cotripal

3

57

SICREDI AJURICABA RS

Visão comunitária no DNA legado à coletividade

58 No nome tupi, o gen do mutirão

59 Nasce a Crediaju

61 Cheques recolhidos da praça

62 Sicredi em Ajuricaba e Nova Ramada

64 Programas sociais e comunitários

64 Associados ativos e envolvidos

4

67

SICREDI SANTO AUGUSTO RS

Na fazenda loteada, o germinar da cooperação

- 68** Determinação em cooperar
- 69** A Credicoopersa vira realidade
- 71** Visitas de casa em casa
- 72** Incentivo à poupança
- 73** UPR e ação integrada
- 74** Programas incentivam participação e cidadania

5

77

A força da união multiplicada por quatro

- 78** Maturação da proposta via debate
- 79** Debate democrático e aprofundado
- 80** Quatro cooperativas unidas
- 81** CNPJ Pestanense mantido
- 82** Resultados atestam acerto da união
- 83** Acolher o associado
- 84** Nova marca moderniza identidade visual
- 85** Atividades celebram os 95 anos da cooperativa
- 88** Expansão para Minas Gerais

6

93

A Sicredi das Culturas RS/MG

- 94** Estrutura de apoio à cooperativa
- 95** Frentes de ação diversificadas
- 97** Novas plataformas ampliam os negócios
- 98** Planejamento Estratégico 2017-2021
- 99** Ranking traduz esforço conjunto
- 100** Responsabilidade social e programas de relacionamento
- 105** Ritmo de crescimento consolidado

7

107

Um futuro pautado em desafios

110

Galeria de Imagens

- 110** Presidentes da Sicredi das Culturas RS/MG
- 112** Diretoria e Conselhos de Administração e Fiscal da Sicredi das Culturas RS/MG

114

Bibliografia Consultada

Carta da Central Sul/Sudeste

Nesta caminhada de mais de nove décadas, preservar a tradição e construir uma relação de confiança, seguindo atenta aos ventos da mudança e em busca de uma constante atualização, é uma conquista da Sicredi das Culturas RS/MG. A Cooperativa está presente na comunidade local há quase um século, em contato direto com os associados e atuando de forma sustentável, contribuindo para o crescimento das pessoas e da região.

Fruto da união da Sicredi Augusto Pestana RS, Sicredi Ajuricaba RS, Sicredi Panambi RS e Sicredi Santo Augusto RS, surgiu a atual Sicredi das Culturas RS/MG. Uma parceria que possibilitou fortalecer a atuação e os laços com a comunidade. Com a recente ampliação para o Sudoeste de Minas Gerais, a Cooperativa abraça um novo desafio: expandir o seu modelo de desenvolvimento e sua área de atuação.

Acreditamos no crescimento em conjunto e no poder de transformação que o cooperativismo de crédito gera para os associados.



Acreditamos no crescimento em conjunto e no poder de transformação que o cooperativismo de crédito gera para os associados, para o desenvolvimento regional e para melhorar a qualidade de vida das pessoas, compromissos que fazem parte da história da Sicredi das Culturas RS/MG.

Parabéns, Cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG!
Temos orgulho em fazer parte desta história.

Fernando Dall'Agnese – Presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste

Palavra do Presidente

Sabemos que a História é construída pelas ações das pessoas, tanto as individuais quanto as coletivas. Sabemos também que, historicamente, só conquistam a perenidade aquelas ações empreendidas de forma coletiva pela sociedade, quando concebidas com o objetivo de alcançar o bem comum. No cerne dessa motivação reside e floresce o espírito do movimento cooperativo, que une esforços e talentos na busca pela solução dos problemas comuns a todos, gerando desenvolvimento, prosperidade e felicidade às comunidades.

O DNA desse movimento coletivo e cooperativado está impresso nos processos de criação, consolidação e expansão das quatro cooperativas de crédito que surgiram nos municípios de Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi e Santo Augusto, na Região Noroeste do Rio Grande do Sul, ao longo de décadas no decorrer do século XX, e molda também a origem e o estabelecimento da entidade que resultou da união dessas quatro instituições: a Sicredi das Culturas RS/MG. O objetivo da produção deste livro consiste na aspiração de reunir em um só volume as histórias individuais de cada uma das quatro cooperativas, desde a sua fundação até o momento da união, ocorrida em 2013, e, a partir disso, situar a nova fase pela qual passa a instituição, quando as diferentes sagas convergem para dar origem à nova caminhada de uma trajetória comum rumo à construção do futuro.

*O melhor legado
que podemos
deixar é o resultado
de nossas ações
empreendedoras.*



Temos convicção de que a História precisa ser registrada e perenizada, a fim de, com esse processo, resgatar o espírito dos fundadores e compartilhar a riqueza de seus ensinamentos e suas experiências. Entidades e comunidades são feitas por pessoas. Mas precisamos olhar para o passado para aprender constantemente com os ensinamentos advindos da experiência obtida pelos que fizeram essa caminhada antes de nós. Cientes disso é que nos desafiamos permanentemente a entrelaçar as culturas das diferentes regiões representadas pelas cooperativas, com o intuito de construir uma nova história conjunta, que se habilita agora a expandir essa experiência para além das fronteiras do Rio Grande do Sul e vivenciar um novo momento consolidado em 2018 com a aprovação da expansão para Minas Gerais.

Entregamos este resgate histórico dos 95 anos da Sicredi das Culturas RS/MG convictos de que, com este livro, colaboramos com um elemento importante para auxiliar no planejamento das próximas décadas, que seguirão sendo construídas dentro do espírito construtivo do cooperativismo. O melhor legado que podemos deixar é o resultado de nossas ações empreendedoras.

Antenor José Vione, presidente da Sicredi das Culturas RS/MG

Introdução



Primeira Sede da Caixa Rural na residência do Sr. José Norbert

Cooperativismo: *semente germinada no solo da participação comunitária*

A união de esforços em favor da conquista de um benefício comum pode ser considerada a máxima que simboliza e sintetiza o conceito fundamental e universal de cooperativismo. Analistas sociológicos e antropológicos identificam o conceito de auto-ajuda-mútua como inerente às características dos animais sociais, constituindo-se o ser humano como uma espécie associativista por natureza, amparado na noção de “sociabilidade” para a construção de seu próprio desenvolvimento comum, um dos pilares da civilização. Essa sociabilidade está na base das origens do cooperativismo, uma vez que ela é o elemento que permite formalizar o ato cooperativo institucionalizado e participativo. Trabalhar de forma conjunta, em mutirão, visando a alcançar benefícios que serão estendidos a todos os indivíduos do grupo, é uma característica que molda a saga da humanidade desde os primórdios de seu processo civilizatório. Foi somente a partir do momento em que passou a cooperar que o ser humano ampliou para o infinito os limites de sua atuação sobre o meio natural. Cooperando, ou seja, colaborando, é possível crescer junto, em sintonia e de forma sólida. Uma vez que é gregária por natureza, não foi difícil para a humanidade perceber que estava protagonizando um salto civilizatório crucial a partir do momento em que descobre os benefícios da atuação em mutirão. Poderíamos dizer que o associativismo cumpre, no âmbito da sociologia, o mesmo papel precursor e crucial que desempenham, na esfera das ciências e da tecnologia, a descoberta do fogo e a construção de armas e artefatos pré-históricos.

Os pioneiros tecelões de Rochdale

Apesar de empregado na prática desde os primórdios da experiência humana comunitária sobre a Terra, o cooperativismo só foi se estabelecer como uma prática específica social, associativa, jurídica, econômica e institucional a partir de meados do século XIX, mais especificamente no ano de 1844, quando foi fundada a Cooperativa dos Tecelões de Rochdale, em Lancaster, no noroeste da Inglaterra, experiência considerada como a matriz do cooperativismo moderno. A Grã-Bretanha naquele período, como se sabe, atuou com papel preponderante no processo de transformação dos meios de produção e das relações de trabalho no mundo ocidental, que ficou conhecido como "Revolução Industrial". O fenômeno iniciou-se ainda no findar do século XVIII, quando os processos artesanais e manufaturados de produção passaram a dar lugar ao advento das máquinas a vapor, ao uso de novos combustíveis como força motriz e ao estabelecimento das grandes fábricas, com linhas de produção em massa, que alteraram as relações sociais e de trabalho tanto nas áreas urbanas quanto no campo.

O ano era o de 1843 e o setor de flanela prosperava em toda a Grã-Bretanha, fazendo com que as fábricas das indústrias da cidade de Rochdale (na região de Manchester) recebessem um incremento nos pedidos vindos de todo o país, fator que conduzia a um aumento significativo na produção. Historicamente, os tecelões constituíam uma categoria profissional explorada e mal remunerada, e a



Localização de Rochdale

**18
44**

Fundação da
Cooperativa dos
Tecelões de Rochdale

21 de Dezembro
Fundação da Sociedade
dos Probos Pioneiros de
Rochdale

conjuntura abriu para os trabalhadores uma oportunidade de negociarem com os patrões melhores salários e condições de trabalho. Ao invés de fazerem uma greve ou de partirem para a violência, os operários de Rochdale perceberam que obteriam melhores vantagens caso agissem por meio da união e da educação, dois princípios que posteriormente passariam a fundamentar as bases do cooperativismo institucional. Após extensos debates, aqueles 28 tecelões pioneiros (27 homens e uma mulher) chegaram a um consenso: decidiram fundar, em 21 de dezembro de 1844, a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Inicialmente, o sistema teve como base a captação, entre os associados, de um montante que instituiu o capital social da cooperativa, utilizado na aquisição de artigos de consumo a fim de serem revendidos a preço de mercado aos sócios, que a cada três

meses recebiam a parte restante dos lucros de forma proporcional às suas compras na sociedade.

Não demorou para que a incipiente cooperativa dos tecelões, surgida com o propósito de facilitar o consumo entre seus associados, migrasse para uma pretensão mais consistente: a de se transformar em uma cooperativa de produção. Assim, nos anos de 1854 e 1855, a Cooperativa dos Tecelões de Rochdale funda duas indústrias de tecelagem, ancoradas no princípio dos operários-associados. Nessa ocasião, a cooperativa já contava com 1,4 mil associados e tinha como valores a ética, a igualdade, a liberdade e a justiça. Dessa forma, os trabalhadores cooperativados passaram a exercer, concomitantemente, o papel de proprietários dos meios de produção, condição que antes era reservada somente

aos capitalistas donos das fábricas. O projeto alcança resultados tão positivos que, já em 1867, a cooperativa se constitui na maior corporação do setor da tecelagem em toda a Inglaterra. Essa experiência precursora acaba determinando alguns princípios básicos que serão incorporados pelo sistema cooperativista no futuro imediato, como: a adesão voluntária e livre; a gestão democrática da instituição por seus próprios membros; a participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, treinamento, formação e informação; cooperação integrada entre as cooperativas e foco na comunidade.

Os oito princípios fundamentais que norteavam os estatutos dessa associação pioneira eram os seguintes:

- 1** *A Sociedade será governada democraticamente, cada sócio dispondo de um voto;*
- 2** *A Sociedade será aberta a quem dela manifeste desejo de participar, desde que integralize uma quota de capital mínima, igual a todos;*
- 3** *Qualquer valor a mais investido na cooperativa será remunerado por uma taxa de juro, sem, no entanto, conferir ao detentor nenhum direito adicional de decisão;*
- 4** *Tudo o que sobrar da receita, deduzidas as despesas, inclusive os juros, será distribuído entre os sócios em proporção às compras que efetuaram na cooperativa;*
- 5** *Todas as vendas serão efetuadas à vista;*
- 6** *Os produtos vendidos serão sempre puros e de ótima qualidade;*
- 7** *A Sociedade deverá promover a educação dos sócios dentro dos princípios do cooperativismo;*
- 8** *A Sociedade será neutra nos âmbitos da política e da religião.*

A experiência alemã com o sistema Raiffeisen

A necessidade imperiosa de criar mecanismos institucionais a partir dos quais seria possível melhorar as condições de vida, de trabalho e de consumo dos trabalhadores, de forma coletiva e por meio de associações cooperativas, era um fenômeno que arregimentava preocupações em diversas outras partes da Europa naquele período, culminando no surgimento de outras iniciativas precursoras nessa esfera da economia e da organização social. Visionários na Alemanha e na Itália, em especial, dedicaram-se à tarefa de propor e pensar organizações que aliviassem a precária situação dos trabalhadores e lhes oferecessem alternativas viáveis, sólidas e consistentes, de crescimento individual por meio das ações coletivas decididas em conjunto. Pouco tempo depois da criação da Cooperativa dos Tecelões de Rochdale, entre os anos de 1847 e 1848, surgia, na Alemanha, uma experiência precursora capitaneada pelo burgomestre e filho de agricultores Friedrich Wilhelm Raiffeisen (1818 – 1888), quando ele cria as “Associações de Amparo aos Agricultores sem Recursos” nas regiões de Weyerbursch, Flammersfelde e Heddesdorf. Essa primeira experiência cooperativista utilizava como base os estatutos dos tecelões ingleses e as associações se voltavam a prover fundos de empréstimos aos associados, diferindo da iniciativa de

Rochdale que, até então, se caracterizava como uma cooperativa de consumo e, só mais tarde, de produção. Na prática, essas primeiras entidades criadas por Raiffeisen dedicavam-se a prestar auxílio de diversas naturezas aos agricultores associados, ainda longe de se caracterizarem como cooperativas propriamente ditas. Acredita-se que o surgimento do empreendimento revolucionário de Raiffeisen tenha tido como motivador o fato de um comerciante de gado estar se dedicando à agiotagem na região, emprestando suas vacas aos pequenos produtores rurais e depois cobrando novilhas como forma de pagamento de juros e de amortizações extorsivos. Com o propósito de quebrar esse ciclo vicioso e de dependência injusta, Raiffeisen criou as primeiras associações cujo foco principal era eliminar a figura do intermediador das transações.

Nesse intervalo, outras iniciativas relativas à estruturação de sociedades cooperativas tiveram lugar em outros pontos da Europa, a partir da visão de outros empreendedores. Também na Alemanha, na região da cidade de Delitzsch, Hermann Schulze (1808 – 1883) notabilizou-se por criar a primeira cooperativa de crédito urbana, no ano de 1856. Schulze via essas entidades como um instrumento crucial para suprir as deficiências e as lacunas deixadas pelas políticas estatais nos setores produtivos da sociedade como um todo. Dirigidas principalmente à classe média urbana, as cooperativas idealizadas por Schulze (cujo sistema ficou conhecido como Schulze-Delitzsch) tinham como características principais o capital constituído por

quotas-partes, integralizadas pelos sócios; constituição de um fundo de reserva limitado quase sempre a dez por cento do capital subscrito; distribuição dos ganhos entre os associados na forma de dividendos; responsabilidade solidária e ilimitada dos sócios em relação aos negócios da cooperativa; livre-admissão dos sócios. A remuneração dos dirigentes prevista nos estatutos, a área de atuação irrestrita e a previsão de retorno das sobras líquidas proporcionalmente ao capital investido por cada sócio eram os principais pontos de diferenciação entre o Sistema Schulze-Delitzsch e o Sistema Raiffeisen.

A Itália, país também provido de extensa massa de trabalhadores rurais e urbanos, foi terreno fértil para o florescer de outra iniciativa cooperativista histórica, liderada pelo professor universitário, político e escritor Luigi Luzzatti (1841 – 1927). Sua cooperativa foi fundada em Milão, no ano de 1865, no formato de bancos populares. Na verdade, eram cooperativas de crédito urbanas que admitiam receber auxílio estatal sob a forma de suporte até o momento em que as associações adquirissem autonomia para assumirem sozinhas suas funções e responsabilidades. Valorizavam as qualidades morais e éticas dos associados, efetivavam concessões de empréstimos lastreados pela palavra de honra empenhada entre ambas as partes e não previam a remuneração dos administradores da associação.

**18
47****18
48**

Criação da Associação de Amparo aos Agricultores sem Recursos

**18
56**

Hermann Schulze cria a primeira cooperativa de crédito urbana

**18
64**

Friedrich Raiffeisen cria a primeira cooperativa de crédito propriamente dita



Friedrich Wilhelm Raiffeisen

Surgem as Caixas de Crédito

A primeira cooperativa de crédito propriamente dita, criada por Friedrich Raiffeisen, surge na Alemanha no ano de 1864, em um sistema que passará a ser adotado em diversas partes do mundo dali em diante, inclusive no Brasil, em especial no interior do Rio Grande do Sul no início do século XX, vindo a se configurar como semente e embrião para o desenvolvimento, mais tarde, do Sistema Sicredi. Cabe a essa iniciativa mais aprimorada do visionário alemão o mérito de estabelecer as primeiras cooperativas de crédito rural, que ficaram conhecidas como "Caixas de Crédito Raiffeisen". A primeira delas foi batizada como Associação de Caixas de Empréstimo de Heddesdorf, adotando o princípio de ajuda mútua aos sócios e admitindo o auxílio de natureza filantrópica à comunidade. A partir desse modelo, as entidades passaram a apresentar características comuns e definidoras, como possuir uma área de atuação restrita (normalmente destinadas aos produtores rurais de uma região específica), responsabilidade solidária em relação aos negócios efetivados pela sociedade, forte valorização da formação ética e moral dos associados, não remuneração dos dirigentes da entidade, não distribuição de sobras aos associados, destinação das sobras a um fundo de reserva da entidade e outras.

As "Caixas de Crédito Raiffeisen" transformaram a economia e o conceito de união cooperativada na Alemanha nas décadas

subsequentes ao surgimento das primeiras cooperativas, tornando-se muito populares em todo o território nacional. O processo de migração de colonos alemães para diversos países ao longo de todo o século XIX, inclusive ao Brasil, fez com que o conceito de trabalho em forma de auto-ajuda-mútua se transformasse também em um apetrecho cultural transportado junto na bagagem dos colonizadores das terras do Novo Mundo. Não foi por obra do acaso, portanto, que o Sistema Raiffeisen foi evocado pelo padre suíço Theodor Amstad que, logo após chegar ao Rio Grande do Sul, em 1885, dedicou-se a plantar entre os colonizadores alemães a semente da necessidade de criar Caixas Rurais seguindo esse sistema, nas colônias gaúchas. Como se verá nos capítulos a seguir, a ideia foi bem recebida e, em 1902, era fundada, em Nova Petrópolis, na região da Serra Gaúcha, a primeira das Caixas Rurais que depois seriam também instaladas em diversos outros municípios do Estado, criando História.

A primeira cooperativa rural de crédito da América Latina foi inspirada no modelo alemão de cooperativismo "Raiffeisen" e surgiu no Rio Grande do Sul. Com sede em Nova Petrópolis, recebeu a denominação inicial de "Caixa de Economias e Empréstimos Amstad", vindo a ser o embrião da atual Sicredi Pioneira RS. Foi criada no ano de 1902, na localidade de Linha Imperial, graças à iniciativa do padre suíço Theodor Amstad (1851-1938). A assembleia de constituição ocorreu em 28 de dezembro daquele ano, no antigo salão de Nikolaus Kehl, quando Anton Maria Feix foi eleito como o primeiro presidente da enti-



Padre Theodor Amstad

dade. A primeira sede social da cooperativa funcionou durante três décadas, de 1902 a 1933, na residência do então primeiro gerente, Josef Neumann. Após algumas mudanças de nome, a cooperativa transferiu seus trabalhos para a casa do segundo gerente, Josef Neumann Filho, também em Linha Imperial, onde permaneceu até o início da década de 1950. Em 1952, ano do jubileu de ouro da cooperativa, deu-se o lançamento da pedra fundamental da primeira sede própria, inaugurada em 1953. O funcionamento da Caixa Rural em Linha Imperial seguiu até 1967, quando ocorreu a transferência da sede para o centro de Nova Petrópolis.

Theodor Amstad faleceu em 1938, já na condição reconhecida de pioneiro do cooperativismo de crédito não só no Estado, como também em todo o continente latino-americano. Quatro anos depois, em 1942, era inaugurada em Linha Imperial uma praça que recebeu o seu nome, dotada de um monumento e diversas placas em sua homenagem. O padre suíço Amstad coordenou a criação de 38 cooperativas no Rio Grande do Sul e auxiliou na fundação de sindicatos agrícolas, hospitais, asilos, escolas, paróquias e novas colônias, como as de Cerro Largo e Santo Cristo.

A rápida proliferação de cooperativas de crédito, de consumo, de produção e de outras naturezas ao redor do mundo fez surgir a necessidade de criar um órgão que congregasse internacionalmente essas entidades, facilitando a troca de experiências e padronizando conceitos. Foi assim que, em 1895, foi fundada, em Londres, a Aliança Cooperativa

O padre suíço Amstad coordenou a criação de 38 cooperativas no Rio Grande do Sul.

Internacional (ACI), órgão que assume a representação mundial do sistema cooperativista, tornando universais os seus princípios e os seus valores. Desde 1946, a ACI detém um assento consultivo junto à Organização das Nações Unidas (ONU), tendo se tornado uma das primeiras organizações não-governamentais a obter essa distinção. O símbolo dos dois pinheiros verdes sobre um fundo amarelo dentro de um círculo foi adotado como emblema visual internacional do cooperativismo em um congresso da ACI realizado em Montevideu, no Uruguai, no ano de 1960. Os pinheiros evocam a imortalidade e a fecundidade devido à sua característica de conseguir sobreviver em terras inférteis e por sua capacidade de multiplicação. O círculo representa a vida eterna. A cor verde dos pinheiros faz alusão ao princípio vital da natureza e o amarelo simboliza o sol, fonte de energia vital e de calor. O Dia Internacional do Cooperativismo, celebrado anualmente no primeiro sábado de julho, passou a integrar o calendário oficial da ONU a partir de 1996.

Em um mundo que, no alvorecer deste século XXI, caminha a passos largos rumo ao estabelecimento de uma Era do Individualismo, em que o egocentrismo, a competição desmesurada e o imediatismo são as tônicas que ameaçam reger as relações sociais, comunitárias e trabalhistas, se faz cada vez mais

necessária a reafirmação dos valores de cooperação humana representados pelo conceito de cooperativismo. Instrumento fundamental para a transformação das relações humanas para melhor desde que passou a ser instituído de forma organizada e sistemática, o sistema cooperativo tem demonstrado, ao longo de sua trajetória, na prática e a olhos vistos, os ganhos imensuráveis em termos de realizações pessoais e comunitárias que é capaz de proporcionar a todos. Nos capítulos a seguir, acompanharemos a narração de quatro casos de sucesso de empreendimentos cooperativados que surgiram na região Noroeste do Rio Grande do Sul no século passado, nos municípios de Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi e Santo Augusto, e que recentemente resultaram na criação de uma experiência inovadora e repleta de novas perspectivas, com sua unificação para dar à luz a Sicredi das Culturas RS/MG. Os ideais e valores dos pioneiros do cooperativismo no mundo e no Rio Grande do Sul seguem vivos na força vital interna e pessoal que move diariamente cada um dos associados, diretores, colaboradores, conselheiros e coordenadores de núcleo dessa entidade que orgulhosamente faz jus ao conceito universal de cooperação harmoniosa entre as pessoas, da construção de um presente satisfatório e de um futuro cada vez melhor.

**19
25**

21 de maio
Fundação da Caixa Rural União
Popular de Serra Cadeado

**19
31**

25 de abril
Fundação da Caixa Rural
de Neu-Wuerttemberg

Este livro comemorativo aos 95 anos da Sicredi das Culturas RS/MG tem como principal objetivo oferecer ao leitor uma compreensão geral e um resumo da história das quatro cooperativas de crédito (Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi e Santo Augusto) que se uniram para formar a atual Instituição Financeira Cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG. O fato de a nova cooperativa (surgida em 2013) adotar o CNPJ da cooperativa mais antiga entre as quatro (a Sicredi Augusto Pestana RS), faz com que essa história remonte à data de criação daquela sociedade pioneira, em 21 de maio de 1925, com a fundação da Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado (hoje município de Augusto Pestana). Os principais fatos envolvendo cada uma das quatro cooperativas são apresentados nos quatro capítulos iniciais do livro, a partir de depoimentos de fundadores e de colaboradores e da leitura das obras impressas já existentes a respeito de cada uma delas.

Como marcos importantes nessa trajetória, o leitor vai deparar também com a data de 25 de abril de 1931, quando da fundação da Caixa Rural de Neu-Wuerttemberg, hoje município de Panambi, que dará origem à Sicredi

Panambi RS. Em 3 de março de 1989, ocorre a fundação da Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda. (Crediaju), que mais tarde originará a Sicredi Ajuricaba RS. No dia 28 de abril de 1989, dá-se a fundação da Cooperativa de Crédito de Santo Augusto (Credicooper-sa), embrião da Sicredi Santo Augusto RS. A marca Sicredi surge no ano de 1992, quando a Central de Cooperativas do Rio Grande do Sul passa a adotar essa denominação, unificando a identidade das cooperativas filiadas à entidade. Em 2003, por meio da Resolução 3.106, do Conselho Monetário Nacional (CMN), atendendo à proposta encaminhada pelo Banco Central (BC), as cooperativas de crédito rural passam a se configurar como instituições financeiras de livre admissão, sendo autorizadas a atender às necessidades financeiras de todas as categorias profissionais da sociedade, ampliando seu leque de ação junto aos cooperativados. No dia 1º de novembro de 2013, ocorre a assembleia de união das quatro cooperativas com a criação da Sicredi das Culturas RS, tendo sede no município de Ijuí. Já no ano de 2018, é aprovada a expansão da Sicredi das Culturas para a região Sudoeste de Minas Gerais, passando a denominar-se Sicredi das Culturas RS/MG.

Nos próximos capítulos, os detalhes dessa história vitoriosa de quase um século, fruto dos esforços empreendidos em comum por pessoas que acreditam e fazem ser realidade o conceito do trabalho cooperativo como instrumento de transformação social, crescimento, evolução e felicidade das comunidades e seus integrantes.

Capítulo

Inauguração da Nova Sede da Caixa Rural em Augusto Pestana



Sicredi **Augusto Pestana RS** *A força do pioneirismo em busca do bem comum*

Quando se fala em resgatar os 95 anos de história acumulados e representados pela nova entidade batizada como Sicredi das Culturas RS/MG (criada em 2013 pela união de quatro cooperativas de crédito da região Noroeste do Rio Grande do Sul), remete-se automaticamente à data de 21 de maio de 1925, momento em que era fundada a Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado, na localidade que, na época, se configurava como o Segundo Distrito do Município de Ijuí e que, quatro décadas mais tarde, se emanciparia, dando origem à cidade de Augusto Pestana. Essa entidade pioneira na missão de atender às necessidades financeiras específicas dos habitantes daquela microrregião, priorizando o investimento nas atividades produtivas de seus associados e promovendo o desenvolvimento da comunidade em todos os seus aspectos, acabou se transformando em um marco não só na trajetória da construção das cooperativas de crédito na região como também passou a ocupar um lugar de destaque precursor em termos de referência do sistema cooperativista no Estado e no Brasil.

A Sicredi Augusto Pestana RS (ou Sicredi Pestanense, como também era conhecida), derivada da originária Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado, configurou-se como uma das mais antigas cooperativas de crédito criadas no país, inspirada nos moldes do Sistema Raiffeisen. Estava plantada, em solo mais do que fértil, a semente do associativismo e da compreensão de que é por meio da cooperação que os indivíduos e as comunidades alcançam seus objetivos, conquistam seus sonhos, promovem o desenvolvimento e alicerçam o futuro.





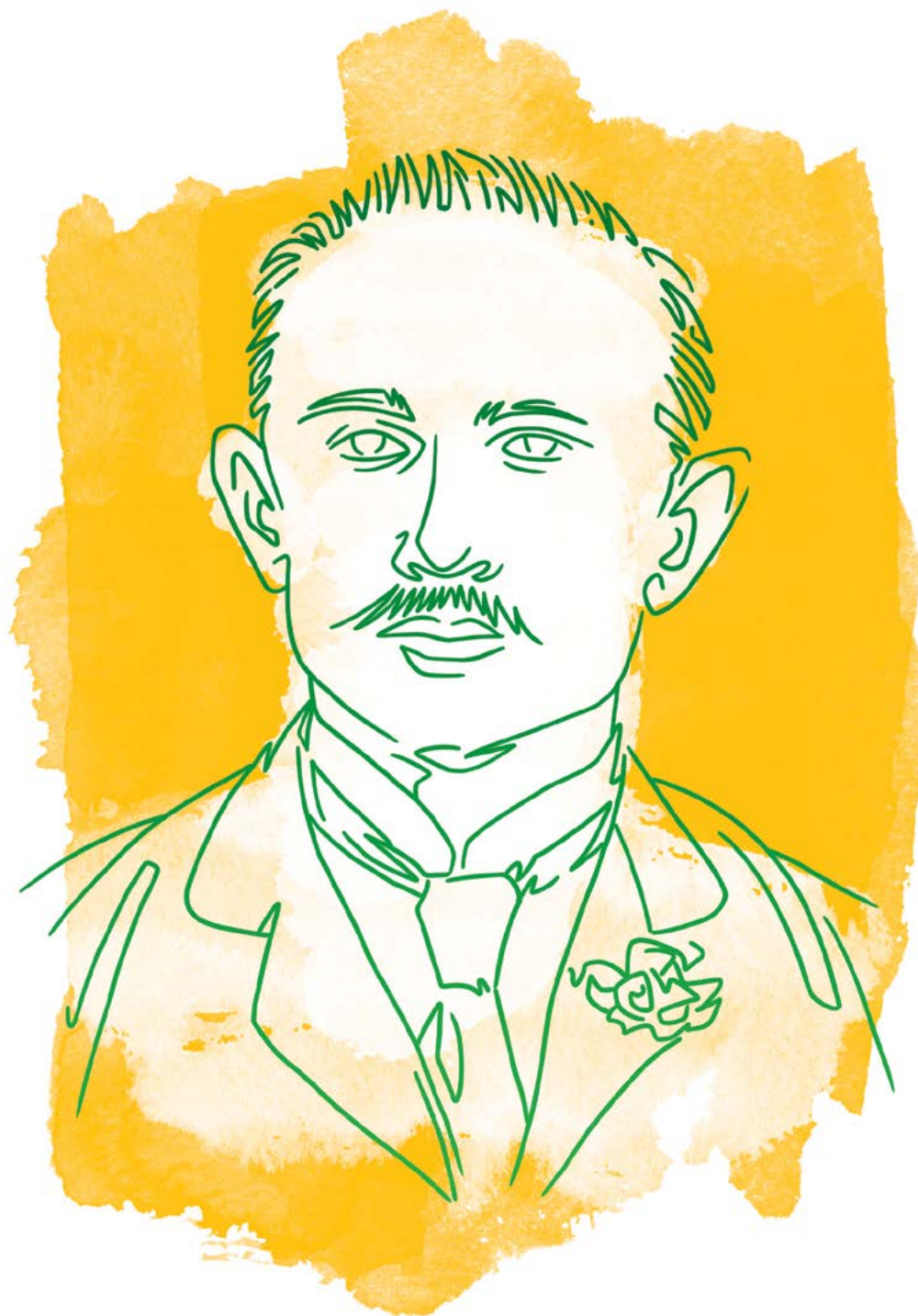
Chovia bastante na tarde daquela quinta-feira, 21 de maio de 1925, a água torrencial convertendo em barro escorregadio as estradas abertas na terra vermelha (conhecida como "tabatinga") característica da região, apresentando perigos para quem ousasse se deslocar do interior para a sede do distrito. Charretes e carroças atolavam; veículos automotores deslizavam e exigiam a instalação de correntes nos pneus para quem precisasse enfrentar o mau tempo a qualquer custo. Mas nada disso serviu de desculpa ou de impeditivo para demover a determinação de duas dezenas de habitantes da região de se deslocarem e atender a um propósito marcado anteriormente em comum acordo e que deveria ser efetivado na tarde daquela data específica, na residência do agricultor e professor José Norbert, que emprestava a casa

para sediar o encontro histórico. Ali, ao findarem as deliberações, o grupo formado por 21 homens de profissões diversas (em sua maioria agricultores, mas também empresários, industriais, educadores, profissionais liberais e comerciantes), tendo em comum o espírito de liderança comunitária e de atuação abnegada em favor do bem da comunidade em que viviam e atuavam, fundou oficialmente a Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado, a primeira cooperativa de crédito da região.

A ata de fundação trazia os nomes dos históricos primeiros associados da entidade, aqui elencados por ordem de assinatura no livro de registros: José Lange, José Norbert, Theobaldo Weiler, Guilherme Boehm, Pedro Weinmann, Guilherme Feyh, João Kipper Fi-

Ata de Fundação da Caixa Rural em 1925

José Lange
José Norbert
Theobaldo Weiler
Guilherme Boehm
Pedro Weinmann
Guilherme Feyh
João Kipper Filho
João Haas Neto
Bertholdo H. Kronbauer
Luiz F. Kronbauer
Francisco Lange
Ferdinando Goergen
Reinoldo Goergen
Alberto Arenhardt
Alberto van der Sand
Sebastião Bieger
Nicolau Watthier
Otto Goergen
Christóvão Lange
Affonso Bohn
Jacó Bruno Arenhardt
José Watthier
Henrique Overgoor



José Lange

lho, João Haas Neto, Bertholdo H. Kronbauer, Luiz F. Kronbauer, Francisco Lange, Ferdinando Goergen, Reinoldo Goergen, Alberto Arenhardt, Alberto van der Sand, Sebastião Bieger, Nicolau Watthier, Otto Goergen, Christóvão Lange, Affonso Bohn, Jacó Bruno Arenhardt, José Watthier e Henrique Overgor. Ao todo, 23 cidadãos unidos em torno de um objetivo comum: criar uma entidade que promoveria um salto desenvolvimentista na região (os dois últimos associados da lista não puderam estar presentes à reunião do dia 21, mas, mesmo assim, assinaram o livro de matrículas e integram o histórico time dos sócios-fundadores).

A primeira diretoria foi constituída tendo José Lange como presidente, José Norbert como gerente e Theobaldo Weiler na função de secretário. José Lange presidiu a entidade até o ano de 1933. Seis tópicos, elencados na ata de fundação, traçavam os principais objetivos da nova entidade. O primeiro deles era "combater a usura, fornecendo, a juros baixos, a seus sócios, e somente a eles, os capitais necessários à exploração de seu pequeno trabalho, facilitando-lhes o exercício de sua profissão". Em seguida, estabelecia-se a meta de "fazer empréstimos a curto e longo prazos, reembolsáveis por amortização periódica, mediante garantia e de acordo com as regras estabelecidas pela direção". Em terceiro: "Os empréstimos devem ter lugar para certo e determinado fim, julgado útil e produtivo pela direção". Ainda: "os juros serão calculados pelo saldo efetivamente devido". O quinto ponto afirmava que "a sociedade poderá também receber, em depósito a prazo fixo ou em conta-corrente limitada ou de movimento, dinheiro a juros não só de

sócios como de pessoas não pertencentes à sociedade". E, por fim, definia que "os valores mínimos de empréstimos e a soma total dos encargos da sociedade serão fixados anualmente pela assembleia geral".

Crédito à luz de vela

A primeira sede da Caixa Rural estabeleceu-se na própria residência do recém-emposado gerente da associação, José Norbert, no centro da vila. Não havia, na época, um horário definido de atendimento aos associados, uma vez que, assim como os demais integrantes da diretoria, Norbert dividia suas atenções às demandas de sua atividade profissional (a propriedade agrícola que possuía

próximo à estrada que ligava a localidade a Ijuí) com as exigências ainda modestas da entidade. Assim, a Caixa Rural entrava em funcionamento na medida em que surgia algum associado trazendo alguma demanda à residência do gerente. Imigrante austríaco que chegou ao Brasil no início do século XX, José Norbert desempenhou a função de gerente da Caixa Rural desde a fundação até o ano de 1956. Era comum, na época, a significativa maioria das caixas rurais estabelecidas no Estado operarem nas residências de seus presidentes, diretores, gerentes e associados, em condições difíceis. Não raro, as comunidades cediam as dependências dos salões paroquiais e dos clubes para abrigar as atividades das cooperativas. Sede própria configurava uma raridade entre as cooperativas de crédito rural naqueles primórdios.

A primeira sede da Caixa Rural de Serra Cadeado sequer contava com energia elétrica em seus primeiros anos de atividade, uma vez que a residência do gerente situava-se na área rural, região ainda desatendida pelo fornecimento de luz oriunda de um gerador a combustível, que atendia somente a área urbana. Em função disso, quase a totalidade das atividades da Caixa precisava ser desenvolvida durante o dia. Casos urgentes que invadissem a noite tinham de ser resolvidos à luz de velas ou de lampiões. As intempéries, que tornavam as estradas vicinais quase intransitáveis, e as longas distâncias, que só podiam ser vencidas a cavalo ou com carroças, dificultavam a mobilização dos associados e dos próprios diretores, tornando comum a necessidade de adiar a realização de assembleias por absoluta falta de quórum. A escassez de recursos que caracterizou a cooperativa em seus primeiros anos, com linhas limitadas de crédito a oferecer a seus associados, chegou a fomentar o surgimento do apelido "Caixinha da Miséria" para designar jocosamente a cooperativa. Tempos difíceis, que foram sendo contornados pela competência e dedicação dos primeiros associados e diretores, em favor do bem comum e do crescimento e consolidação da cooperativa.



Primeira sede da Caixa Rural de Serra Cadeado

Padres europeus visionários

Não se pode resgatar a memória dos primórdios da fundação da Caixa Rural de Serra Cadeado sem lançar um olhar atento à atuação de um clérigo jesuíta que foi crucial para a

criação da entidade, quase um século atrás. Trata-se do padre austríaco João Evangelista Rick (Johannes Rick, conforme a certidão de nascimento original), que auxiliou, com seu conhecimento de causa e experiência anterior, em todo o processo de instituição da cooperativa, de formação de seus estatutos e na delimitação de seus objetivos. Padre Rick integra um trio histórico de jesuítas que se notabilizou por atuar de forma decisiva no processo de organização e estabelecimento das Caixas Rurais instituídas nos núcleos de colonização nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina no alvorecer do século XX. Somam-se a ele os nomes dos padres Theodor Amstad e Max Von Lassemberg, que vieram a ser conhecidos como "os pais dos colonos" pelas comunidades agradecidas por sua dedicação. Importante conhecer brevemente a saga desses religiosos para compreender o espírito comunitário e solidário que até hoje rege a ação das Sicredis derivadas dessas precursoras entidades, geridas no seu cotidiano sempre por cidadãos e cidadãs proativos e cientes da importância de suas ações em benefício da comunidade e de seus membros.

Imigrantes europeus passaram a colonizar diversas áreas do interior do Rio Grande do Sul ao longo do século XIX em sucessivas levadas organizadas pelas autoridades brasileiras que, ao fundar colônias, apostavam no povoamento e desenvolvimento das imensas áreas até então inóspitas do Estado. A região de Serra Cadeado, no Noroeste do Estado, ligada à Colônia Ijuhy (que se emanciparia em 1912 do município-mãe Cruz Alta), passou a receber imigrantes europeus, em especial alemães, já a partir do final daquele século.



Padre Johannes Rick



Mapa Parcial do Rio Grande do Sul e Divisão Municipal em 1900, período no qual Ijuí pertencia a Cruz Alta, obedecendo a ortografia da época

Pragas devastando as lavouras, más condições das estradas (na verdade, na maioria das vezes, picadas precárias abertas pelos próprios colonos à medida em que iam avançando mata adentro em busca de melhores locais para instalar suas colônias), escassez de recursos para desenvolver satisfatoriamente o trabalho e ausência de linhas de crédito para incentivar e incrementar a produção figuravam entre as principais dificuldades enfrentadas de imediato por aqueles primeiros moradores da região. A presença de filiais de bancos nacionais era uma raridade

no interior do Rio Grande do Sul até a década de 1930 e as poucas instituições financeiras particulares que surgiam procuravam atender às necessidades dos imigrantes da melhor forma possível. A postura dos governos federal e estadual frente às necessidades e dilemas dos colonos era de distanciamento e de desamparo, o que passou a dar margem para a ação de clérigos jesuítas como os padres Rick e Amstad, que viam no trabalho cooperativo e associativo a única maneira de promover a prosperidade das colônias e dos seus habitantes. A semente da mentalidade

coletiva foi sendo plantada entre as comunidades, abrindo campo para a criação das primeiras caixas rurais.

Um dos principais precursores dessas práticas associativistas foi o padre suíço Theodor Amstad, nascido em Lucerna, que se dedicou a realizar seu trabalho missionário junto às colônias de imigrantes alemães catarinenses e gaúchas. No simbólico ano de 1900, quando um novo século se iniciava, a localidade gaúcha de Santa Catarina de Feliz (que depois se transformaria no município de Feliz) sediava

a terceira edição do Congresso dos Teutos. Presente no evento, o padre Amstad lançou a proposta de criar uma associação que unisse os agricultores em suas demandas comuns, em especial na busca por melhores condições de trabalho e no aprimoramento das raças de gado que eles vinham criando. Aceita a ideia, fundou-se então a Associação de Agricultores do Rio Grande do Sul. Dois anos mais tarde, em 1902, a localidade de Linha Imperial de Nova Petrópolis (então pertencente ao município de São Sebastião do Caí) sediava uma reunião da nova entidade quando, mais uma vez, o padre Amstad usou a palavra para externar a sugestão de criar uma caixa de crédito que auxiliasse a atenuar as dificuldades financeiras existentes nas colônias. Como resultado, apenas alguns meses mais tarde, era fundada a Sociedade Cooperativa Caixa de Economia e Empréstimos de Nova Petrópolis, a primeira desse tipo em todo o território brasileiro, que serviria de molde e de origem às demais caixas rurais que passariam a surgir no Estado a partir dali, sendo hoje reconhecida como a semente do Sistema Sicredi.

O já tradicional Congresso dos Teutos, que em 1912 realizou-se em Venâncio Aires, marcou a criação da Sociedade União Popular Católica, cujo objetivo era ampliar as ações da Associação dos Agricultores, atendendo também às necessidades espirituais dos colonos de origem alemã. Mais uma vez, o padre Amstad figurava entre os fundadores e, a partir de então, na condição de secretário da entidade, passou a viajar pelo interior do Rio Grande do Sul pregando e fundando novas Caixas de Crédito Rurais. A consequência da abertura das linhas de crédito aos colonos

A semente da mentalidade coletiva foi sendo plantada entre as comunidades, abrindo campo para a criação das primeiras caixas rurais.

empreendedores e do estímulo à poupança logo começou a se fazer notar nas comunidades dotadas com as caixas rurais, a partir do surgimento de escolas, igrejas, hospitais e empreendimentos diversos edificadas com os recursos obtidos por meio das facilidades oferecidas por aquelas entidades financeiras. Após sofrer um acidente em uma de suas tradicionais andanças pelo interior gaúcho, caindo do cavalo e se machucando, já aos 70 anos de idade, em 1919, o padre Amstad decide passar o posto de secretário da União Popular Católica para seu colega jesuíta, o padre João Evangelista Rick, que daria continuidade à missão cooperativista que vinha empreendendo.

Padre Johannes Rick nasceu em 1869 na Áustria, em Dornbirn, e ingressou na ordem jesuítica no ano de 1887. Após optar por desenvolver seu trabalho missionário no Brasil, para onde partiam levas de colonos alemães e austríacos, o padre Rick ingressou em um convento de jesuítas em Lisboa durante algum tempo a fim de aprender a língua portuguesa e, em 1903, aportou em terras brasileiras, em especial, no Rio Grande do Sul. Mais tarde, sob a tutela do colega padre Amstad, agora impossibilitado fisicamente de dar continuidade às suas atividades, o padre Rick

herdou a missão de prosseguir ajudando na criação de Caixas Rurais pelas colônias. Foi essa intensa agenda de atividades que acabou conduzindo o padre Rick até a Serra do Cadeado na metade da década de 1920, onde então, com todo o seu carisma e conhecimento, incentivou o já citado grupo de 23 cidadãos locais a fundarem, em 21 de maio de 1925, a Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado, fazendo História e lançando as bases para o desenvolvimento de uma entidade associativista que mais tarde culminaria na Sicredi Augusto Pestana RS e, já no início do século XXI, na Sicredi das Culturas RS/MG.

Serra Cadeado ganha sua Caixa Rural

Já no próprio ato de fundação da Caixa Rural de Serra Cadeado, os membros da nova entidade se preocuparam em estabelecer o primeiro Estatuto Social da cooperativa, permitindo e regulamentando sua atuação de acordo com os termos federais estabelecidos pelo Decreto do Poder Legislativo Número 1.637, de 5 de janeiro de 1907. Um total de dez capítulos delimitava as atribuições e a

essência da cooperativa, tendo no conteúdo expresso nos dois primeiros tópicos a explicação da definição e da vocação da associação, voltada à missão fundamental de fornecer aos habitantes da comunidade os meios financeiros para empreender e desenvolver seus negócios, em busca do crescimento conjunto. As cooperativas de crédito estavam amparadas por lei a receber dinheiro a juros tanto dos associados quanto de pessoas externas. Já os empréstimos da Caixa restringiam-se aos associados, a juros baixos, incentivando o empreendedorismo.

O terceiro capítulo do Estatuto cuidava da criação de um Fundo de Reserva, destinado a servir de lastro para cobrir eventuais prejuízos sofridos pela cooperativa ao longo do exercício anual. O montante desse Fundo não era distribuído entre os associados no final do ano, sendo alimentado pelas doações eventuais espontâneas efetivadas pelos cooperativados ou por terceiros, além de 80% dos lucros anuais da cooperativa (os demais 20% dos lucros eram direcionados às despesas gerais e para ações benemerentes da comunidade). Esse Fundo (que na prática se configurava em capital social da cooperativa) revestia-se de uma importância vital para garantir a saúde financeira da associação desde seu nascimento, uma vez que, na época, raramente as novas sociedades se estabeleciam apresentando capital inicial, já que não havia a obrigatoriedade legal de os sócios efetuarem depósitos no ato de sua admissão. Além de conferir a segurança necessária para a saúde financeira da entidade, o Fundo permitia reinvestir o excedente em obras sociais na comunidade e no crescimento do patrimônio da própria cooperativa, promovendo a me-

lhoria de sua estrutura física, adquirindo material de expediente e assim por diante.

As solicitações de crédito junto à Caixa Rural, naqueles primeiros tempos, destinava-se prioritariamente a ações como a aquisição do primeiro lote de terra, de insumos, de animais e de meios de transporte para o trabalho. Entre os benefícios direcionados à comunidade por meio de verbas oriundas da Caixa, naquele período, pode-se destacar a construção do Colégio Santo Alberto em 1938; a construção de uma nova Casa Paroquial da Comunidade de Santo André, inaugurada em 1940 e a colaboração nas obras que resultaram na fundação do Hospital São Francisco (da então já conhecida Vila Dr. Pestana), em 1943.

O quarto capítulo do Estatuto discorria a respeito dos direitos e deveres dos associados da cooperativa, conferindo especial atenção às normas que regulamentavam a possibilidade de formar chapas e concorrer a cargos de direção da entidade, bem como o direito de participar do maior órgão deliberativo da associação, constituído pelas assembleias gerais. A livre adesão à cooperativa por parte de indivíduos atuantes em todas as áreas produtivas (em especial a agricultura, mas também aberto à indústria, ao comércio e aos serviços em geral) ficava explícita no texto do Capítulo IV. Os procedimentos e regras para a adesão, demissão e desligamento de associados vinham estabelecidos no Capítulo V. O sexto capítulo tinha como foco explicitar e detalhar as funções e o alcance das decisões da Assembleia Geral, bem como as formas de votação a serem empreendidas nas suas deliberações. A Diretoria da cooperativa e seu Conselho Fiscal eram estabelecidos nos termos dos capítulos VII e VIII, detalhando sua

Fundo de Reserva Caixa Rural de Serra Cadeado

80%
Lucros Anuais

20%
Despesas Gerais
Obras Sociais

CAPITAL SOCIAL

**19
38**

Construção do Colégio Santo Alberto, com verbas oriundas da Caixa Rural

**19
40**

Construção da nova Casa Paroquial de Santo André, com verbas oriundas da Caixa Rural

**19
43**

Fundação do Hospital São Francisco, com colaboração da Caixa Rural

constituição, funções e duração dos mandatos. A dissolução da cooperativa e as disposições gerais não abordadas anteriormente eram os tópicos enfocados nos dois capítulos derradeiros do primeiro Estatuto da Caixa Rural de Serra Cadeado.

Fato relevante para a História da cooperativa e no sentido de assegurar suas atividades dentro dos trâmites legais estabeleceu-se no dia 23 de fevereiro de 1926, quando então a Central das Caixas Rurais, sediada em Porto Alegre e que congregava e normatizava as atividades de todas as Caixas existentes no Rio Grande do Sul, procedeu ao registro da Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado na Junta Comercial do Estado. Registrada sob o número 16.733, agora a cooperativa estava habilitada a operar normalmente dentro das formas da lei. A Central das Caixas Rurais do RS havia sido fundada em setembro de 1925, com o intuito de supervisionar, assessorar e padronizar a atuação das diversas Caixas Rurais que vinham sendo criadas por todo o Estado, prestando inestimável suporte às ações das entidades associadas junto às comunidades em que atuavam.

O sonho da sede própria

As duas décadas seguintes seriam pautadas pela condução dos destinos da cooperativa a partir do empenho e dos esforços da diretoria presidida pelo empresário Alexandre Cardinal, que também deixou sua marca na história da entidade. Cardinal, respeitado e

influente na comunidade local, associou-se à Caixa Rural em 6 de abril de 1933 e já assumia a presidência da entidade na eleição realizada durante a Assembleia Geral do dia 17 daquele mesmo mês, substituindo o primeiro presidente, José Lange. Cardinal respondeu pela presidência da cooperativa até o ano de 1950, sendo sucessivamente reconduzido ao cargo devido à competência e seriedade com que cuidava dos interesses da cooperativa e

dos associados, especialmente enfrentando os reflexos oriundos dos períodos internacionais de crise gerados por fatos históricos marcantes como a quebra da Bolsa de Nova Iorque (em 1929) e a Segunda Guerra Mundial (de 1939 a 1945).

A credibilidade que a cooperativa conquistava junto à comunidade local era tamanha que, já nos seus primeiros dez anos de exis-



◀ Alexandre Cardinal

**19
26**

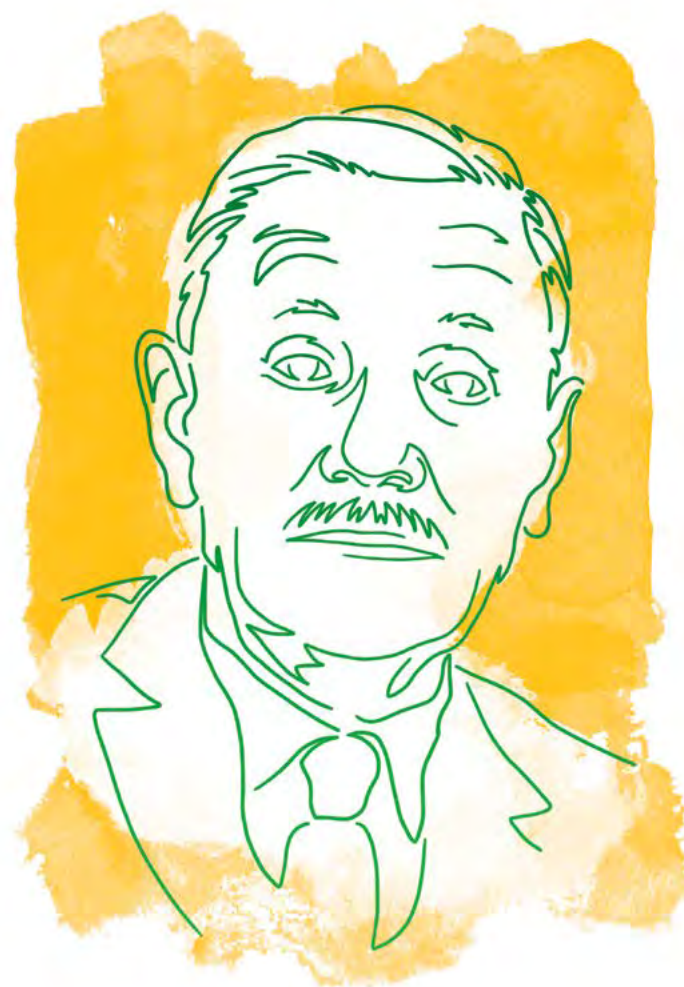
23 de fevereiro
Registro da Caixa Rural União
Popular de Serra Cadeado na Junta
Comercial do Estado

**19
33**

17 de abril
Alexandre Cardinal assume a
presidência da Caixa Rural de Serra
Cadeado

tência, atraiu a associação de 447 pessoas (85% agricultores e, os demais, dedicados a atividades diversas no comércio, na indústria e nas profissões liberais). Desde seus primórdios, a Caixa Rural de Serra Cadeado oferecia seus serviços para moradores da área rural e também da área urbana, fomentando o empreendimento de negócios em todas as esferas da atividade econômica regional, sem distinções, promovendo um crescimento equitativo fundamental para o desenvolvimento da comunidade como um todo. Nessa primeira década, já era possível contabilizar a presença de 10% dos associados sendo residentes no Município de Ijuí (ao qual a Vila de Serra Cadeado pertencia), que distava cerca de um dia de viagem.

Na Assembleia Geral de 5 de março de 1950, Alexandre Cardinal passava a presidência da Caixa Rural para seu sucessor, Germano Hickmann, que conduziria a cooperativa até 1969. Logo após sua posse, em maio, o novo presidente organizava a grande festividade alusiva aos 25 anos de fundação da cooperativa, envolvendo toda a comunidade local e de Ijuí, com a presença de várias autoridades. Em sua gestão, focou na ampliação dos serviços fornecidos pela cooperativa aos seus associados e à comunidade. Um dos exemplos dessa conduta concretizou-se já em 1951, quando a Caixa Rural de Serra Cadeado, em conjunto com iniciativas dos poderes públicos municipal e estadual, empreendeu o projeto de construção do Grupo Escolar de Dr. Pestana, conferindo sede própria ao educandário que, até então, desenvolvia suas atividades em um prédio alugado precário. Entre suas ações marcantes à frente da cooperativa, Germano Hickmann conduziu a pri-



Germano Hickmann

meira reforma estatutária da Caixa Rural de Serra Cadeado, adequando as normas às novas exigências federais, em 1955, em função da criação, em 1943, da Caixa de Crédito Cooperativo pelo Governo Federal, transferindo a fiscalização das cooperativas ao Ministério da Agricultura. Em 1951, uma lei transformou a Caixa de Crédito Cooperativo no Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC).

No início da década de 1950, a Caixa Rural de Serra Cadeado já apresentava um quadro social composto por quase mil associados, situação decorrente e representativa do fato de o distrito de Dr. Pestana, na época, ter assumido o posto de região mais produtiva do município de Ijuí, contando com 73 pequenas indústrias. Em função disso, a necessidade de transferir a administração da cooperati-

va da até então improvisada residência dos gestores para uma sede própria tornou-se imperativa. O financiamento para o projeto da sede foi obtido em 1958 junto à Central de Caixas em Porto Alegre e o terreno foi adquirido já no ano seguinte, na área central urbana do distrito. A nova sede administrativa da cooperativa, própria, foi inaugurada no ano de 1966.

Surge a Credipel

A partir da mudança da estrutura do poder resultante do golpe militar de 1964, o novo governo procedeu a alterações profundas na política econômica do país que resultaram em um processo de retração nas Caixas Rurais seguidoras do Sistema Raiffeisen. Os obstáculos criados resultaram no fechamento das atividades de diversas Caixas Rurais pelo país, incluindo o encerramento das atividades da Central das Caixas Rurais do RS em Porto Alegre, em 1964, gerando graves consequências para o setor. No Rio Grande do Sul, das 64 cooperativas de crédito então existentes, sobraram ativas somente nove, entre elas, a de Augusto Pestana. Uma nova mudança nos Estatutos da cooperativa acontece em setembro de 1966, quando então sua razão social deixa de ser Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado para adotar a denominação de Cooperativa de Crédito Caixa Raiffeisen de Augusto Pestana, coincidindo com o desmembramento da localidade de Ijuí e o nascimento do município de Augusto Pestana, concretizado em 14 de maio daquele ano.



◀ Ary Hintz

A nova fase da Cooperativa passaria a ser capitaneada pelo associado Ary Hintz, que assumiu a presidência em maio de 1969 e ficou no cargo até 1973, quando foi eleito prefeito de Augusto Pestana. Novas instruções normativas baixadas pelo Banco Central em 1970 obrigam a uma nova alteração da razão social, passando então a denominar-se Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda.

(Credipel). Paralelamente a isso, a política econômica dos governos militares seguia aprofundando a crise nas cooperativas de crédito rural em todo o país, que passavam a ver cerceadas e limitadas suas condições de fornecer crédito aos associados e ampliar seu quadro social, frente ao incentivo federal concedido à ampliação da atuação dos bancos privados. O maior patrimônio das Caixas

**19
64**

Encerramento das atividades da Central das Caixas Rurais do RS, em Porto Alegre

**19
66**

A Caixa Rural União Popular passa a ser chamada Cooperativa de Crédito Caixa Raiffeisen de Augusto Pestana

**19
69**

Ary Hintz assume a presidência da cooperativa



Evaldo Köester

Rurais remanescentes (entre elas a Credipel) seguia sendo a confiança depositada pela comunidade, o que garantiu sua sobrevivência naquele período conturbado e permitiu sua reestruturação mais tarde.

O reerguimento das Cooperativas de Crédito só começaria a se formatar a partir da cria-

ção da Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul (Cocrecr - RS), em 1980 – por iniciativa da Fecotriga –, à qual a Credipel logo viria a se associar, em 1983. Nessa época, a Cooperativa Pestanense já contava com um novo presidente, Evaldo Köester, que assumira o posto em 1973 e nele permaneceria até 1989. Em 1985, a Credipel encontrou

uma alternativa importante para enfrentar a crise no setor agrícola (que refletia diretamente na crise das cooperativas de crédito rural) ao assinar com o BNCC um convênio que lhe permitia fazer uso do sistema de compensação daquela entidade, agilizando a prestação de serviços da cooperativa aos seus associados. Isso possibilitou, por exemplo, que os associados da Credipel pudessem passar a usar os talões da cooperativa para efetuar pagamentos em outras praças.

Foi nesse período que se estabeleceu a crucial parceria e apoio prestados pela Cotrijuí à Credipel (e a todas as demais cooperativas de crédito agrícola existentes nos municípios em que a Cotrijuí possuía postos avançados). O suporte se concretizou a partir da assinatura de um convênio entre as duas cooperativas, pelo qual a Credipel assumiria o serviço de pagamento do leite fornecido pelos associados da Cotrijuí, aproveitando, em contrapartida, o momento do contato com os produtores para apresentar e oferecer os produtos da Credipel, como empréstimos, abertura de conta corrente, fornecimento de talões de cheques e assim por diante. Os valores eram depositados pela Cotrijuí na Credipel, que efetivava os pagamentos aos produtores.

As medidas econômicas federais baixadas pelo governo José Sarney na Presidência da República em 1986, conhecidas como "Plano Cruzado", acabaram comprometendo ainda mais a situação das raras cooperativas de crédito rural que ainda insistiam em existir no Brasil, entre elas, a Pestanense. O impacto negativo foi tão profundo que uma Assembleia Geral Extraordinária da Credipel chegou a ser convocada para o dia 19 de maio de

**19
70**

A Razão Social da cooperativa passa a denominar-se Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda. (Credipel)

**19
73**

Evaldo Köester assume a presidência da Cooperativa Pestanense

**19
80**

Criação da Cooperativa Central de Crédito Rural do RS (Cocrecr - RS)

1986, tendo como ordem do dia a deliberação específica sobre a viabilidade ou não de prosseguir com as atividades da cooperativa. O que salvou a Credipel de encerrar suas atividades naquele momento crítico foi a decisão de apresentar uma proposta de negociação à Cotrijuí, para que ela auxiliasse a Credipel a enfrentar e superar as dificuldades pelas quais estava passando. A proposta foi aceita e colocada em prática pela Cotrijuí, consolidando ainda mais uma parceria que simbolizava na prática o conceito de união e cooperativismo defendido por ambas as entidades.

Apesar disso, a crise financeira da Credipel persistia e a retração do seu capital obrigou a cooperativa a abrir mão temporariamente de sua sede própria, com cujas despesas de manutenção não conseguia mais arcar, e transferir seu setor administrativo para junto do prédio da Cotrijuí Augusto Pestana. Essa atitude permitiu a paulatina reestruturação financeira e administrativa da Credipel, melhorando seus resultados e apontando

para a retomada firme de suas atividades. A sede da Credipel seria reinaugurada em 1991, simbolizando a reestruturação da cooperativa frente aos associados. O processo de informatização do sistema de contabilidade da cooperativa se deu nesse período, utilizando também a estrutura da prestadora de serviços em informática da Cotrijuí, a Cotridata.

Os dois primeiros computadores da Credipel seriam adquiridos em 1989, a partir de um financiamento obtido junto ao BNCC, levando o mundo da informática ao setor de contabilidade da cooperativa. Um marco histórico. O diretor Administrativo da época, Bruno van der Sand, recorda que a decisão de adquirir uma máquina daquela natureza representava um grande salto tecnológico e um investimento de peso. "Era preciso aprovar a compra em reunião de diretoria e o vendedor de computadores visitava a clientela de terno e gravata, tamanha a solenidade do ato", ilustra ele.

"Era preciso aprovar a compra em reunião de diretoria e o vendedor de computadores visitava a clientela de terno e gravata, tamanha a solenidade do ato".

A URDC e a Sicredi Pestanense

A Central de Processamento de dados (CPD) da Credipel seria instalada já no ano seguinte, em 1990, e a cooperativa ingressava definitivamente na era da informática. Esse momento vivenciaria um de seus ápices em 2001, quando um novo passo importante seria dado nessa área, com a criação em Ijuí da Unidade de Processamento Regional (UPR), unificando o processo de contabilidade das cooperativas de crédito de Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi e Santo Augusto. A URDC derivou da UPR, instituída ainda em 2001 entre as quatro cooperativas. Era a semente da união total das quatro cooperativas que anos mais tarde se concretizaria com a criação da Sicredi das Culturas RS, em 2013.

A criação das UPRs (depois transformadas em URDCs) decorreu da compreensão de que essa se configurava na maneira mais eficiente de as cooperativas, atuando de forma integrada, obterem otimização na eficiência dos serviços e redução de custos operacionais internos. Os ganhos obtidos se concretizavam em aspectos como qualificação das equipes envolvidas, ganho de escala nos trabalhos desenvolvidos, padronização dos processos administrativos e aprimoramento do nível de controle das operações. A definição das diretrizes, dos cronogramas de atuação e das atividades a serem desenvolvidas pela URDC ficava a cargo de um Comitê Gestor, integrado pelos presidentes e/ou vice-presidentes das cooperativas envolvidas, pelos gerentes regionais e pelo Gerente de Controladoria.

**19
89**

Aquisição dos dois primeiros computadores da Credipel para o setor de contabilidade

Bruno van der Sand assume a presidência da cooperativa

**20
01**

UPR entra em funcionamento

Uma nova troca no comando da Credipel se efetivaria em janeiro de 1989, quando o então presidente Evaldo Köester passa o cargo para seu sucessor, Bruno van der Sand, que vai presidir a cooperativa até o início de 2011 (eleito em nove mandatos consecutivos). Bruno van der Sand tem uma história familiar que se entrelaça com a história da Caixa Rural e da Sicredi em Augusto Pestana RS, por ser neto e filho de fundadores da cooperativa. "Praticamente me criei dentro da cooperativa, vendo meu avô e meu pai trabalharem", recorda Bruno, que ingressou nos quadros administrativos da Sicredi Pestanense em 1986, ao ser eleito para o cargo de diretor Administrativo. Foi durante sua primeira gestão que, em 1990, o governo federal extinguiu o BNCC, obrigando a Credipel a buscar novo convênio de linhas de crédito, desta vez junto ao Banco do Brasil.

Naquela década, a Cocecrer passou por uma ampla reformulação estrutural e econômica que resultou também, em 1992, na alteração de sua denominação para Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) Central, definindo a extensão da nova denominação às entidades filiadas, o que fez a Credipel se transformar na Sicredi Augusto Pestana RS, ingressando naquilo que ficou conhecido internamente como a "Nova Fase". O alcance e a diversificação dos serviços que passaram a ser oferecidos a partir desse momento resultaram em uma expansão significativa do raio de ação da Sicredi Augusto Pestana RS a partir de então.

A expansão tem início em 1991 com a inauguração de uma agência Credipel no município vizinho de Coronel Barros. No ano seguinte, o caixa avançado que a cooperativa mantinha



Bruno van der Sand

**19
91**

Inauguração de uma agência Credipel em Coronel Barros

**19
92**

Cocecrer passa a ser Sicredi

Transferência do caixa avançado da Credipel de Jóia das dependências da Cotrijuí para o centro do município, como agência

**19
93**

O posto instalado nas dependências da Cotrijuí de Ijuí foi transferido para a Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais

Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (Fates)

Resultado do ano anterior

50%
Distribuído entre os associados

45%
Fundo de Reserva

5% Fates

dentro das dependências da Cotrijuí no município de Jóia migrou para o centro daquela cidade, transformando-se também em uma agência. Em 1993, a mesma operação foi realizada em Ijuí, cujo caixa avançado até então localizado nas dependências da Cotrijuí Sede foi transferido para o centro da cidade, junto à sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Na época, a Credipel já possuía mais de mil associados em Ijuí. Pouco tempo depois, em 1997, o posto avançado ijuicense tornou-se a Agência Ijuí Centro. Uma agência foi inaugurada em Bozano no ano de 2001. A expansão do atendimento pela região de atuação seguia um curso firme, apontando para a necessidade de novas medidas que abrigassem melhor esse alargamento de horizontes. No ano de 2002 a Sicredi Augusto Pestana RS possuía unidades de atendimento nos municípios de Augusto Pestana (sede), Bozano, Coronel Barros e Ijuí (com postos de atendimento no Centro, na Ceriluz e na Cotrijuí). Em 2009 a unidade de atendimento Ceriluz, muda de endereço, a poucas quadras dali e passa a se chamar agência Ijuí São Francisco. Anos mais tarde, em 2014, quando a Sicredi das Culturas RS já estava formada, a instituição financeira cooperativa decide ampliar sua atuação no município sede, inaugurando sua terceira agência, a Ijuí Imigrantes.

Várias mudanças internas e organizacionais foram sendo implementadas na cooperativa, atendendo sempre às novas normas reguladoras estabelecidas em âmbito federal. O cargo de gerente, por exemplo, que desde a fundação da Caixa Rural era eletivo e integrante da diretoria, teve seu caráter alterado pelo Banco Central e, a partir de meados da década de 1980, passou a ser ocupado por

funcionário diretamente contratado para exercê-lo (oriundo do mercado ou ascendendo internamente ao posto). Vale destacar que, em 1995, foi constituído o Bansicredi (Banco Cooperativo Sicredi S.A.), com a função de promover a integração de todas as cooperativas do Sistema Sicredi, que passaram a ser suas acionistas.

Mais tarde, o Sistema Sicredi passou também a adotar a norma instituída pela Lei Cooperativista que regulamentou a criação do Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (Fates), cuja meta é proporcionar serviços de assistência direta aos associados e seus dependentes, em programas específicos aprovados em assembleia. Ao Fates a cooperativa passou a destinar 5% do resultado obtido no exercício do ano anterior, sendo os demais 95% assim distribuídos: 45% migram para o Fundo de Reserva da cooperativa e os demais 50% são distribuídos entre os associados, proporcionalmente à movimentação realizada por cada um ao longo do ano anterior. Por meio do Fates, o Sicredi investe em diversos programas sociais nas comunidades dos municípios em que atua, como educação, treinamento, eventos, ações culturais, esportivas, artísticas, comunitárias e assim por diante.

A conquista da Livre Adesão

Outro importante passo foi consolidado em 25 de junho de 2003, quando a publicação da Resolução 3.106 do Conselho Monetário Nacional (CMN) aprimorou as disposições

**19
95**

Constituição do Bansicredi (Banco Cooperativo Sicredi S.A.)

**19
97**

Inauguração da agência Credipel Ijuí Centro

**20
01**

Inauguração da agência de Bozano

Comemoração e lançamento do livro dos 85 anos da Sicredi Pestanense



Comemoração e lançamento do livro dos 85 anos da Sicredi Pestanense



(Imagens: Foto Andréia)

então vigentes relativas à natureza das cooperativas, passando a permitir a Livre Adesão. Assim, quebrou-se a restrição existente até então, que limitava as cooperativas de crédito rural a somente admitirem em seus quadros associativos os trabalhadores rurais, privadas de estender sua ação aos demais setores produtivos e profissionais da sociedade. Em 2005, foi aprovada a livre admissão em Assembleia Geral Extraordinária, passando a denominar-se Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Pestanense - Sicredi Augusto Pestana RS, o que permitiu um salto no processo de ampliação do quadro social da cooperativa.

Ainda durante sua gestão, o presidente Bruno van der Sand empreendeu a publicação de um livro resgatando os primeiros 85 anos da Sicredi Augusto Pestana RS, que nasceu em 1925 sob a denominação de Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado. A obra, intitulada "Sicredi Augusto Pestana: 85 Anos. Da Caixa Rural ao Sistema de Crédito Cooperativo", assinada por Josei Fernandes Pereira, foi publicada em 2010 e oferecia um amplo e detalhado resgate da trajetória de quase um século desse vitorioso e exemplar empreendimento cooperativo, servindo de base e fonte crucial para a elaboração deste capítulo do livro.

**20
03**

25 de junho
A Resolução 3.106 do CMN
possibilita a Livre Adesão
de associados

**20
05**

É aprovada a Livre
Admissão em Assembleia
Geral Extraordinária

**20
09**

21 de setembro
Inauguração da agência
Ijuí São Francisco



Antenor José Vione

Van der Sand respondeu pela presidência da Sicredi Augusto Pestana RS até o início de 2011, passando então o cargo a Antenor José Vione, que acompanhou o processo de união das quatro cooperativas que dariam origem à Sicredi das Culturas RS, em 2013,

iniciando uma novíssima fase de expansão e de ressignificação do trabalho da cooperativa junto à comunidade e aos seus associados.

**20
10**

Publicação da obra "Sicredi Augusto Pestana: 85 anos. Da Caixa Rural ao Sistema de Crédito Cooperativo"

**20
11**

Antenor José Vione assume a presidência

**20
14**

19 de maio
Inauguração da agência
Ijuí Imigrantes

Capítulo

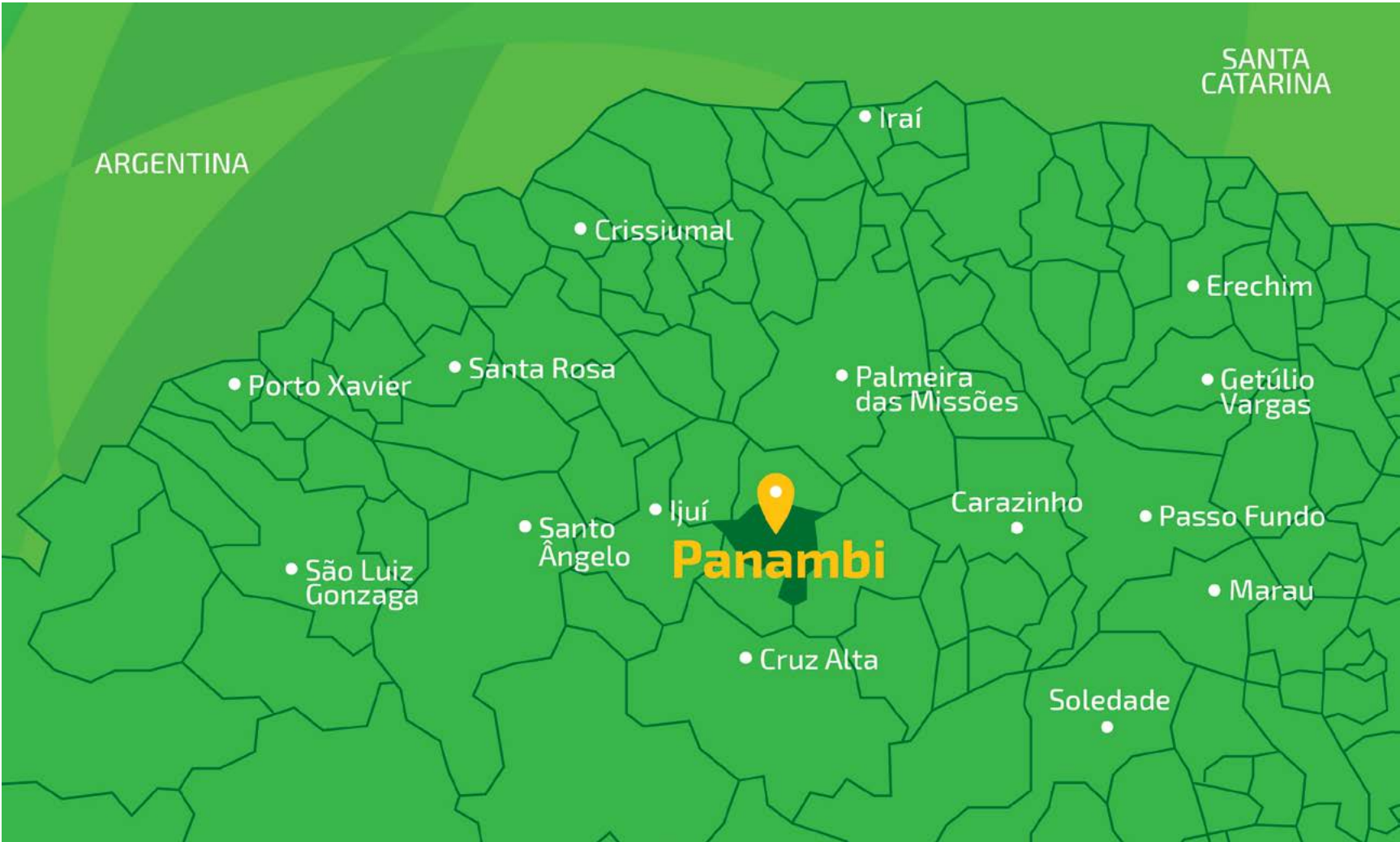
Primeira Sede da Caixa Rural em Panambi



Sicredi Panambi RS *No “Vale das Borboletas”, a semente do futuro*

O conceito e a compreensão de que o associativismo de forma cooperada era uma necessidade vital e a principal via de solução para diversos problemas comuns enfrentados pelos colonos e habitantes da região nasceu praticamente junto com o próprio surgimento do povoado que, mais tarde, daria origem ao atual município de Panambi. O cooperativismo está na essência da conformação psíquica dos moradores da região e vem sendo transmitido como legado cultural ao longo das gerações, fenômeno que ajuda a explicar o desenvolvimento precoce e consistente, na localidade, de entidades voltadas à busca pelo bem-estar e pelo crescimento comum da comunidade, resultando, nos tempos modernos, na criação de uma das cooperativas Sicredi mais antigas e referenciais de todo o Estado do Rio Grande do Sul, a Sicredi Panambi RS, cujas origens remontam à fundação da Caixa Rural de Neu-Wuerttemberg, em 1931, conforme veremos.

Mapa Parcial do Rio Grande do Sul e Divisão Municipal em 1966



Panambi emancipou-se de Cruz Alta e tornou-se município autônomo em 15 de dezembro de 1954, apenas dez anos depois de ter adotado oficialmente o nome que, na língua tupi-guarani, significa “vale das borboletas” ou “rio das borboletas”, em alusão à profusão de mariposas e pequenos insetos semelhantes existentes na região. Em 1944, havia adotado a denominação de “Tabapirã”, que, também em tupi-guarani, significa “os limites, os confins da aldeia”, abandonando o topônimo de “Pindorama” (“a região das palmeiras”), que fora adotado a partir de 1938. De 1901 a

1938, a localidade chamava-se Elsenau, em homenagem à senhora Else Meyer, esposa do principal colonizador daquelas terras, o imigrante alemão Herrmann Julius Meyer. Visionário e com boas condições financeiras, Meyer adquiriu longas extensões de terras do município de Cruz Alta em 1899, onde fundou uma colônia com o intuito de atrair imigrantes alemães provenientes da região de Wuerttemberg, no sudoeste da Alemanha. Naqueles primórdios, a colônia passou a ser chamada de Neu-Württemberg (“Nova Württemberg”), ou, em algumas variações da

grafia, Neu-Wuerttemberg. O projeto de colonização, idealizado ainda na Alemanha pelo pai de Meyer, um editor e impressor famoso e bem estabelecido, incluía, desde a origem, não só o assentamento de colonos em lotes, mas também a conformação de uma cooperativa entre eles, obedecendo ao espírito associativista inerente aos migrantes alemães, que se tornaria característica e daria origem ao fenômeno que, no Rio Grande do Sul, frutificaria nas Caixas Rurais, gênese das cooperativas do Sistema Sicredi.

Comando da Coluna Prestes.
Luís Carlos Prestes é o terceiro sentado, da esquerda para a direita



Os cooperativados de Neu-Wuerttemberg

A primeira experiência cooperativista estabelecida e organizada em Panambi surgiu ainda no ano de 1903, quando um grupo de cidadãos proativos locais, preocupados com demandas comuns urgentes como a melhoria da infraestrutura rural e urbana, a necessidade de incremento econômico com vistas ao desenvolvimento da comunidade e, também, a segurança, reuniu-se para criar, em 15 de março daquele ano, uma "Genossenschaft", a Cooperativa dos Agricultores de Neu-Wuerttemberg. Essa associação, fundada pela iniciativa dos colonos Wilhelm Rogge, Paul Boumgart, Gustav Hegner, Panzenhagen e Adam Seinrich, funcionou até o ano de 1925,

quando então encerrou suas atividades. No entanto, a semente do cooperativismo (a entidade era conhecida como "Bauernverein", ou "associação dos agricultores") estava plantada e a comunidade panambiense havia absorvido a compreensão da importância vital da cooperação como via para a solução de seus problemas comuns. Tanto foi assim que, na década de 1920, a população local voltou a se organizar com o intuito de promover a defesa da comunidade contra o assalto de bandos armados, decorrentes da instabilidade política registrada naquele período no Estado. Em especial, a instabilidade corria por conta da Revolução de 1923, que opôs ximangos (partidários do presidente do Estado, Borges de Medeiros) contra maragatos (liderados por Joaquim Francisco de Assis Brasil, que desejavam depô-lo), e das andanças da

Coluna Prestes, movimento paramilitar revolucionário que teve origem no Rio Grande do Sul, liderado pelo militar Luís Carlos Prestes.

O movimento de autodefesa de Neu-Wuerttemberg era conhecido como "Selbstschutz" e tinha como finalidade principal organizar um grupo de cidadãos armados, prontos para fazer o enfrentamento às convulsões sociais que sacudiam a sociedade gaúcha na época. Os habitantes da localidade sofreram um susto histórico no amanhecer do dia 14 de maio de 1923, quando a cidade despertou tomada por 106 combatentes maragatos comandados por Leonel Rocha, um dos principais líderes do movimento revolucionário, nascido em Carazinho (em homenagem a quem, acredita-se, o político gaúcho Leonel de Moura Brizola teria ganhado o prenome, uma vez que seu pai, um agricultor em Carazinho, era anti-borgista e foi assassinado pelas forças ximangas). Aquartelados na praça central, os soldados saquearam a cidade em busca de mantimentos, cavalos, munição, armas e equipamentos em geral, sem enfrentar reação dos membros do "Selbstschutz", pegos de surpresa e destreinados. Ao findar do dia, retiraram-se da cidade, deixando para trás uma população traumatizada, porém, determinada a se precaver contra novos episódios semelhantes.

O "Selbstschutz", a partir dali, passou a dispor de uma força permanente de 893 homens, contando ainda com 110 na reserva, que se dedicaram a fazer manobras de vigília da cidade diuturnamente. Isso impediu a "visita" de novas incursões armadas externas a Neu-Wuerttemberg durante todo o restante do ano, até o final da revolução, em dezembro. O

**19
03**

15 de março
Criação da Cooperativa
dos Agricultores de Neu-
Wuerttemberg

**19
20**

Criação do "Selbstschutz"
movimento de auto-
defesa de Neu-
Wuerttemberg

grupo de autodefesa promoveu, então, uma “festa pela paz” na cidade, mas não se dissolveu, o que também contribuiu para manter afastada dali a Coluna Prestes, que iniciava sua marcha pelo Brasil a partir da região missioneira gaúcha. Muito próximo dali, em janeiro de 1925, a Coluna Prestes entrou em confronto sangrento contra as forças legalistas na localidade de Ramada (hoje município de Nova Ramada, desmembrado de Ajuricaba em 1995), episódio que passou para a História do Rio Grande do Sul como o “Combate da Ramada”. Depois disso, o “Selbstschutz” acabou entrando em recesso permanente, porém, mais uma vez, a força da cooperação provava as benesses de seus frutos, mantendo a paz e a ordem na localidade a partir do esforço conjunto de seus membros.

Criada a União Colonial

A Bauernverein (associação dos agricultores) criada em 1903 em Neu-Wuerttemberg surgiu em decorrência direta do movimento cooperativista capitaneado pelo Padre Theodor Amstad, quando lançou a ideia de fomentar a formação de associações de agricultores nos núcleos coloniais rio-grandenses, durante a realização do histórico Terceiro Congresso dos Teuto-Católicos, concretizado na localidade de Santa Catarina da Feliz (hoje Município de Feliz), no ano de 1900. A ideia plantou-se nas convicções do pastor Hermann Faulhaber, da Igreja Protestante, que decidiu levá-la à congregação de Neu-Wuerttemberg em 1903, coincidindo com as intenções

que já mobilizavam um grupo de cidadãos na localidade, conforme já relatado. Assim, após o final das experiências associativas e cooperativas vivenciadas pela primeira associação e pelo grupo de defesa em Panambi, na segunda metade da década de 1920 é criada a União Colonial, tendo como objetivos básicos trabalhar para a conquista de melhores condições de vida no meio rural e promover o desenvolvimento agrícola.

O primeiro presidente da nova entidade panambiense foi Carlos Schaffazick. Em 1929, a União Colonial de Neu-Wuerttemberg já possuía 628 sócios. Cada unidade das Uniões Coloniais, instituída em cada localidade gaúcha, estava integrada a um comando central, denominado Liga das Uniões Coloniais. No segundo congresso da Liga, realizado em janeiro de 1931 em Santa Cruz do Sul, decidiu-se que todas as Uniões Coloniais filiadas deveriam instalar Caixas Rurais em suas localidades. A ideia foi prontamente bem aceita na comunidade de Neu-Wuerttemberg e, assim, foi fundada a Caixa Rural em Panambi no dia 25 de abril de 1931, um marco histórico no cooperativismo local.

Regida por meio do Sistema Raiffeisen, surgia então a Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ilimitada Caixa Rural de Neu-Wuerttemberg, obedecendo aos preceitos cooperativos instituídos no século XIX na Alemanha por Friedrich Wilhelm Raiffeisen. De inspiração cristã e fundado no conceito de autoajuda e de amor ao próximo, o sistema cooperativo idealizado por Raiffeisen possuía forte caráter ético e moral e defendia a não-remuneração dos dirigentes e a não-distribuição das sobras líquidas sob forma de retorno aos associados. Foi fundamental

para nortear, incentivar e apoiar o surgimento de cooperativas nas colônias fundadas por imigrantes alemães em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul.

Carlos Schaffazick e seus correligionários percorreram a cavalo todo o interior de Panambi, batendo de casa em casa para convidar os agricultores a comparecerem à assembleia de fundação da nova Caixa Rural, que se realizaria no Salão do Comércio, no centro da localidade. A ata de fundação trazia uma lista de 41 associados, que elegeram Jorge Reinoldo Bender como seu primeiro presidente. O primeiro Estatuto da Caixa Rural foi concluído em 10 de agosto de 1931. Conforme noticiava a imprensa da época, a nova cooperativa surgia em Panambi tendo como finalidade “combater a usura, fornecendo a juro módico, a seus sócios, e somente a eles, os capitais necessários à exploração do seu pequeno trabalho, facilitando-lhes o exercício de sua profissão”.

Como era comum e padrão a quase todas as novas Caixas Rurais criadas no Rio Grande do Sul naquela época, a sede inicial da associação em Panambi funcionava na própria residência do gerente, Friedrich Krahle. Ele e o presidente Bender atendiam às demandas dos associados ali, nas tardes de sexta-feira, organizando principalmente os empréstimos aos cooperativados para a aquisição de terras, maquinários, sementes, realização de reformas e construções. Ao final do primeiro ano de atividades, o quadro social já havia subido a 69 sócios. O horizonte da História, porém, acenava para breve o atingir da meta dos mil associados e do sonho da sede própria.

**19
31**

25 de abril
Fundação da Caixa Rural em Panambi
tendo Jorge Reinoldo Bender como
seu primeiro presidente

10 de agosto
Primeiro Estatuto da
Caixa Rural de Panambi

Assembleias em alemão, atas em português

Do momento da fundação até o ano de 1964, a Caixa Rural de Neu-Wuerttemberg vivenciou um longo período de crescimento e consolidação de suas atividades junto à comunidade e aos seus associados, embalado no panorama conjuntural que favorecia o florescer das cooperativas rurais de crédito no país. A Caixa Rural agia não só como uma importante instituição fomentadora de desenvolvimento, de crédito e de poupança, mas também operava diretamente no cotidiano das famílias associadas, servindo como referência comunitária, um verdadeiro agente de inserção, atuação e transformação social. Uma vez que a característica típica das economias familiares (pequenos agricultores, em sua maioria) tendia prioritariamente ao trabalho, à produção e à poupança, ao invés do consumo, a Caixa Rural acabava captando mais dinheiro do que o montante que gastava e que emprestava, tornando-se uma instituição financeiramente forte, com alto volume de depósitos. Acompanhando as alterações de denominação do município, a Caixa Rural de Neu-Wuerttemberg passou, anos depois, a se chamar Caixa Rural de Pindorama e, por fim, Caixa Rural de Panambi, a partir de 1954, com a emancipação político-administrativa.

A sede própria da Caixa Rural foi concluída em março de 1938, uma casa composta por uma ampla área destinada ao atendimento ao público, uma sala de reuniões e diversas salas comerciais que eram alugadas a terceiros,

como fonte de renda para a associação (esses espaços foram ocupados por consultórios médicos, barbearias e outras atividades ao longo dos anos). Em seguida, com o eclo-dir da Segunda Guerra Mundial, que sacudiu especialmente a Europa e situou no campo inimigo países como a Alemanha e a Itália, até então nações exportadoras de imigran-

tes para as colônias brasileiras e gaúchas, a cooperativa e seus associados viveram um período pautado por algumas dificuldades.

Uma das mais marcantes foi a proibição oficial de falar no Brasil a língua alemã (e também a italiana), o que acarretou problemas terríveis ao cotidiano de muitas famílias de



◀ Jorge Reinoldo Bender

19
38

Março
Inauguração da Sede da
Caixa Rural

19
43

A então Caixa Rural
Pindorama, filia-se à
Central das Caixas Rurais
da União Popular do RS



Alberto Dessbesell

colonos e descendentes de colonos teutos em várias localidades, como em Panambi. Uma vez que o alemão era a única língua falada e compreendida por grande parte dos associados da Caixa Rural de Neu-Wuerttemberg, agora rebatizada de Pindorama, a diretoria realizava as assembleias nesse idioma, cuidando, porém, de produzir as atas

das reuniões e todos os relatórios da entidade em português. Apesar do cenário desfavorável, a confiança da comunidade local na Caixa Rural seguia inabalável, a ponto de, no início da década de 1940, já ser apontada a configuração de um quadro composto por 1.223 sócios.

Em 1943, a Caixa Rural de Pindorama filiou-se à Central das Caixas Rurais da União Popular do Estado do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, alavancando um novo patamar em termos de estrutura e organização interna na entidade, originando também a instituição de uma nova estrutura no sistema de empréstimos, que agora passava a delimitar um teto máximo a ser disponibilizado a cada associado. À medida que a comunidade crescia e se desenvolvia, a cooperativa sintonizava seu próprio crescimento e desenvolvimento, em compasso com a situação de vida de seus associados. No entanto, um baque aconteceria em 17 de janeiro de 1953, com a morte de Jorge Reinoldo Bender, presidente da Caixa Rural desde a sua fundação, em 1931. Alberto Dessbesell foi, então, eleito por unanimidade para ocupar a presidência da Caixa, que já no ano seguinte passaria a se chamar Caixa Rural de Panambi.

Viabilizando a primeira gestão municipal

A instalação do novo município, desmembrado de Cruz Alta, atendeu a uma antiga aspiração daquela comunidade, porém, exigiu mais uma vez a participação ativa da cooperativa no sentido de viabilizar as condições necessárias para que a primeira administração municipal pudesse atuar. Na época, a nova prefeitura, desprovida de recursos financeiros, precisava de um empréstimo de um milhão

de cruzeiros (a moeda corrente no Brasil no período), e recorreu à Caixa Rural, por intermédio do primeiro prefeito da cidade, Walter Faulhaber. Os limites para empréstimo, fixados anualmente pela Assembleia, no entanto, restringiam o valor em apenas 50 mil cruzeiros, o que inviabilizava a concretização da demanda. A solução encontrada pela diretoria foi convencer 20 associados a fazerem empréstimos no valor do teto máximo, totalizando o milhão necessário e viabilizando os recursos que possibilitaram a instalação da primeira Administração Pública Municipal em Panambi.

Os empréstimos para os agricultores e para as causas comunitárias e sociais, no entanto, seguiam sendo o foco principal das atividades da Caixa Rural de Panambi, desenvolvendo campanhas beneficentes e também doando verbas para causas específicas, especialmente na área da educação no município. Por ocasião dos festejos alusivos ao Jubileu de Prata da Caixa Rural de Panambi, em 1954, inaugurou-se uma placa contendo os nomes de todos os 41 históricos sócios-fundadores da cooperativa. A amplitude do significado da cooperativa para a vida da comunidade local pode ser detectada analisando a dimensão da festividade dos 25 anos, quando tiveram de ser assados 5 mil quilos de churrasco para atender à determinação de disponibilizar a cada associado, no evento, dois quilos de carne. Deduz-se, assim, que cerca de 2,5 mil associados se fizeram presentes à comemoração histórica.

Um fato importante que repercutiria e influenciaria profundamente no incremento

das atividades da Caixa Rural nos anos subsequentes foi a fundação, em 21 de setembro de 1957, da Cooperativa Tritícola Panambi Ltda. (hoje conhecida como Cotripal Agropecuária Cooperativa), atendendo ao novo ciclo produtivo rural que se estabelecia no Rio Grande do Sul, focado no cultivo de trigo, soja e milho. Até então dedicados à agricultura de subsistência e de produção suína, logo os agricultores de Panambi passaram a migrar para a produção tritícola, fazendo com que procurassem cada vez mais a Caixa Rural em busca de empréstimos para custear seu novo ramo de empreendimento. Ao mesmo tempo, a diretoria da cooperativa atentou para a necessidade de intensificar a busca por mais filiações e de aumentar a poupança dos associados por meio de incremento nos depósitos, o que foi vital para fazer frente ao novo cenário que se descortinava. Em 1959, a Caixa Rural de Panambi já contava com 3 mil associados. Dois anos depois, em 1961, aprovou-se o novo Estatuto da cooperativa, que então adotava oficialmente a denominação de Sociedade Cooperativa de Crédito Caixa Rural de Panambi.

Era de incertezas

A reestruturação da economia nacional e a mudança de postura do governo federal em relação às Caixas Rurais, decorrentes do golpe militar que tomou o poder em 1964 no Brasil, provocaram uma série de empecilhos para a Caixa Rural de Panambi e ocasionaram o fechamento definitivo de diversas cooperativas correlatas em toda a nação. A nova lei que regulamentava o sistema bancário e financeiro no país, baixada pelo governo militar que assumira o poder, ficou conhecida como a “Lei do não Pode”, devido ao seu caráter restritivo. Chegava ao fim um ciclo de ouro de crescimento e desenvolvimento da Caixa Rural e uma nova era de empecilhos surgia no horizonte. A de Panambi, felizmente, soube contornar e vencer os problemas e seguir adiante, integrando o restrito grupo de apenas nove cooperativas restantes no Estado, fazendo História.

Apesar das imensas dificuldades enfrentadas, a Caixa Rural de Panambi resistia, tomando ações e iniciativas que procuravam

A nova lei que regulamentava o sistema bancário e financeiro no país, baixada pelo governo militar que assumira o poder, ficou conhecida como a “Lei do não Pode”.

**19
61**

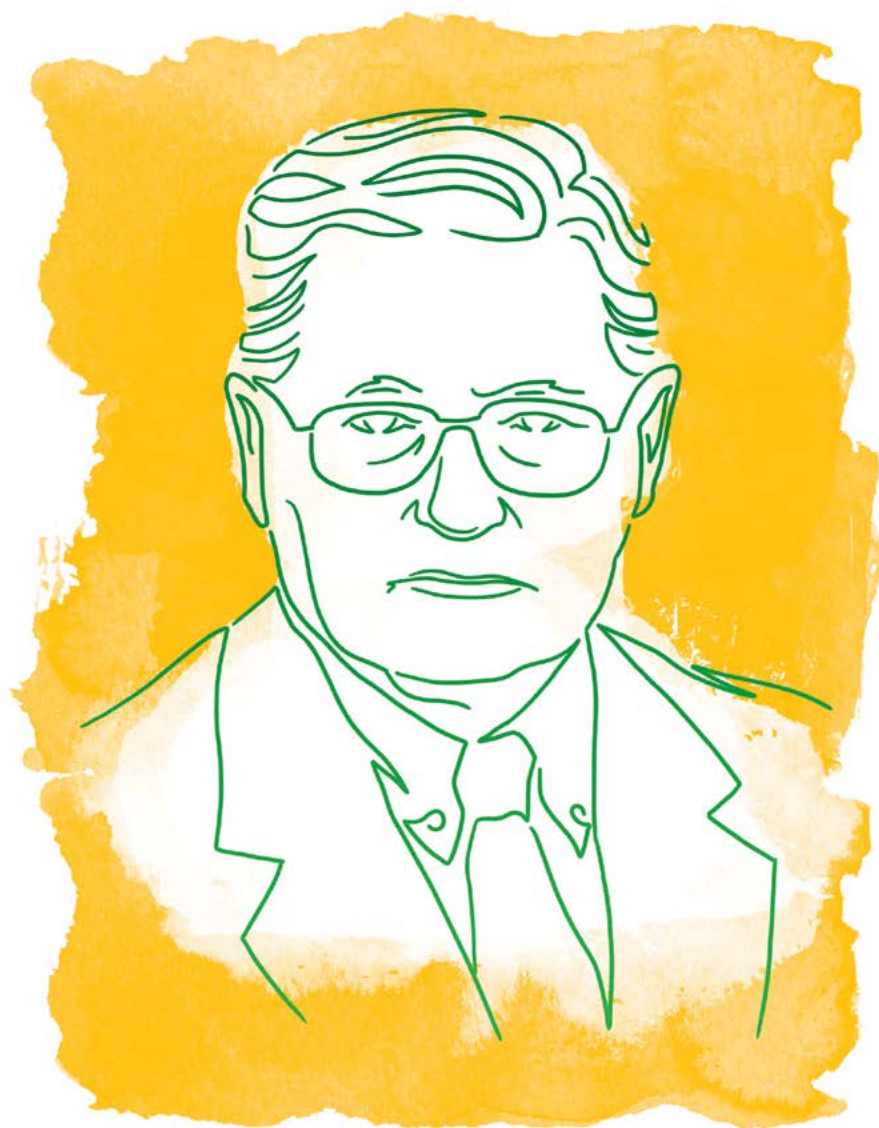
Novo estatuto estabeleceu o nome Sociedade Cooperativa de Crédito Caixa Rural de Panambi

**19
75**

Novamente altera-se a denominação, para Cooperativa de Crédito Rural Panambi Ltda.

**19
80**

Nove cooperativas se unem na Cooperativa Central de Crédito do RS (Cocrecer-RS)



Ivo Arno Schrammel

manter a sua vitalidade. Tanto foi assim que, ao final da década de 1960, havia conseguido obter a adesão de 281 novos associados e, inclusive, ampliara o horário de atendimento ao público para todas as tardes dos dias úteis, deixando no passado o sistema

de atender somente às sextas-feiras, que lhe pautara os primeiros anos de operação.

A partir de 1967, com a ampla reforma bancária procedida pela União, as cooperativas de crédito passaram a ser reguladas e normati-

zadas pelo Banco Central do Brasil, obedecendo às suas regras gerais impostas a todo o sistema bancário e financeiro nacionais. Entre outras consequências práticas e diretas, a Caixa Rural de Panambi precisou reatricular todos os seus associados e, em 1975, teve de novamente alterar sua denominação, passando a se chamar Cooperativa de Crédito Rural Panambi Ltda. A concorrência advinda da instalação de agências bancárias de outras instituições financeiras em Panambi, a partir de então, gerou também novas dificuldades. A possibilidade de encerrar as atividades, a exemplo do que já havia acontecido nas Caixas Rurais vizinhas de Condor e Ijuí, chegou inclusive a ser cogitada seriamente pela diretoria da cooperativa panambiense.

Reestruturação, consolidação e retomada

O processo de declínio do setor cooperativista de crédito no país se estendeu até 1980, quando então as 9 cooperativas restantes se uniram na fundação da Cooperativa Central de Crédito do Rio Grande do Sul (Cocrer-RS), instituição reguladora com sede em Porto Alegre, à qual cada uma das Caixas afiliou-se. Isso viabilizou estabelecer um canal mais efetivo de discussão junto ao Banco Central, evitando a extinção das cooperativas de crédito rural que ainda conseguiam seguir operando. Uma prova concreta de que a co-



Siegfried Horst Schünemann

operação sempre dá resultados positivos, tanto entre associados de uma determinada cooperativa, quanto também quando as cooperativas se unem e cooperam entre si, na busca de soluções compartilhadas para seus desafios comuns. A partir de então, iniciava-

-se uma nova fase na história das cooperativas de crédito, rumo à reestruturação e consolidação, que passaria a asfaltar a estrada para o crescimento. O trabalho em conjunto logo passou a demonstrar seus resultados, antes impossíveis de serem atingidos caso

as cooperativas seguissem atuando de forma separada e independente.

A tarefa e o desafio de liderar esse processo coube ao novo presidente da Cooperativa de Crédito Rural de Panambi Ltda., Ivo Arno Schrammel, empossado em 1980, sucedendo Alberto Dessbesell, que esteve à frente da cooperativa desde 1953. Já no ano seguinte, sob a gestão de Schrammel, a cooperativa decidiu, em assembleia geral, proceder a um aumento de capital, visando à reestruturação interna da instituição. No mesmo ano, 1981, celebrou-se o jubileu de ouro da Cooperativa de Crédito Rural Panambi Ltda, que vencia seu primeiro meio século de atuação sempre atuando em favor do desenvolvimento da comunidade regional. No ano seguinte, 1982, Ivo Arno Schrammel passou a presidência para Siegfried Horst Schünemann, que iria conduzir um novo processo de reestruturação estatutária a entrar em vigor a partir de 1985, permitindo, especialmente, aprimorar a forma de integralização do capital social e facilitar a adesão de novos associados. Antes disso, em 1982, a Cooperativa de Panambi aderiu ao movimento de associar-se ao Sistema Sicredi (Sistema de Crédito Cooperativado), um passo importante rumo à reestruturação. A instituição passou a ser conhecida então, extraoficialmente, como Coopercrédito Panambi. A partir de 1989, devido à expansão dos negócios, a própria cooperativa passava a ocupar toda a área do primeiro andar de sua sede, até então dividida com o Sindicato Rural de Panambi. A melhora funcional seguiu as exigências impostas pela retomada do crescimento.

**19
89**

A Coopercrédito Panambi
adquire seu primeiro
computador

**19
90**

Com a extinção do BNCC,
a cooperativa firma seus
convênios com o Banco do
Brasil

Nova sede e credibilidade

A partir de 1988, uma nova fase de expansão passa a ser vislumbrada com a promulgação da nova Constituição Federal, cujos artigos eliminam as até então vigentes restrições ao sistema financeiro, permitindo que as cooperativas de crédito assumam funções vitais que lhes passam a viabilizar operar, concorrer e agir proativamente no mercado. No ano seguinte, a Coopercrédito Panambi ingressa no mundo da informática, adquirindo seu primeiro computador e implantando um moderno sistema de computação que vai aprimorar serviços como a contabilidade e o atendimento das contas-correntes, entre outros. Aquela foi uma experiência que marcou Roselei Muller Kepler (atual gerente Administrativo-financeira da Agência Sicredi em Condor) e sua equipe, na época. "Lembro que destinamos uma sala especial para a máquina. Pintamos as janelas de branco, a fim de evitar a entrada dos raios de sol e proteger aquele aparelho, que representava um mistério para todos. Havia um cuidado extremo, até porque, tratava-se de um investimento significativo em tecnologia na época", recorda.

A extinção do Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC), em 1990, acompanhando o período de redemocratização do país após o encerramento do regime militar, gerou a necessidade de as cooperativas de crédito firmarem, com outra instituição bancária, os convênios que permitiam proceder à com-

penção de cheques, à captação de poupança rural e outras formas de financiamentos. A instituição escolhida para a parceria foi o Banco do Brasil, mantendo assim todos os benefícios aos associados.

Outro passo importante no sentido da imersão da Sicredi Panambi RS no incentivo às

demandas da comunidade foi a criação, em 1994, do Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (Fates), cujo foco é promover ferramentas de incentivo à qualificação dos colaboradores e associados em vários setores. Para isso, passavam a ser destinados ao Fundo 5% das sobras do resultado do ano anterior da cooperativa.



◀ Romeo Wentz

**19
94**

A Sicredi Panambi cria o seu Sistema Fates

Romeo Wentz assume a presidência

**20
00**

Inauguração da nova agência da Sicredi Panambi

Elmo Pedro Von Mühlen assume a presidência



Elmo Pedro Von Mühlen

Agora associada ao Sistema Sicredi, a cooperativa em Panambi elegeu, em 1994, sua nova diretoria, com Siegfried Schünemann passando a presidência a Romeo Wentz. A partir de então, a Sicredi Panambi RS ingressou em uma fase importante de expansão, com ampliação do capital, do quadro social, do número de colaboradores e a extensão aos

serviços da cooperativa também para associados da área urbana, entre outras ações. Todo esse quadro de crescimento e expansão trouxe consigo a necessidade de ampliar as instalações da cooperativa, o que resultou na inauguração, em 2000, de sua nova agência, em uma sede ampla e moderna, situada no centro de Panambi, em espaço alugado

da empresa Kepler Weber. "A nova sede foi uma conquista importante para a cooperativa naquele período, e se transformou em um instrumento que alavancou solidamente a credibilidade da Sicredi Panambi RS", ressaltava Ricardo Malheiros, que desempenhou durante anos o cargo de vice-presidente da instituição. "Nada acontece se as pessoas não se envolvem", resume Malheiros, destacando que o sucesso dos empreendimentos é derivado de ações cooperativadas.

A década inicial do novo milênio, os "anos dois mil", foi marcada pela necessidade de a Sicredi Panambi RS buscar aportes junto ao Banco de Boston e, mais tarde, junto ao Banco Safra, a fim de disponibilizar recursos aos associados caracterizados como grandes produtores rurais. O foco era o financiamento das culturas de soja, milho e trigo, sempre com o aval da Cotripal, que viabilizava as operações, avalizando-as. "Repassados aos associados na forma de custeio, esses recursos não contavam com seguro de nenhuma espécie, fato que muitas vezes preocupava os dirigentes da cooperativa, frente ao risco permanente de eventuais frustrações de safras, o que acarretaria problemas sérios à entidade, fato que, felizmente, jamais aconteceu", recorda Elmo Pedro Von Mühlen. A presidência da Sicredi Panambi RS, nessa época, já estava sob a sua responsabilidade, que assumiu o cargo no ano 2000, após atuar como vice-presidente desde 1997. Em 2003, com a adoção da livre adesão de associados, a instituição passou a ser denominada Cooperativa de Crédito de Livre Admissão

**20
03**

15 de dezembro
A sede da Sicredi Panambi
RS é invadida pelas águas
de um riacho próximo

A instituição passa a ser
denominada Cooperativa de Crédito
de Livre Admissão de Associados
Panambi - Sicredi Panambi RS

de Associados Panambi – Sicredi Panambi RS. Von Mühlen responderia pela presidência da Sicredi Panambi RS até 2013, quando, com a união das cooperativas, assumiria uma das três vice-presidências da Sicredi das Culturas RS.

Em 15 de dezembro de 2003, no entanto, o riacho que corre ao lado do prédio da empresa panambiense Kepler Weber, onde se situava a sede da Sicredi Panambi RS, transbordou devido às fortes chuvas ocorridas no período e acabou ocasionando transtornos e prejuízos para a cooperativa. As águas invadiram o prédio, danificando os tapetes e alguns móveis, forçando a retirada urgente de todos os equipamentos e arquivos, que foram colocados em caminhões-baú da Cotripal. O sinistro consolidou a certeza de que era necessário migrar para uma sede própria e mais segura. Em 2010, foi adquirido um imóvel da família de Harry Braun a fim de que ali fosse instalada a sede própria da cooperativa. “Foi um ato corajoso, definido pelo Conselho de Administração, no sentido de consolidar a marca e a presença da Sicredi Panambi RS junto à comunidade, e que acabou gerando frutos”, avalia Mühlen. A inauguração da nova sede aconteceu então no dia 15 de agosto de 2011, em um espaço de 800 metros quadrados, abrigando 26 colaboradores. Um passo importante com o propósito de aumentar a credibilidade da cooperativa junto aos seus associados, que passaram a ter orgulho de integrar o quadro associativo de uma instituição financeira de crédito segura.

Agências de Condor, Panambi São Jorge e Panambi Cotripal

No ano de 2012, o Conselho de Administração da Sicredi Panambi RS decidiu promover uma alteração significativa no sistema de distribuição dos resultados anuais aos associados. Assim, levou-se à assembleia uma proposta inovadora e pioneira, de passar a destinar 65% do resultado do ano anterior para o Fundo de Reserva, 5% para o Fates e 30% do resultado a ser distribuído entre os associados, depositado diretamente em sua conta-corrente, proporcionalmente à movimentação praticada por cada um ao longo do ano anterior. A decisão, aprovada e colocada em prática, repercutiu muito bem junto aos associados, alavancando novos negócios e fidelizando os sócios. Na sequência, decidiu-se, na época, também reduzir o valor obrigatório da cota de ingresso dos novos associados, que era de R\$ 150,00 para pessoas físicas e R\$ 300,00 para pessoas jurídicas, ao valor geral mínimo estatutário de R\$ 20,00, ampliando a adesão de novos sócios à cooperativa.

Devido à proximidade geográfica e cultural, a Sicredi Panambi RS decidiu ampliar sua atuação na região e abrir uma nova agência no município de Condor. A inauguração ocorreu no dia 17 de outubro de 2008, tendo como objetivos principais fornecer ao município uma agência com boas condições de trabalho e um espaço maior para o atendimento

Distribuição dos resultados anuais da Sicredi Panambi RS

Resultado do ano anterior

30%
Distribuído entre os associados

65%
Fundo de Reserva

5% Fates

**20
08**

17 de outubro
Inauguração da nova
agência em Condor

**20
11**

15 de agosto
Inauguração da nova sede
da Sicredi Panambi RS em
novo local

“Aprendi muito em minha experiência profissional e desenvolvimento pessoal nessa minha trajetória junto à Sicredi. Acredito que as oportunidades são múltiplas dentro do Sistema e o envolvimento dedicado acaba sempre sendo recompensado”.



Inauguração agência Panambi São Jorge

aos associados. A história da Sicredi Panambi RS em relação a Condor era antiga e consolidara pontos marcantes antes disso. Em 1991, havia sido inaugurado ali o Posto de Atendimento Avançado de Condor, nas dependências da Cooperativa de Produção (Cotripal). Oito anos depois, em 1999, era aberta a primeira Agência de Condor, em espaço externo à Cotripal. No ano de 2002, houve a reinauguração desta Agência, que trocou de endereço em 2008 e em 2019.

Roselei Muller Kepler, que ingressou como atendente de caixa na Coopercrédito Panambi em 1987 e galgou depois novos postos até o de encarregada Administrativo-financeiro, foi convidada a assumir o cargo de gerente Administrativo-financeiro da nova agência

em Condor. Permaneceu na função durante seis anos, até 2014, e retornou à agência Panambi Centro na mesma função, voltando a assumir a gerência Administrativo-financeira em Condor em 2017. "Aprendi muito em minha experiência profissional e desenvolvimento pessoal nessa minha trajetória junto à Sicredi. Acredito que as oportunidades são múltiplas dentro do Sistema e o envolvimento dedicado acaba sempre sendo recompensado", analisa Roselei. A partir de um detalhado estudo interno de viabilidade e obedecendo às metas traçadas pelos planos de visão estratégica, foi inaugurada, em 19 de agosto de 2013, uma segunda Agência do Sicredi em Panambi, no bairro São Jorge, configurando-se a primeira instituição financeira de Panambi a situar-se fora dos limites da área central.

Essa nova agência, situada estrategicamente próxima ao Distrito Industrial e à Prefeitura de Panambi, passou a atender somente pessoas jurídicas e físicas urbanas. Na época da inauguração, o então presidente do Sicredi Panambi RS, Elmo Pedro Von Mühlen, destacou que aquele ato revelava "o quanto Panambi cresceu e cresce a cada ano, pois foi preciso proporcionar aos nossos associados mais um local onde eles possam encontrar as soluções financeiras necessárias para o seu crescimento. Aqui daremos continuidade ao trabalho iniciado em 1931, quando foi fundada a nossa cooperativa". Ampliando ainda mais o seu atendimento no município de Panambi, em 20 de outubro de 2014, foi inaugurada agência junto ao Centro Administrativo da Cotripal.

É esse trabalho resultou nos esforços que culminaram na união de quatro cooperativas irmãs, que dão sequência ao sonho que motivou os fundadores da Sicredi Panambi RS, há tantas décadas passadas.

Reinauguração da agência Condor em novo endereço



Agência Condor

Capítulo

Prédio situado à Rua do Progresso, 2307, Ajuricaba, que serviu como sede da Crediaju entre novembro de 1991 e setembro de 1997



Sicredi Ajuricaba RS

Visão comunitária no DNA legado à coletividade

A História das origens da Sicredi Ajuricaba RS remonta ao dia 3 de março de 1989, quando um grupo pioneiro e visionário de agricultores locais decide tomar uma atitude frente à inexistência de políticas oficiais que oferecessem linhas de crédito aos produtores rurais, tão vitais para o crescimento e desenvolvimento do setor. É nessa data, portanto, que é fundada a Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda., conhecida como Crediaju, dando o passo inicial fundamental para o descortinar de um futuro promissor que desembocaria, mais tarde, no surgimento da Sicredi Ajuricaba RS.

Ajuricaba, na verdade, é uma região que traz agregada à sua História o pendor para o associativismo e a ação cooperada de seus membros desde suas origens, uma vez que a localidade serviu de berço para o nascimento de diversas associações do gênero muito antes do surgi-

mento da Crediaju, demonstrando existir um ambiente favorável para o sucesso de empreendimentos dessa natureza. É bastante significativo o montante de sociedades cooperativas criadas na região, no embalo do fenômeno da instalação das Caixas Rurais no interior do Rio Grande do Sul desde o início do século XX, conforme já visto.

No nome tupi, o gen do mutirão

Uma vez que Ajuricaba pertencia ao município de Ijuí até 1965, quando então se emancipou, depreende-se que seus cidadãos acompanharam e participaram ativamente das atividades tanto da Caixa Rural União Popular Ijuí, a CRUPI (criada no ano de 1931, seis anos depois da precursora Caixa Rural União Popular de Serra Cadeado, de 1925), que encerrou atividades em 1969, quanto da Cooperativa de Crédito Rural Ajuricaba Ltda., que operou durante a década de 1970. A atuação da Cotrijuí, com seus núcleos locais distribuídos e instalados em diversas localidades e municípios da região, inclusive Ajuricaba, colaborou para aprimorar e fortalecer os laços e a cultura cooperativista dos ajuricabenses durante as décadas de 1970 e 1980, em especial. Desde aquela época, já era comum e prioritária a preocupação relativa à necessidade de criação de linhas de crédito rural para os pequenos agricultores da região, que sofriam dificuldades imensuráveis devido à falta de apoio oficial ao setor e à política asfixiante praticada pelas grandes instituições financeiras. Um novo fôlego e in-



Mapa Parcial do Rio Grande do Sul e Divisão Municipal em 1966

centivo ao cooperativismo de crédito começam a ressurgir no Brasil somente ao final da década de 1980, com a promulgação da nova Constituição Federal e o processo de redemocratização do país, gerando um horizonte de novas perspectivas, logo detectadas pela comunidade ajuricabense.

O surgimento de Ajuricaba derivou do processo de colonização da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, iniciada em meados do século XIX. Em especial, sua história

está diretamente ligada à instalação da Colônia de Ijuhy Grande, fundada em 19 de outubro de 1890, em uma vasta área de terras cujas colônias iniciais ocupavam o território onde atualmente se instalam os municípios de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba. A região foi colonizada principalmente por imigrantes alemães e italianos provenientes das Colônias Velhas (São Leopoldo e Bento Gonçalves, em especial), em um processo de migração interna. Na Colônia Ijuhy, a área foi dividida em Linhas, a futura Ajuricaba sendo deno-

minada como Linha 19, que, no ano de 1912, foi elevada à categoria de Terceiro Distrito do Município de Ijuí. Em 1928, a localidade passou a ser conhecida como “Sede General Firmino”, em homenagem ao general republicano Firmino de Paula, de atuação destacada na Revolução de 1923, defendendo os legalistas. A denominação de “Ajuricaba” passou a ser adotada a partir de 1940, mesma época em que florescem os anseios locais pela emancipação política e administrativa, que se concretizaria em 8 de novembro de 1965.

Ajuricaba, por sinal, traz incrustado no significado do próprio nome a vocação para a ação coletiva e cooperativa, uma vez que, em tupi-guarani, abarca os conceitos de “reunião”, “mutirão”, “ajuda coletiva”. A expressão foi usada para denominar um antigo líder guerreiro indígena brasileiro, da tribo dos Manao (habitantes das margens do Rio Amazonas), que, no norte do Brasil Colonial, liderou uma intensa revolta contra a opressão dos colonizadores portugueses, em meados do século XVIII. O chefe Ajuricaba morreu em 1727, precipitando-se nas águas para escapar da prisão portuguesa, após ter sido rendido, enquanto era conduzido pelos seus captores em uma embarcação, rumo ao cárcere. Preferiu morrer livre do que penar aprisionado. O nome da tribo hoje é evocado na denominação da capital do Estado do Amazonas (Manaus) e o líder guerreiro foi lembrado consciente e deliberadamente pela comunidade gaúcha ajuricabense na década de 1940, a fim de simbolizar, na figura do personagem histórico, o espírito de resistência, de luta pela liberdade e de vocação para a ação cooperativa, que perfazem o DNA da população local.

Nasce a Crediaju

A viabilidade de organizar e criar uma cooperativa de crédito que privilegiasse linhas de apoio aos pequenos produtores, desatendidos pelo sistema bancário institucionalizado, passou a ser estudada por uma comissão de agricultores locais alguns meses antes da fundação da nova cooperativa. Esse grupo, composto por três produtores rurais representantes dos associados da Cotrijuí nos fóruns de debate da cooperativa em sua Agência de Ajuricaba, era composto por Leonides Dallabrida, Jaime Braz Sperotto e Miguel Sapiezinski. Dessa forma, a Cotrijuí acabou servindo de suporte paralelo para a criação e o estabelecimento da futura Crediaju, viabilizando apoio logístico aos trâmites de formação da cooperativa de crédito. Concretizada a fundação da nova entidade, a Cotrijuí seguiu manifestando seu apoio de maneira prática, na forma de ajuda logística, cedência de funcionários para a operacionalidade dos primeiros momentos e com o empréstimo de estrutura física para que, em uma sala, fosse instalada a Crediaju e pudesse, assim, atender aos seus primeiros associados.

A assembleia de fundação da Crediaju ocorreu no dia 3 de março de 1989, reunindo 25 associados que assinaram a ata de fundação. Eram eles: Paulo Ottonelli (Presidente), Valfrides Alves de Souza (Diretor Administrativo), Elvio Luiz Bandeira (Diretor de Crédito Rural), Dair Fischer (Conselheiro de Administração), Leonides Dallabrida (Conselheiro de Administração), Miguel Sapiezinske (Conselheiro de Administração), Enir Bandeira (Conselheiro de Administração - suplente), Francisco Eugênio Dallabrida (Conselheiro de Adminis-

Ata de Fundação da Crediaju

Paulo Ottonelli
Valfrides Alves de Souza
Elvio Luiz Bandeira
Dair Fischer
Leonides Dallabrida
Miguel Sapiezinske
Enir Bandeira
Francisco Eugênio Dallabrida
Jaime Braz Sperotto
Alcides José Bandeira
Edgar Freier
Edgar Prauchner
Florianio Jorge Breitembach
Germani Wiegert
Juarez Antonio Torquetti
Ademar Eickoff
Antônio Bandeira
Arnaldo Redlich
Clementino Ângelo Sperotto
Dari Bandeira
Eloy Pettenon
Luiz Ottonelli
Olimpio Bandeira
Vitalino Francisconi
Deniz Espedito Serafini
Valdemar Paslauski
Adair Zangirolami
Aildo Macalai
Egon Gerke
Orlando Antônio Sperotto
Adilar Vinicio Torquetti

tração - suplente), Jaime Braz Sperotto (Conselheiro de Administração - suplente), Alcides José Bandeira (Conselheiro Fiscal), Edgar Freier (Conselheiro Fiscal), Edgar Prauchner (Conselheiro Fiscal), Floriano Jorge Breitembach (Conselheiro Fiscal - suplente), Germani Wiegert (Conselheiro Fiscal - suplente), Juarez Antonio Torquetti (Conselheiro Fiscal - suplente), Ademir Eickoff (sócio-fundador), Antônio Bandeira (sócio-fundador), Arnaldo Redlich (sócio-fundador), Clementino Ângelo Sperotto (sócio-fundador), Dari Bandeira (sócio-fundador), Eloy Pettenon (sócio-fundador), Luiz Ottonelli (sócio-fundador), Olímpio Bandeira (sócio-fundador), e Vitalino Francisoni (sócio-fundador). Também constam como fundadores Deniz Espedito Serafini, Valdemar Paslauski, Adair Zangirolami, Aildo Macalai, Egon Gerke, Orlando Antônio Sperotto e Adilar Vinicio Torquetti.

A primeira diretoria e o estatuto foram constituídos e aprovados na mesma ocasião da assembleia de fundação da Crediaju. "Fomentar a produção rural, sua circulação e as produtividades das lavouras e criatórios, nos moldes das já existentes", proporcionando, "através da mutualidade, a prestação direta de assistência financeira e de serviços acessórios aos associados em suas atividades específicas", constavam na Ata de Fundação como alguns dos objetivos primordiais da nova associação que ali surgia. Todos os documentos decorrentes da reunião foram em seguida encaminhados para análise e aprovação do Banco Central do Brasil, que de pronto autorizou a constituição e o funcionamento da nova cooperativa.



◀ Paulo Ottonelli

Alguns ajustes no estatuto, no entanto, se faziam necessários e, para isso, foi realizada uma nova Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária no dia 18 de março de 1991, quando foram escolhidos novos membros do Conselho Fiscal. A partir desse momento, a Crediaju também se associava à Cocecrer

(Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul), participando, desde já, do Sistema Integrado de Crédito Rural Cooperativo do Rio Grande do Sul – Sicredi – RS.

Os primeiros passos da cooperativa foram permeados por dificuldades, que, no entanto,

não diminuíram a determinação daqueles visionários pioneiros. “Tínhamos de enfrentar o descrédito das pessoas à nossa volta, que achavam que aquilo não iria dar certo”, recorda Paulo Ottonelli, que presidiu a cooperativa por diversos mandatos consecutivos. “Após a fundação, ninguém queria assumir a presidência. Houve uma votação e a responsabilidade caiu para mim. Enfrentei”, relata ele, tendo reassumido o desafio mais quatro vezes, posteriormente. “A instalação do Sicredi foi fundamental para o desenvolvimento de Ajuricaba, ao abrir um leque de apoio aos pequenos produtores, o que significou um ganho fantástico em termos de desenvolvimento para a comunidade”, analisa Ottonelli. O crescimento sistemático da cooperativa, detectado pelos associados e pela comunidade ano após ano, foi também um fator importante para a consolidação da instituição na região, analisa o ex-presidente.

Apesar de a data de fundação remontar a março de 1989, na prática, a Crediaju entrou mesmo em operação, efetivamente, a partir do início do ano seguinte. Isso porque, preocupados em se habilitar a oferecer um serviço de qualidade a seus associados desde o primeiro momento, os membros da diretoria decidiram que todos os funcionários da cooperativa precisariam fazer uma espécie de “estágio inicial”, passando períodos de aprendizado junto às outras cooperativas de crédito rural que já estavam em atividade nos municípios vizinhos, em especial, em Augusto Pestana e Panambi. Dessa forma, após a experiência e o conhecimento obtidos ao longo de oito meses de imersão, a Agência da

A instalação do Sicredi foi fundamental para o desenvolvimento de Ajuricaba, ao abrir um leque de apoio aos pequenos produtores, o que significou um ganho fantástico em termos de desenvolvimento para a comunidade.

Crediaju finalmente abriu as portas no dia 19 de janeiro de 1990, a todo o vapor.

A partir daí, a atividade desempenhada pela cooperativa foi tão intensa e significativa que o número de associados, dos pioneiros 25 fundadores, se multiplicou rapidamente. Apenas dois anos depois da fundação, e menos de um ano após o início efetivo das operações, a Crediaju já apresentava um quadro social de 856 membros em março de 1991. E seguiria crescendo. “Em apenas cinco anos, nosso grupo de 25 associados saltou para mil, demonstrando não só o tamanho do esforço empreendido pelos fundadores, mas também a solidez da aceitação da proposta de trabalho cooperativo representada pela Crediaju”, comenta o ex-vice-presidente da cooperativa, Élvio Luiz Bandeira. “A criação da Sicredi Ajuricaba RS foi o fator crucial que garantiu a sobrevivência dos pequenos agricultores da região naquela época”, analisa.

Cheques recolhidos da praça

Para auxiliar e liderar o processo de expansão que a Crediaju via como necessária de ser efetivado na região de Nova Ramada (hoje município, emancipado de Ajuricaba em 1995), foi convidado o associado João Carlos Steurer (então com 22 anos) para ocupar um cargo no Conselho Fiscal da cooperativa e trabalhar nesse sentido. O projeto deu certo e o número de associados na região cresceu de forma significativa. Steurer deixou o cargo no Conselho no ano 2000 para assumir a pasta de Secretário Municipal de Obras e Viação de Nova Ramada, mas foi chamado de volta aos desafios executivos da Sicredi Ajuricaba RS em 2007, quando elegeu-se vice-presidente. Em 2010, assumiu a presidência da cooperativa, no mandato que durou até 2013, ano da união e criação da Sicredi das Culturas RS/



João Carlos Steurer

MG, na qual passou a ocupar uma das três vice-presidências.

Nessa mesma arrancada inicial, a Crediaju precisou enfrentar um desafio preocupante, a partir das consequências advindas da extinção, em âmbito nacional, do Banco Na-

cional de Crédito Cooperativo (BNCC), efetivada pelo governo federal em março de 1990. A compensação dos cheques emitidos pela Crediaju (bem como os de todas as cooperativas de crédito do país) era, até então, efetivada pelo BNCC e, a partir da extinção do órgão, não havia mais entidade respon-

sável pelo pagamento dos cheques, obrigando a diretoria da cooperativa ajuricabense a encontrar alternativas para equacionar o problema. A primeira medida foi resgatar da praça todos os cheques em circulação e, na sequência, estabelecer um convênio com o Banco do Brasil, que então passou a efetuar a compensação.

Naquele mesmo ano, a cooperativa vivenciava outro momento histórico, com sua migração das dependências junto à Cotrijuí para uma sede própria externa, no centro da cidade, situada na Rua do Progresso. O prédio abrigaria as atividades da Crediaju até setembro de 1997. Isso permitiu passar a oferecer um atendimento mais ágil e próximo ao cotidiano dos associados, ampliando ainda mais o raio de atuação da cooperativa e estreitando seus laços com os produtores. Esse estreitamento de relações com a comunidade foi uma das principais características e foco da atuação da cooperativa naqueles anos iniciais de atividade, resultando em crescimento e em consolidação, que foram cruciais junto à comunidade, fortalecendo o processo de desenvolvimento e enraizamento da instituição.

Sicredi em Ajuricaba e Nova Ramada

Uma Assembleia Geral Extraordinária realizada em 27 de setembro de 1994 decidiu permitir que a Crediaju pudesse assumir o papel

**19
94**

27 de setembro
A Crediaju assume o papel de
acionista em capital social de
instituição financeira

**19
95**

14 de março
A Crediaju torna-se a
Sicredi Ajuricaba RS

**19
97**

Migração das
dependências da
Sicredi Ajuricaba
para o Centro

A Sicredi Ajuricaba
RS abre um posto de
atendimento avançado
em Nova Ramada

de acionista em capital social de instituição financeira. Foi um passo preparatório decisivo para que, no ano seguinte, em 1995, a cooperativa se habilitasse a filiar-se, junto às demais Sicredis da região, à constituição do Banco Cooperativo Sicredi (Bansicredi), que fez história ao se tornar o primeiro banco cooperativo do país. Uma nova Assembleia Geral Extraordinária foi marcada para o dia 14 de março do mesmo ano, quando então, a partir de uma reforma estatutária, decidiu-se alterar o nome da cooperativa de Crediaju para Sicredi Ajuricaba RS, inserida no processo de unificação das siglas de todo o sistema Sicredi. Na sequência, após essas deliberações, deu-se encaminhamento a uma Assembleia Geral Ordinária, na qual Paulo Ottonelli foi reconduzido à presidência da cooperativa para mais um mandato de três anos.

Uma nova sede foi então planejada e concretizada em 1997, a fim de melhor atender ao crescimento natural das demandas de funcionamento e de atendimento da cooperativa, decorrentes do aumento de sua complexidade e da consolidação de suas atividades junto à comunidade. O novo endereço migrou para a mesma Rua do Progresso, porém, à altura do número 1842, onde funcionaria até o ano de 2003. No mesmo ano, parte do território político-administrativo de Ajuricaba foi desmembrado para a criação do município de Nova Ramada, que havia se emancipado ainda em 28 de dezembro de 1995. A instalação efetiva, em 1º de janeiro de 1997, obrigou a Sicredi Ajuricaba RS a promover uma Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária para adequar os estatutos da cooperativa à nova



Mapa Parcial do Rio Grande do Sul e Divisão Municipal em 2013

realidade que a cercava, passando, então, a atender oficialmente (como já o fazia na prática), a dois municípios: Ajuricaba e Nova Ramada.

A fim de melhor atender aos antigos ajuricabenses e agora nova-ramadenses, com a criação do novo município, a Sicredi Ajuricaba RS decidiu abrir em 1997 um posto de atendimento avançado para aqueles associados, instalado em um prédio alugado na localidade de Barro Preto. Essa agência foi transferida para uma sala integrada ao novo Centro Administrativo de Nova Ramada, quando o

prédio foi inaugurado, no ano 2000. A sede própria para a agência em Nova Ramada tornou-se realidade em 25 de junho de 2004, comprovando a rápida ascensão dos serviços da Sicredi Ajuricaba RS junto ao município irmão.

Antes disso, no ano de 2000, a Sicredi Ajuricaba RS unia-se ao processo de instalação de uma Unidade de Processamento Regional (UPR), a primeira do Brasil, integrando as atividades no setor financeiro e de informática das cooperativas de Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi e Santo Augusto, em uma

**20
00**

A Sicredi Ajuricaba RS une-se ao processo de instalação de uma Unidade de Processamento Regional (UPR)

**20
04**

25 de junho
Abertura da sede própria para a agência em Nova Ramada

experiência pioneira e inovadora. Tratava-se do embrião para a criação, logo mais tarde, da Superintendência Regional (Sureg), integrando as quatro cooperativas coirmãs, comprometidas em levar a cabo a experiência vencedora de gestão compartilhada.

Programas sociais e comunitários

Já na entrada do novo milênio, em 2001, novas posturas passaram a ser adotadas pela Sicredi Ajuricaba RS, no sentido de aproximar mais os associados aos processos de tomada de decisões dos rumos da cooperativa. Assim, a partir de nova Assembleia Geral, decidiu-se alterar o processo de escolha dos gestores, incorporando o formato aos procedimentos internos gerais adotados por todo o Sistema Sicredi de gestão. A partir de então, as Assembleias Gerais passaram a ser precedidas da realização de pré-assembleias, realizadas junto aos associados nas diversas localidades do interior da região de abrangência da cooperativa, levando diretamente a eles as pautas que posteriormente seriam deliberadas nas assembleias.

Esse processo incrementou a participação dos associados nos debates e na compreensão do cotidiano e dos meandros da cooperativa, permitindo a tomada de decisões em conformidade e sintonia com os anseios de todos. As primeiras e históricas pré-assembleias ocorreram em 12 localidades da área de abrangência da Sicredi Ajuricaba RS: em Ajuricaba, na Linha 23 Norte, Linha 24 Norte,

Linha 29 Norte, Linha 21 Norte, Linha 29 Norte São Jorge, Linha 26 Norte, Linha 18 Norte e Linha 15 Norte; em Nova Ramada, nas localidades de Formigueiro, Barro Preto, Timbozal e Pinhal.

Também em 2001 a instituição financeira cooperativa aderiu ao Programa "A União Faz a Vida", que vem sendo desenvolvido pelo Sistema Sicredi desde 1994. O objetivo central do programa consiste em fomentar o surgimento de uma cultura de associativismo e cooperação entre crianças e adolescentes que estejam vinculadas a instituições de ensino. Por meio de uma parceria com a Prefeitura Municipal e outras entidades de Ajuricaba, o programa se dedica a fomentar um aprendizado baseado na metodologia de projetos. A partir disso, o aprendizado parte da curiosidade da turma, contribuindo para a formação de cidadãos mais cooperativos. Desde 2001, o programa é voltado à formação e capacitação de professores integrantes da rede municipal de ensino de Ajuricaba, que vão aplicar esses conhecimentos junto às turmas para as quais ministram suas aulas.

Em 2003, cerca de 800 pessoas representando a comunidade ajuricabense participaram do evento de inauguração da nova sede da Sicredi Ajuricaba RS, efetivada em 20 de janeiro, junto à Rua da Matriz, no centro da cidade. No mesmo ano, meses mais tarde, aderiu à migração para o formato de uma cooperativa de livre admissão de associados, conforme determinado pelo Banco Central. A decisão decorreu da Assembleia Geral realizada em 3 de setembro, quando então a cooperativa deixa de ser uma instituição unicamente de crédito rural, podendo diversificar e ampliar a gama de público a ser atendido por seus ser-

viços. Mesmo com a amplitude de ação conquistada com a nova postura, com industriários e prestadores de serviços urbanos sendo contemplados pela atuação da cooperativa, a Sicredi Ajuricaba RS seguiu dando atenção e cuidando dos interesses dos pequenos produtores, foco e fruto de sua ação desde o surgimento.

Associados ativos e envolvidos

O interesse e a participação dos associados pelo cotidiano da cooperativa atingiu tal patamar que uma mostra significativa desse quadro consolidou-se na Assembleia Geral Ordinária de 15 de março de 2007, quando duas chapas se apresentaram para disputar a presidência. Com mais de 900 participantes, tornou-se a assembleia com maior número de associados presentes já registrada em sua história. Paulo Ottonelli, mais uma vez, elegeu-se presidente para um novo mandato. Também nesse ano a Sicredi Ajuricaba RS inovou, instalando o primeiro Agente Credenciado Sicredi, ponto onde é possível o sócio pagar boletos de cobrança, contas e realizar outras transações. A marca dos 3 mil associados foi atingida no ano de 2009, coincidindo com as celebrações alusivas às duas décadas de existência da cooperativa ajuricabense.

Nesse mesmo ano de 2009, a Sicredi Ajuricaba RS aderiu aos Programas Crescer e Pertencer, instituídos pelo Sistema Sicredi desde 2006. O objetivo do Programa Pertencer

20
01

Adesão ao Programa
"União Faz a Vida",
desenvolvido pelo Sistema
Sicredi

20
03

20 de janeiro
Inauguração da nova sede
da Sicredi Ajuricaba RS

A Sicredi Ajuricaba RS adere
a migração para o formato
de uma cooperativa de livre
admissão de associados

é intensificar a participação dos associados nas assembleias, proporcionando um debate e uma interação com o cotidiano e os meandros da cooperativa, o que resulta em sócios mais conscientes e envolvidos com os destinos da instituição. O Programa foi desenvolvido nos 23 núcleos do Sicredi existentes nas áreas de Ajuricaba e Nova Ramada, cada um deles com cerca de 150 participantes. Já o Programa Crescer é voltado à formação da consciência cooperativa nos associados, desde a história das origens até o funcionamento atual do setor. A partir do sistema de Assembleias de Núcleo (instituídas a partir de 2012), realizadas às vésperas das assembleias oficiais, os sócios debatem diretamente, com ampla presença, os temas que serão definidos a posteriori, permitindo assim uma integração ativa dos associados na decisão dos rumos da associação. Trata-se do Programa Pertencer, desenvolvido também pela cooperativa entre seus associados, protagonizando a aproximação de todos ao cotidiano da instituição.

O ano de 2010 foi marcante para a Sicredi Ajuricaba RS, pois, na Assembleia Geral de 26 de março, a presidência, ocupada desde a fundação por Paulo Ottonelli, passou para a responsabilidade de João Carlos Steurer, natural de Nova Ramada, eleito em chapa única. Nova alteração estatutária instituiu, a partir de então, um mandato de quatro anos para os Conselhos de Administração. Em 2013, às vésperas da união das quatro cooperativas que deram origem à Sicredi das Culturas RS, a Sicredi Ajuricaba RS apresentava um quadro total de 4.581 associados.



Reinauguração agência Ajuricaba

Desde a sua origem, foi e vem sendo um instrumento vital no processo de evolução, desenvolvimento e prosperidade das comunidades de Ajuricaba e Nova Ramada, construindo o futuro das pessoas por meio do crescimento cooperativo entre elas.

**20
09**

Adesão aos Programas
Crescer e Pertencer, do
Sistema Sicredi

**20
10**

João Carlos Steurer
assume a presidência

**20
14**

Reinauguração agência
Ajuricaba

Capítulo

Segundo endereço da Sicredi Santo Augusto, na rua Coronel Julio Pereira dos Santos



Sicredi **Santo Augusto RS** *Na fazenda loteada, o germinar da cooperação*

A história da criação da Sicredi Santo Augusto RS remonta a esforços e movimentos empreendidos por seu grupo pioneiro de fundadores ao longo de pelo menos um intenso ano de atividades antes da data oficial da fundação da cooperativa. A data de 28 de abril de 1989, que registra oficialmente o início das operações da instituição, não pode ser compreendida na amplitude de sua abrangência e significado sem que se conheça em detalhes a verdadeira saga empreendida por seus fundadores no sentido de primeiramente instrumentalizar o grupo com todas as informações e condições necessárias para, enfim, concretizar aquele sonho, que representava uma antiga aspiração de toda a comunidade regional. É preciso, portanto, ao se proceder ao resgate dos primórdios da Sicredi Santo Augusto RS, levar também em consideração a data de 26 de setembro de 1987, quando a cooperativa é oficialmente efetivada em uma assembleia, cujas atas e decisões são publicadas no Diário Oficial da União

em 15 de dezembro daquele mesmo ano. Mas a mobilização tendo em vista a fundação de uma instituição cooperativa de crédito volta- da aos interesses e às necessidades da área rural e da comunidade santo-augustense em geral era ainda mais antiga, como se verá em detalhes.

Diferentemente daquilo que o topônimo do município costuma induzir a supor, o nome da cidade não faz homenagem a nenhum santo reconhecido pela Igreja Católica e integrante de seu panteão oficial. As origens do povoa- do remontam ao ano de 1918, com a instala- ção de uma casa comercial em uma estrada que margeava as extensas porções de terras pertencentes a um fazendeiro chamado João Batista Chagas, na região missioneira do Rio Grande do Sul, no Noroeste do Estado. As ter- ras, na época, eram conhecidas como Rincão de São Jacob e também como Boca da Pica- da. Com a morte do fazendeiro, seus filhos decidiram dividir parte das propriedades em lotes a serem vendidos aos colonos, em um total de 360 frações, dando assim início ao processo de povoamento e colonização da- quella área.

Anos antes, porém, uma tragédia familiar se abatera sobre a família do afamado latifun- diário João Batista Chagas. Em certa ocasião, seu filho, Augusto Chagas, que fora enviado à Capital Porto Alegre a fim de estudar, estava em férias visitando a casa paterna quando decidiu sair a cavalo para vistoriar os cam-



Mapa Parcial do Rio Grande do Sul e Divisão Municipal em 2013

pos que lhe traziam à memória os tempos de infância. Ao retornar, quando foi abraçar sua irmã, o revólver que portava caiu do coldre e disparou ao chocar-se com o solo, atingindo mortalmente Augusto, que não resistiu ao fe- rimento. A fazenda, então, em homenagem à memória do filho tão querido, morto de for- ma tão repentina e improvável, recebeu a de- nominação de Santo Augusto, como passou a ser conhecida toda a área daquelas colônias, vindo posteriormente a batizar oficialmente o município.

Determinação em cooperar

Em 1928, Santo Augusto integrava-se ao mu- nicípio de Palmeira das Missões na condição de distrito. Anos depois, em 1944, passou a ser distrito do então novo município de Três Passos, que se desmembrava de Palmeira. A emancipação de Santo Augusto acontece no ano de 1959, em 17 de fevereiro. Tendo em sua origem colonial atraído descendentes de

etnias diversas, como italianos, alemães, poloneses e luso-brasileiros, a comunidade de Santo Augusto, desde o início de sua história, já apreendia o conceito da necessidade de cooperar para atingir os objetivos coletivos. Uma vez que sua economia primordial estava baseada solidamente no setor rural, as demandas decorrentes daquele universo eram comuns a diversos produtores, que, especialmente na década de 1980, encontravam na Cotrijuí (Cooperativa Regional Triticola Serrana de Ijuí) o amparo para as suas necessidades produtivas.

Naquela época, os produtores rurais de Santo Augusto contavam com a assessoria de um grupo de técnicos e agrônomos da Cotrijuí, que encaminhavam ao Banco do Brasil os projetos necessários para financiar suas atividades no campo, em especial nas lavouras de soja e trigo. Porém, os valores financiados, na maioria das vezes, não correspondiam ao montante das toneladas de grãos entregues pelos produtores à Cotrijuí, o que gerava desconforto e criava impasses para a liberação de novos financiamentos. Em paralelo, havia entre os produtores a convicção de que a agricultura praticada na região possuía potencial para melhorar e gerar crédito suficiente para seu próprio incremento.

Foi municiado por essa certeza e determinado a encontrar uma solução para o problema que um grupo de agricultores, em uma noite de setembro de 1987, tomou a iniciativa de se reunir no salão nobre da unidade da Cotrijuí em Santo Augusto, com o propósito de debater a viabilidade (e a necessidade) de criar uma cooperativa de crédito que atendesse ao quadro específico que os produtores da região enfrentavam. Estavam presentes ao

histórico encontro Eurico Prauchner, funcionário da Cotrijuí no setor de Comunicação; o gerente da unidade da Cotrijuí em Santo Augusto, Antônio Vieira dos Santos; o presidente do Sindicato dos Empregadores Rurais de Santo Augusto, Valcir Luiz Gonzatto e os produtores Ido Marx Weiller, Palomar Victor Montagner, Rui Polidoro Pinto e Ceredo Pedro Soares de Lima.

Percebendo a necessidade de, antes de mais nada, aprofundarem seus conhecimentos a respeito da estrutura, funcionamento e processo de criação das cooperativas de crédito, os integrantes daquela comissão histórica destacaram um grupo que teve a missão de viajar até o município de Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha, a fim de conhecer de perto o berço onde surgiram as primeiras cooperativas de crédito no Rio Grande do Sul, as pioneiras Caixas Rurais, fundadas a partir de 1902. Dessa forma, o grupo de sete santo-augustenses, liderado por Eurico Prauchner, dispendeu cinco dias junto à sede da atual Sicredi Pioneira RS, em nova Petrópolis, a fim de conhecer e aprender os detalhes da cooperativa.

Entusiasmado com o projeto, o gerente da unidade da Cotrijuí em Santo Augusto, Antônio Vieira dos Santos, colocou todos os recursos da cooperativa à disposição de Prauchner, no sentido de colaborar com a viabilização do sonho de criação da cooperativa de crédito o mais rápido possível, inclusive, arcando com alguns dos custos advindos do processo. Visitas às cooperativas de crédito que já existiam nos municípios vizinhos de Augusto Pestana, Cerro Largo e Panambi também foram realizadas, sempre no intuito de recolher informações e ampliar o conhe-

cimento sobre o setor. Concomitantemente a esse esforço, os abnegados membros da comissão não mediam esforços em promover reuniões no interior com os produtores, explicando o teor do projeto que estava em andamento e angariando o apoio que mais tarde seria fundamental para a fundação da cooperativa.

A Credicoopersa vira realidade

Apesar de não terem conseguido fundar oficialmente a cooperativa de crédito rural naquela histórica noite de setembro de 1987, os integrantes do grupo visionário não perderam tempo e aprovaram o Estatuto Social da instituição, realizando também a eleição da primeira diretoria e dos Conselhos de Administração e Fiscal. Eleita para o período de 1988 a 1992, a diretoria ficou assim constituída: Davi Alexandre Ceolin (Presidente, que viria a exercer três mandatos consecutivos, até 1998); Carlos Leodori Andriguetto (Diretor de Crédito Rural) e Hélio Paiva Prauchner (Diretor Administrativo). O Conselho de Administração era composto pelos membros titulares Valcir Gonzatto, Nelson Moresco e Antônio Vieira dos Santos; e os suplentes eram Palomar Victor Montagner, Ivo Gonçalves de Lima e Adão Ciotti. Para o Conselho Fiscal foram escolhidos os titulares Dirceu Prates Correa, Alberto Tomelero e Carlos Antonio Ivanovich; ficando como suplentes Edmundo Stadler, Clóvis Pompeo de Matos, Arcelino Beazi e José Lori Flores Gonçalves. Além dos membros da diretoria e dos dois



Davi Alexandre Ceolin

conselhos, a lista dos pioneiros e históricos sócios-fundadores da cooperativa de crédito de Santo Augusto ainda incluía os nomes de Celso Bolivar Sperotto, Sílvio Ceolin, Luiz Morresco, João Alves Teixeira, Nelson Bertholdo Kuss, Batista Chiusa, Rui Polidoro Pinto, João Juarez Possato, Heitor Rodrigues Antonio, Ivo Santos de Oliveira e Antônio Heck Weiller.

Janeiro de 1988 marcou a realização de outra assembleia, agora com o propósito de refazer a documentação de criação da nova cooperativa, após as avaliações e correções encaminhadas ao Banco Central e à Cocecrer (Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul). A fundação oficial da cooperativa de Santo Augusto, após tantas idas e

vindas de seus proponentes vencendo as burocracias impostas pela legislação federal (cujo propósito era claramente desestimular a criação e o funcionamento das cooperativas de crédito rural), ocorreu finalmente na data de 26 de setembro de 1988, em assembleia. Surgia, enfim, a tão sonhada Cooperativa de Crédito de Santo Augusto (Credicoopersa), e aparecia, assim, a tão esperada luz no horizonte para prover financiamentos que auxiliassem a atividade dos pequenos produtores rurais locais, capacitando-os com os instrumentos necessários para enfrentar o período de crise e de incertezas econômicas que marcariam as décadas de 1980 e 1990 no país. Eurico Prauchner, um dos fundadores da cooperativa, recorda que, a título de integralização de capital para cada pessoa se associar na nova cooperativa, era necessário cada um colaborar com o valor equivalente a dois sacos de soja, para construir o capital social da entidade.

O início das operações da cooperativa junto à comunidade concretizou-se, enfim, no dia 28 de abril de 1989, com a inauguração da primeira agência, em uma modesta sala cedida pelo posto local da Cotrijuí. "Tínhamos ali uma mesa, uma cadeira, material de escritório, um funcionário e muita vontade de trabalhar", recorda Prauchner. O evento convergiu as atenções de toda a municipalidade e da região naquele dia, com cobertura da imprensa e presença de autoridades e lideranças regionais. O investimento em estrutura, apesar de modesto, garantia o atendimento das operações a que a nova sociedade se propunha, composto por uma caixa registradora, um cofre, dois telefones com linhas diretas externas (um privilégio na época), mesas, ca-

**19
88**

26 de setembro
A Credicoopersa é efetivada em assembleia sob a presidência de Davi Alexandre Ceolin

**19
89**

28 de abril
Início das operações da cooperativa

15 de setembro
Inauguração da agência em Chiapetta

*Tínhamos ali uma mesa,
uma cadeira, material de
escritório, um funcionário e
muita vontade de trabalhar.*

deiras e mobiliário em geral. Talões de cheques e papéis timbrados foram impressos e a cooperativa entrou em funcionamento.

Visitas de casa em casa

O potencial de ação da cooperativa e a expectativa latente entre os produtores da região eram tão evidentes que não demorou para que a Credicoopersa ampliasse a extensão de suas atividades, abrindo, menos de meio ano após a inauguração, uma agência no município vizinho de Chiapetta, em 15 de setembro de 1989. Três meses depois, em 15 de dezembro, era também inaugurada a agência de Coronel Bicaco. A viabilidade necessária para que fosse tomada a decisão de instalar uma agência na vizinhança obedecia à observância de diversos critérios debatidos no Conselho de Administração, como a existência de um número inicial mínimo de associados que garantisse e justificasse a iniciativa.

Seguindo os mesmos preceitos, a Cooperativa de Santo Augusto abriria ainda uma quarta agência, desta vez em São Valério do Sul, em agosto de 1990. O produtor Erich Breuning,

associado da cooperativa, foi um dos principais entusiastas e ativistas pela instalação do chamado "postinho da Sicredi" em Coronel Bicaco, em 1989. "Éramos apenas uns 10 ou 15 associados naqueles primeiros momentos, mas todos entusiasmados com as perspectivas que surgiam para incrementar a atividade agrícola em nossa região a partir daquela iniciativa", recorda. Desde o primeiro momento, Breuning passou a integrar o Conselho de Administração, em sucessivas gestões, até o ano de 2010. "Nesse período, pude acompanhar de perto o crescimento e a consolidação do Sicredi, e tenho certeza de que o futuro da cooperativa é altamente promissor", assegura.

Uma vez que as linhas de crédito oferecidas pelo Banco do Brasil priorizavam o atendimento aos grandes produtores rurais, os pequenos e médios não tardaram em recorrer à recém fundada Credicoopersa, fazendo com que a sociedade já pudesse contar com 564 associados antes mesmo de completar seu primeiro ano de operações. A extinção do BNCC efetivada pelo governo do então presidente da República Fernando Collor de Mello, no início de 1990, gerou um grande revés para todas as cooperativas de crédito rural, e a Credicoopersa precisou criar parcerias com o Banco do Brasil e com a Cocecrer a fim de garantir a compensação dos cheques emitidos.

No entanto, as taxas elevadas cobradas pela instituição bancária começaram a fomentar o sonho de criação de um banco próprio que melhor atendesse às necessidades das cooperativas de crédito rural, o que logo adiante acabaria se concretizando.

Antes disso, em 1991, a cooperativa de crédito passava a ocupar sua primeira sala própria, saindo das instalações que até então utilizava junto à unidade local da Cotrijuí e passando a alugar um espaço no centro da cidade, em frente à praça. "Aquilo deu credibilidade para a cooperativa junto aos associados e frente à comunidade como um todo", ressalta Prauchner. Já no ano seguinte, a Credicoopersa migraria para outra sala, mais ampla e moderna, em um prédio construído especialmente para esse fim pelo associado Olívio Roppa.

Um dos pontos fortes da atuação da diretoria da cooperativa, que marcou o período e resultou como vital para a consolidação do Sicredi em Santo Augusto, foi o esforço direcionado de forma personalizada aos agricultores da região, conforme recorda o ex-presidente Alcides José Bandeira. "Fazíamos visitas pessoalmente, todos os dias, de casa em casa, buscando novos associados e atrás de recursos para a cooperativa", relembra. "Mostrávamos que estávamos fazendo um trabalho sério na comunidade, e esse método dava resultados positivos. Tanto é que conseguimos logo chegar ao número de 10 mil associados, ou seja, um terço do total de munícipes atingidos na época pelo raio de ação da cooperativa, incluídos Santo Augusto, Coronel Bicaco, Chiapetta e São Valério do Sul".

Incentivo à poupança

Uma profunda e ampla reforma no Estatuto Social da cooperativa foi trabalhada ao longo do ano de 1991, com vistas a adequar a Credi-coopersa às normas únicas estipuladas pelo Sistema Sicredi. Tendo a anuência de todas as cooperativas filiadas à Cocecrer, em 10 de julho de 1992, as cooperativas uniram-se ao Sistema, adotando a denominação comum acrescida do nome do município-sede, originando a Sicredi Santo Augusto RS, que assumiu oficialmente a denominação a partir de 1995.

Com a criação do Banco Cooperativo Sicredi S.A., instituído pelas cooperativas filiadas à Central Sicredi Sul, ainda em 1995, os associados do Sistema passam finalmente a contar também com todos os serviços bancários que até então eram vetados às cooperativas rurais de crédito. O Bansicredi torna-se, assim, o primeiro banco cooperativo a existir em todo o Brasil, abrindo portas novas para o crescimento e desenvolvimento das Cooperativas Sicredi em toda a região, uma vez que foi possível estipular linhas de crédito especiais para os pequenos produtores rurais, foco principal da cooperativa desde as suas origens. Com a expansão advinda desse novo quadro, os associados crescendo de forma sólida e sustentável, juntamente com a própria cooperativa, foi possível viabilizar que o Sicredi recebesse recursos diretos do Banco Central e a efetivar repasses advindos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), atendendo cada vez melhor todas as demandas de seus associados. Em 1998, a presidência da cooperativa passou a ser exercida por Alcides José



Alcides José Bandeira

Bandeira, até o ano de 2013, em cinco mandatos sucessivos, até a união das quatro cooperativas que deu origem à Sicredi das Culturas RS, quando assumiu uma das três vice-presidências da nova entidade.

Sempre em busca de conhecimento e de contato com experiências novas e transfor-

madoras existentes e passíveis de serem adaptadas aos interesses de seus próprios associados, a diretoria da Sicredi Santo Augusto RS, após uma viagem de relacionamento feita a cooperativas em países no exterior, tomou conhecimento, na Holanda, de um programa de associação de crianças recém-nascidas, filhos de associados, cujo objetivo

**19
92**

10 de julho
As cooperativas filiadas
à Cocecrer unem-se ao
Sistema Sicredi

**19
95**

A cooperativa de Santo
Augusto passa a chamar-
se oficialmente Sicredi
Santo Augusto RS

**19
98**

Alcides José Bandeira
assume a presidência da
Sicredi Santo Augusto RS

era abrir uma poupança para elas desde seus primeiros momentos de vida, planejando e garantindo seu futuro. O então presidente Alcides Bandeira recorda que, a partir dali, decidiu-se criar o programa Associado Mirim na Cooperativa, em 2004, iniciativa que depois foi ampliada e implantada nas demais cooperativas coirmãs da região. "A criança ganhava um cofrinho e uma camiseta do Sicredi, para incentivá-la e educá-la a se transformar em uma poupadora", recorda Bandeira.

UPR e ação integrada

Antes disso, no ano de 2003, detectando a necessidade de a estrutura física da cooperativa acompanhar o porte de crescimento de seus negócios e de seu número de associados, sempre em constante expansão, decidiu-se construir um novo prédio específico para a Sicredi Santo Augusto RS. Assim, em agosto daquele ano, foi inaugurada a nova sede, situada à Rua Rio Branco, número 1094, no coração da cidade, proporcionando um atendimento ágil e moderno a todos os seus associados. Dois anos depois, em 2005, a Assembleia Geral da cooperativa era desafiada a decidir outra questão que novamente abri-

ria portas e alavancaria ainda mais a esfera de atuação da instituição. A partir de uma nova (e muito esperada) resolução baixada pelo Banco Central, tornou-se finalmente possível a cooperativa migrar para o formato de livre admissão de associados, encerrando-se a restrição de somente poder associar produtores rurais em seu quadro social. Entre as vantagens obtidas a partir da migração, aprovada por unanimidade pela Assembleia Geral, constam a ampliação de beneficiados, com a abertura de associação para todas as pessoas físicas e jurídicas de todos os setores produtivos; redução dos riscos sazonais e ganho de escala. Com a consequente abertura de mercado e ampliação do rol de serviços e produtos oferecidos, novamente a cooperativa alterou sua denominação, passando a se chamar então Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Santoaugustense – Sicredi Santo Augusto RS.

Os primeiros passos rumo à consolidação de uma gestão integrada entre várias cooperativas Sicredi, visando à otimização de recursos, se concretizaram a partir do ano de 2001, quando quatro cooperativas Sicredi da Região Noroeste do Rio Grande do Sul se uniram para criar a primeira Unidade de Processamento Regional (UPR) de todo o país, unindo as Sicredi Ajuricaba RS, Augus-

to Pestana RS, Panambi RS e Santo Augusto RS, em uma primeira experiência de atuação conjunta que resultaria, anos mais tarde, na consolidação da ideia de criar a Sicredi das Culturas RS.

Com essa ação, foi possível estabelecer um espaço compartilhado para o serviço de processamento de dados oriundos da movimentação de cada uma das quatro cooperativas, agilizando processos, reduzindo custos e beneficiando o atendimento aos associados. No ano seguinte, a gerência da UPR ficava a cargo de Roque Enderle, que aprimora os processos internos, fazendo da Unidade um case de sucesso administrativo que passa a servir de molde para outras cooperativas de todo o país, recebendo visitas de representantes de associações de municípios gaúchos e de outros estados. O sucesso alcançado pela iniciativa resultou na transformação da UPR em uma Unidade Regional de Desenvolvimento e Controle (URDC), em 2003, quando as cooperativas começaram a ter naquela unidade não só os seus dados processados conjuntamente, mas também a possibilidade de começar a projetar de forma integrada os passos de um desenvolvimento conjunto entre as quatro cooperativas, que aprofundavam assim seu processo de atuação conjunta.

Roque Enderle, que no ano de 2019 completou três décadas de trabalho no Sicredi (ingressou em 1989 ainda como funcionário da Cotrijuí em Santo Augusto, destinado a administrar as linhas de crédito dos produtores via convênio com a Cooperativa de Crédito Santoaugustense e, em 1991, já desempenhava o cargo de gerente da agência no município, tendo também atendido a Co-

A criança ganhava um cofrinho e uma camiseta do Sicredi, para incentivá-la e educá-la a se transformar em uma poupadora.

**20
03**

Inauguração do novo
prédio da Sicredi Santo
Augusto RS

**20
04**

Criação do programa
Associado Mirim na
Cooperativa

**20
05**

A cooperativa passa a denominar-se
Cooperativa de Crédito de Livre Admissão
de Associados Santoaugustense – Sicredi
Santo Augusto RS

perativa de Crédito Rural Celeiro) lembra que a iniciativa de realizar os processamentos de forma conjunta surgiu a partir da necessidade de se estabelecer um programa de centralização de base, inicialmente instalado na Sicredi de Ijuí, a fim de atender de forma centralizada, em um só lugar, todo o serviço de processamento de dados das cooperativas de Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi e Santo Augusto. Com isso, haveria redução de custos, padronização, e consequente agilização de procedimentos. Esta foi a origem da primeira UPR em Ijuí, que depois se transformou em Unidade Regional de Desenvolvimento e Controle (URDC). Com a criação da URDC, também passou a fazer parte deste grupo a Sicredi Celeiro RS, que integrou a Unidade Regional até o ano de 2009.

No início, o foco da UPR era somente operacional: processar dados e efetivar a contabilidade das quatro cooperativas, sem envolvimento nas questões estratégicas e de planejamento. O passo além foi dado com a criação posterior da URDC, que abarcava os conceitos de processar e de administrar. "A experiência da URDC, analisando em retrospecto, trazia já em si o embrião do conceito e da compreensão que permitiriam e conduziram a posterior união das quatro cooperativas e a criação da Sicredi das Culturas RS", avalia Enderle, que assumiu a URDC na condição de gerente regional no ano de 2005, cargo que ocupou até 2012, antes da união.

Mais uma vez, o sucesso dessa operação permitiu voos administrativos mais altos e,

entre os anos de 2009 e 2010, as quatro cooperativas uniram suas gestões em uma Superintendência Regional (Sureg), que passa a ser coordenada também por Roque Enderle, agora como Superintendente Regional, devido à sua experiência como gestor desses processos desde o início. Essa experiência revestiu-se de caráter pioneiro, ao promover, pela primeira vez, um processo de organização de gerenciamento compartilhado entre quatro cooperativas: Sicredi Ajuricaba RS, Sicredi Augusto Pestana RS, Sicredi Panambi RS e Sicredi Santo Augusto RS. O crescimento e a continuidade da ação dessas quatro cooperativas estão diretamente ligados ao sucesso dessa experiência de atuação compartilhada.

Programas incentivam participação e cidadania

Com a redução de custos operacionais, proporcionada por essas iniciativas, aliada ao crescimento direto delas decorrente, foi possível à Sicredi Santo Augusto RS investir na adesão e implantação de diversos programas sociais que beneficiaram milhares de associados, familiares e a comunidade como um todo ao longo dos anos. Entre eles, figuram, com muita expressividade, os programas "Crescer", "Pertencer" e "A União Faz a Vida". Voltado aos associados, o "Programa Crescer" tem como objetivo difundir o con-

ceito de cooperação, qualificando os sócios a compreenderem os processos de gestão e de desenvolvimento da cooperativa. Desenvolvido pelo Sistema Sicredi, o programa iniciou na Sicredi Santo Augusto RS no ano de 2010, formando novas lideranças e capacitando os associados a interagirem mais na cooperativa e também em seus próprios negócios.

Já o "Programa Pertencer" tem como meta incentivar o associado a atuar como dono do negócio (no caso, a cooperativa à qual ele está ligado), aproximando-se dos processos de gestão, por meio do envolvimento com o conhecimento da realidade do negócio (ao qual ele pertence, e que também pertence a ele). Dessa forma, os associados e os coordenadores de núcleos participam de reuniões e assembleias nas quais são debatidos os temas que movem o cotidiano da cooperativa, integrando-se aos processos e compreendendo a realidade do mercado, levando sugestões de ações a serem avaliadas pelas assembleias e pela diretoria.

Por sua vez, o "Programa A União Faz a Vida" é voltado às crianças e adolescentes, das comunidades e filhos dos associados, em parceria com o Sicredi, os municípios e entidades parceiras. O objetivo é proporcionar a compreensão dos valores de cooperação e cidadania, além de vivências práticas nesse âmbito, como maneira de formar cidadãos cooperativos no futuro.

Programa A União Faz a Vida durante desfile de 7 de setembro em São Valério do Sul - 2004



O símbolo do programa é a abelha, inseto gregário que fornece o melhor exemplo de sucesso associativista e cooperativo na natureza. O mel resultante de seu trabalho comunitário se concretiza no crescimento conjunto da instituição (a colmeia), seus associados (as abelhas) e a comunidade (o meio em que vivem e atuam).

Capítulo



A força da união multiplicada por quatro

A Sicredi das Culturas RS/MG nasceu de uma visão conjunta de construção de futuro por parte dos associados e diretores das quatro marcantes e tradicionais cooperativas Sicredi abordadas nos capítulos iniciais deste livro. A partir da data histórica de 1º de novembro de 2013, a trajetória até então isolada das cooperativas Sicredi Ajuricaba RS, Augusto Pestana RS, Panambi RS e Santo Augusto RS passou a convergir com a criação de uma nova cooperativa unificada, mais forte e melhor estruturada para não só atender às demandas sempre crescentes de seus associados, mas para também expandir seus benefícios a uma gama cada vez maior de pessoas e de comunidades, ampliando seu potencial de atuação em outras regiões do país.

De lá para cá, a dinâmica das transformações positivas tem sido evidente no cotidiano de cada associado, comprovando que a decisão tomada nas assembleias preparatórias à união representou o mesmo papel visionário que motivou os pioneiros fundadores de cada uma das quatro cooperativas no passado. A Sicredi das Culturas RS/MG absorve o legado do espírito cooperativista de suas quatro antecessoras, descortinando um horizonte infinito de possibilidades de realizações a todos os seus associados e às comunidades nas quais está inserida.

Maturação da proposta via debate

O início das discussões que culminariam na criação da Sicredi das Culturas RS/MG ocorreu ainda ao longo do ano de 2012, em decorrência do conteúdo advindo da Normativa 130/09 e da Resolução 3.859/10, publicadas pelo Banco Central. A primeira, em forma de Lei Complementar, autorizava as cooperativas de crédito a criarem diretorias executivas subordinadas ao Conselho de Administração, "na qualidade de órgão estatutário composto por pessoas físicas associadas ou não", indicadas pelo Conselho. A segunda, entre outras questões, instituía a observação de políticas de governança corporativa nas cooperativas de crédito, adotando uma estrutura administrativa integrada por Conselho de Administração e Diretoria Executiva. Essas determinações colocavam as cooperativas de crédito em outro patamar de atuação financeira e jurídica, permitindo o seu crescimento e desenvolvimento.

No entanto, após análise detalhada das mudanças que precisariam ser efetivadas, as diretorias das quatro cooperativas perceberam a possibilidade de surgir um problema impeditivo a partir da necessidade imposta a cada instituição, de instalar e criar Suregs (Superintendências Regionais) específicas para cada uma. O custeio individual de cada Sureg se tornaria inviável de ser sustentado por cada cooperativa até então ligada à Sureg das Culturas de Ijuí, e esse foi o principal quesito motivador do início do processo de discussão da união. O primeiro passo nesse sentido, após as deliberações efetivadas

entre os membros das diretorias e os dos Conselhos das quatro associações, a fim de clarificar os detalhes e as implicações desse processo, foi estabelecer um amplo calendário de assembleias e discussões entre os associados das cooperativas, em busca da aprovação do projeto. Para tanto, uma verdadeira cartilha contendo as principais dúvidas, preocupações e questionamentos a respeito do processo de união, suas vantagens e ganhos, foi preparada para pautar as reuniões e elucidar todos os pontos a todos os associados das quatro cooperativas envolvidas.

O primeiro ponto abordava diretamente a questão primordial referente às razões e motivos para transformar as quatro cooperativas em uma única entidade. Sustentando essa decisão, havia a convicção de que a união proporcionaria ganhos de escala, através da ampliação da capacidade patrimonial, operacional e por meio da uniformização das políticas de gestão, tanto de desenvolvimento de negócios quanto de gestão de pessoas. Além disso, o processo também maximizaria o resultado financeiro gerado a partir da consolidação da nova estrutura.

Na sequência, os associados questionavam a respeito de que benefícios resultariam a eles com a união, o que ficava claro a partir da compreensão de que, além de seguirem sendo associados do Sicredi, passariam a pertencer a uma cooperativa maior, mais sólida, já com quase um século de história na área do cooperativismo de crédito da região. A partir da união, a instituição passaria a contar com uma ampla disponibilidade de recursos a fim de melhor atender ao associado, e com muito mais representatividade. O volume de negócios pôde, assim, aumentar, bem como a par-

Sicredi das
Culturas RS/MG
(2013)

45 mil
Associados

18
Pontos de
Atendimento

em

13
Municípios

R\$87 milhões
em patrimônio líquido

R\$245 milhões
em volume de depósitos

carteira de crédito superior a
R\$286 milhões

ticipação da cooperativa no mercado e sua rentabilidade, proporcionando ainda uma enorme redução de custos. A nova Sicredi das Culturas RS/MG já nasceu contando com 45 mil associados e 18 pontos de atendimento distribuídos em 13 municípios. O patrimônio líquido da entidade, ao surgir, era na ordem de R\$ 87 milhões, com um volume de depósitos de R\$ 245 milhões e uma carteira de crédito superior a R\$ 286 milhões.

Debate democrático e aprofundado

Os ganhos para a região e aos associados foram detectados no fato de, ao invés de seguirem existindo quatro cooperativas de portes pequeno e médio, apesar de todas estarem em situação estável e favorável individualmente, passaria a haver uma grande cooperativa. A partir da união, a Sicredi das Culturas RS/MG continuaria com a missão de atender sempre e melhor às necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais dos associados, proporcionando mais desenvolvimento e crescimento da sua região de atuação. A área de ação da Sicredi das Culturas RS/MG, por sinal, passaria, desde o estabelecimento da união, a compreender todos os municípios das quatro cooperativas, sendo um extremo Jóia e o outro Coronel Bicaco. Passaram também a fazer parte os municípios de Ajuricaba, Augusto Pestana, Bozano, Chiapetta, Condor, Coronel Barros, Nova Ramada, Ijuí, Panambi, Santo Augusto e São Valério do Sul.

Ao todo, foram realizadas 13 Assembleias de Núcleo, quatro Assembleias Gerais Extraordinárias de delegados e uma Assembleia Geral conjunta de delegados, debatendo os pontos específicos da união. “Houve várias etapas e desafios ao longo desse processo de discussão e, especialmente, de sensibilização em relação ao acerto da adoção da estratégia da união das quatro cooperativas”, recorda o atual diretor Executivo da Sicredi das Culturas RS/MG, Roque Enderle. Segundo ele, após o processo de esclarecimento junto aos integrantes dos Conselhos de Administração das quatro associações, se fazia necessário proceder à sensibilização também dos sócios fundadores de algumas das cooperativas, especialmente as duas mais jovens (Ajuricaba e Santo Augusto), cujos membros pioneiros ainda estavam ativos. “Só depois disso é que foi possível partir para encaminhar a proposta às assembleias”, recorda Enderle.

De acordo com as decisões tomadas nas Assembleias de Núcleo Extraordinárias, bem como na Assembleia Geral conjunta, a nominata do Conselho de Administração da nova Sicredi das Culturas RS/MG ficou assim constituída: Presidente, Antenor José Vione; 1º Vice-Presidente: Elmo Pedro Von Mühlen; 2º Vice-Presidente: Alcides José Bandeira; 3º Vice-Presidente: João Carlos Steurer (ao todo, o órgão é composto por 12 conselheiros, em grupos de três, oriundos de cada uma das quatro cooperativas originais). Na época, o então presidente da Sicredi Santo Augusto RS, Alcides José Bandeira, não hesitava em afirmar que “esta reestruturação é importante para a nossa região e também para o Sicredi, pois teremos uma cooperativa ainda

mais forte para os nossos associados, seguindo o princípio de que a união multiplica o crescimento e gera desenvolvimento social e econômico".

Durante o processo de realização das assembleias, o presidente da Sicredi Ajuricaba RS, João Carlos Steurer, enfatizava que "unir esforços para o bem comum é uma característica fundamental do cooperativismo e, nesse momento, quatro cooperativas do Sicredi propõem uma união para formar uma única empresa, garantindo ao quadro social resultados ainda melhores. Temos certeza de que este é um passo muito importante em nossa História, para que possamos atender cada vez mais e melhor". Também se manifestava, no mesmo sentido, Antenor José Vione, presidente da então Sicredi Augusto Pestana RS: "esta união tem como propósito principal o fortalecimento do Sicredi em nossa região. A partir desta reestruturação, teremos uma cooperativa ainda mais forte para os nossos associados". Por sua vez, Elmo Pedro Von Mühlen, presidente da Sicredi Panambi RS, enfatizava: "A partir deste movimento de união, entendemos que os benefícios para o quadro social são inúmeros. Teremos ganho em escala, redução de custos e muitas oportunidades de crescimento para todos. Estaremos construindo uma cooperativa ainda maior, mais forte e com mais solidez, buscando atender ainda mais às demandas dos nossos associados".



Assembleia Geral Extraordinária Conjunta de união das cooperativas

Quatro cooperativas unidas

A união das quatro cooperativas foi inicialmente tratada nas Assembleias de Núcleo Extraordinárias, que foram acompanhadas pela Comissão Mista responsável por encaminhar os trâmites de união das quatro instituições financeiras cooperativas. A Assembleia Geral Extraordinária conjunta foi realizada a posteriori para aprovar o relatório da Comissão Mista, decidir pela união e aprovar o texto do Estatuto Social. Também foram eleitos os membros dos Conselhos de Administração e Fiscal.

Poucos dias depois da histórica assembleia de fundação da Sicredi das Culturas RS, em

1º de novembro de 2013, a notícia chegava nesses termos à imprensa e às comunidades regionais: "As cooperativas Sicredi Ajuricaba RS, Augusto Pestana RS, Panambi RS e Santo Augusto RS uniram suas atividades para fortalecer a capacidade patrimonial e operacional na região. A união foi aprovada pelos associados em Assembleias Extraordinárias realizadas nos últimos dois meses em toda a região de abrangência das cooperativas. Houve 18 encontros de Assembleias de Núcleo, cujas decisões foram ratificadas na Assembleia Geral Extraordinária Conjunta, realizada no dia 1º de novembro de 2013, em Ijuí. O projeto foi apreciado por mais de 3 mil pessoas, entre delegados, coordenadores e associados. Com a unificação, a cooperativa passa agora a ser chamada de Sicredi das Culturas RS, com sede em Ijuí.

A união, a partir da unificação das estruturas, trará, além da ampliação da capacidade patrimonial e operacional, redução de custos e maior velocidade na tomada de decisões. Com isso, permitirá à cooperativa aumentar o volume de negócios, a participação de mercado e a ampliação da rentabilidade. A nova cooperativa já conta com 18 unidades de atendimento, distribuídas em 13 municípios: Ajuricaba, Augusto Pestana, Bozano, Condor, Coronel Barros, Coronel Bicaco, Chiapetta, Ijuí, Jóia, Nova Ramada, Panambi, Santo Augusto e São Valério do Sul, atingindo a marca de 45 mil associados. O patrimônio líquido é de R\$ 89 milhões e os recursos administrados entre carteira de crédito e fontes de recursos somam mais de R\$ 611 milhões.

‘Entendemos que este foi um passo muito importante para a região e para o Sicredi, pois, a partir de agora temos mais uma grande cooperativa no Sistema e a região conta com uma grande instituição financeira cooperativa com maior capacidade patrimonial para melhor atender ao quadro social’, ressaltou o presidente da Sicredi das Culturas, Antenor José Vione”.

A novidade ganhou as manchetes de toda a imprensa regional devido à relevância do fato, que passaria a impactar positivamente no cotidiano dos associados e dos moradores de toda a região abarcada pela nova cooperativa. Após todos esses esforços, o resultado foi exatamente o melhor esperado, conforme lembra o diretor Executivo da Sicredi das Culturas RS/MG, Roque Enderle: “Conseguimos, enfim, aprovar e concretizar a união, com o menor volume de ruído, com estresse mínimo, com desgaste zero”.

CNPJ Pestanense mantido

Antenor José Vione, presidente da Sicredi das Culturas RS/MG na primeira gestão histórica da nova cooperativa, possui larga trajetória pessoal de envolvimento com a instituição, acumulando décadas de experiência e dedicação ao cooperativismo. Com extenso currículo de atividades em questões sindicais e comunitárias, foi secretário municipal de Agricultura de Ijuí e integrou diretorias de diversas entidades na região. Vione esteve presente em momentos de mudanças estratégicas cruciais e transformadoras da história das cooperativas de crédito gaúchas, destacando em especial os fatos ocorridos na metade da década de 1980, mais especificamente em 1986, quando, em decorrência das novas políticas econômicas ditadas pelo Conselho Monetário Nacional, ocorreu o fechamento da maioria das então Caixas Rurais em todo o país, sobrando apenas nove em atividade no Rio Grande do Sul, que se uniram e criaram a central do estado.

A diretoria da então Credipel decidiu estreitar relações com as cooperativas agropecuárias

da região em busca de parcerias que permitissem seguir funcionando e atendendo aos seus cooperados de maneira satisfatória. Várias cooperativas atenderam a esse apelo, entre elas a Cotrijuí (de Ijuí), a Cotrirosa (de Santa Rosa), a Cotrimaio (de Três de Maio) e outras. Em especial, a Cotrijuí revelou-se uma parceira fundamental, ao ceder suas dependências em diversas unidades regionais para a instalação e operação do Sicredi, permitindo efetivar-se um importante fortalecimento do Sistema no Rio Grande do Sul.

Outro momento crucial vivenciado por Vione foi justamente quando da determinação do Banco Central, agora já a partir de 2012, relativa à alteração do modelo de governança imposto a todas as cooperativas de crédito do país. A princípio, a Sicredi Panambi RS já fizera a adequação em 2013, agilizando-se em se adequar às novas normas. As Cooperativas Sicredi Ajuricaba RS e Santo Augusto RS planejavam concluir a alteração no ano de 2014 e a previsão da Sicredi Augusto Pestana RS era para 2015. No caso de proceder-se a uma união de cooperativas (o que só ocorreria após todas terem efetivado as alterações), seria preciso manter o CNPJ da cooperativa mais antiga e dar baixa nos CNPJs das

“A partir desse momento, começamos, os presidentes das quatro cooperativas, juntamente com as diretorias, a aprofundar a ideia de proceder à união das entidades”.

demaís. No caso da Sicredi das Culturas RS/MG, o CNPJ a ser mantido seria (como de fato, foi) o da Sicredi Augusto Pestana RS, a mais antiga, fundada em 1925, presidida por Antenor Vione desde 2011. "A partir desse momento, começamos, os presidentes das quatro cooperativas, juntamente com os conselhos, a aprofundar a ideia de proceder à união das entidades", recorda Vione.

A decisão fundamental, na visão de Vione, foi a de efetivar a união das quatro cooperativas e encaminhar de forma unificada a adequação às novas diretrizes governamentais, evitando a morosidade e a burocracia que adviriam no caso de cada uma proceder separadamente ao processo, para só depois unificar. A união se consolidou de forma satisfatória, com o apoio dos associados das quatro cooperativas.

A experiência de atuação unificada, em alguns setores do processo administrativo, já existia e vinha dando resultados positivos desde o ano de 2000, com a implantação da Superintendência Regional (Sureg), consolidando o caminho a ser seguido para a efetivação de uma união plena. "Migrar para a união acabou se mostrando um caminho natural a ser percorrido, pensando em termos de futuro, de permanência e de expansão", analisa. Antenor Vione crê existir no Banco Central uma aposta consistente no sistema cooperativista de crédito, em especial o Sicredi, devido ao trabalho que o sistema desenvolve, de inclusão do homem do campo às linhas de crédito, bem como no processo de fixação dele no setor do agronegócio, com atenção especial aos pequenos proprietários.

A fim de adequar a estrutura interna da cooperativa unificada às demandas e desafios que surgiriam de forma agregada, fez-se necessário criar uma nova diretoria, quando foi estabelecida a Diretoria de Negócios e novas gerências: a de Operações, a de Ciclo de Crédito, a de Negócios e a de Relacionamento. Proceder a um nivelamento técnico e de formação entre os colaboradores integrantes das equipes das quatro cooperativas que se uniram representou um dos desafios internos cruciais a serem enfrentados nos primeiros momentos após a união, a partir de 2013, conforme salienta o diretor de Negócios da Sicredi das Culturas RS/MG, Lucídio Cristiano Amorim Ourique, que foi Gerente Regional de Desenvolvimento entre 2011 e 2013. "Nossa preocupação, além da questão dos negócios e do desempenho econômico da nova cooperativa, se dirigia também à necessidade de uma elevação padronizada do nível das equipes", ressaltava Ourique.

Resultados atestam acerto da união

O processo e o conceito da união das cooperativas já estavam consolidados no início de 2019, com o patrimônio da nova Sicredi das Culturas RS/MG sólido e apto a atender associados de todas as envergaduras, desde o pequeno agricultor até o grande produtor rural, incluindo profissionais liberais, prestadores de serviços, empresários, industriais, comerciantes etc. O patrimônio líquido da instituição financeira cooperativa, no final de 2019, já atingia o montante de R\$ 238 milhões, um

patamar que se apresentaria inimaginável para qualquer uma das quatro cooperativas isoladas.

O assessor de Ciclo de Crédito da Sicredi das Culturas RS/MG, Paulo Kowalski, no cargo desde 2015 (e trabalhando no Sicredi desde o ano de 1984), identifica como um dos pontos representativos do sucesso da reestruturação da cooperativa a possibilidade de ampliação do leque de produtos e serviços a serem disponibilizados aos associados. "Aumentamos nossa capacidade de fornecimento de crédito com um índice de aprovação automática elevado, girando em torno de 66%. Nossa meta é chegarmos a 90%, o que facilita a vida do associado e agiliza o processo de desenvolvimento da comunidade", avalia Kowalski. "Isso é muito importante para manter a cooperativa competitiva no mercado e também para atender às necessidades do associado, que está cada vez melhor informado e sabe analisar e fazer escolhas", complementa. A avaliação é corroborada pelo gerente da agência de Augusto Pestana, Aldoir Goergen, para quem é fundamental o Sicredi analisar e cuidar bem dos produtos que coloca à disposição dos associados: "Os produtos precisam conseguir atender às exigências e às expectativas dos associados. Afinal, eles são participativos e, na verdade, torcem pelo sucesso da cooperativa, assim como todos os colaboradores", resume Goergen, que acumula três décadas de dedicação ao Sicredi.

Paulo Rogério Sapiezinski, que atua como Conselheiro Administrativo da cooperativa (já assumiu o cargo de vice-presidente da Sicredi Santo Augusto RS por duas gestões, de 2007 a 2013, e foi um dos vice-presidentes da Sicredi das Culturas RS/MG), detecta que o

“É um processo importante, tínhamos a sensação clara de que estávamos fazendo história.”

acerto da decisão da união das quatro cooperativas se embasava na visão correta de que, dessa forma, seria possível obter um significativo ganho de escala, viabilizar a sequência das operações e manter competitividade no mercado. “É esse ganho de escala que permite instituir o aperfeiçoamento dos processos internos, aprimorando a atuação de todos e prestando, assim, um serviço cada vez melhor aos associados e à comunidade”, analisa Sapiezinski. “Nossa experiência de união de quatro cooperativas é pioneira no país em termos de porte, e temos o compromisso de fazer essa novidade ser um case de sucesso”, conclui.

A gerente Administrativo-financeiro da agência do Sicredi em Ajuricaba, Rúbia Sperotto Lorenzon, identifica como um dos pontos positivos da união das quatro cooperativas o crescimento e o aprofundamento da profissionalização dos sistemas operacionais internos, o que traz como consequência não só a agilidade nas ações e a economia nos custos, como também cria um ambiente favorável e propício para o desenvolvimento profissional de todos os colaboradores. “Estamos atuando melhor no cotidiano, nos processos internos, e recebemos muitas oportunidades de treinamento. Dessa forma, conseguimos também oferecer um atendimento cada vez melhor aos associados, que é o principal foco da Sicredi das Culturas RS/MG”, reflete Rúbia.

Acolher o associado

Reunir os aspectos positivos e construtivos de culturas diversificadas e colocá-los em ação visando a um objetivo comum pode ser o resumo da essência que pretende invocar a denominação da Sicredi das Culturas RS/MG oriunda da união das quatro cooperativas gaúchas. Quem detecta esse aspecto é o atual gerente da agência Sicredi de Coronel Bicaco, Sandro Rigolli, cujo currículo de atividades dentro do Sistema Sicredi lhe permitiu travar conhecimento das diversas culturas e modos de fazer existentes nos vários municípios em que atuou. Tendo ingressado no Sicredi no ano de 1993, ainda na Crediaju, em Ajuricaba, Rigoli atuou em diversas frentes até atender ao convite para assumir o posto de gerente na agência Sicredi de Nova Ramada, em 2002. Permaneceu no cargo por 12 anos, até 2014, ao ser transferido para a gerência da agência do Sicredi no município de Jóia, desafio que conduziu até março de 2018, quando passou a responder pela gerência da agência em Coronel Bicaco. “Essas vivências todas me ajudaram a conhecer bem a fundo as nuances de cada cultura regional e a detectar o quanto isso pode funcionar como ferramenta para o crescimento conjunto de todas as comunidades regionais”, exemplifica Rigoli.

Roselei Muller Kepler, gerente Administrativo-financeira da agência do Sicredi em Condor, analisa que a união das quatro cooperativas causou um impacto profundo e muito positivo em toda a equipe de colaboradores. “É um processo importante, tínhamos a sensação clara de que estávamos fazendo história”, resume ela. “O patamar em que se encontra a Sicredi das Culturas RS/MG hoje é indiscritivelmente superior à situação em que as quatro cooperativas estariam se tudo tivesse continuado como estava”, reforça.

Seguir praticando no dia a dia a política de acolher cada associado e se importar com o problema específico que ele traz à cooperativa deve ser uma meta cotidiana de todos os colaboradores, conforme analisa Clarice Inês Dick, tesoureira da agência do Sicredi em Santo Augusto. “Esse foi e tem sido o diferencial do Sicredi desde as suas origens: ajudar nos problemas individuais dos associados, procurar alternativas e opções que se adequem às suas necessidades. E precisamos continuar sendo sempre assim”, comenta. Segundo ela, é preciso “cultivar perenemente esse nosso jeito Sicredi de atuar”.

“Descobrimos que o sucesso que conseguimos alcançar rapidamente em termos de estruturação da nova cooperativa a partir da união das quatro instituições deveu-se à observância de uma fórmula vencedora, composta por elementos como planejamento, vontade de acertar e abandono dos egos individuais em favor de uma meta conjunta. Exercitamos a essência vital do cooperativismo ao efetivarmos a união”, analisa o Conselheiro de Administração João Carlos Steurer.

Nova marca moderniza identidade visual

No ano de 2017, a Sicredi das Culturas RS/MG estreou a sua nova marca, adequando-se ao processo de renovação da identidade visual do Sistema Sicredi em âmbito nacional. O processo de construção da nova marca foi desenvolvido ao longo de oito meses de trabalho durante o ano anterior, após a constituição de um Grupo Técnico responsável pelo Projeto de Diagnóstico e Revisão da Marca. Ao longo desse período de trabalho intenso, foram realizados, entre outras atividades, três workshops, 63 entrevistas com o público externo, 12 entrevistas com gerentes de agência, 12 visitas técnicas, análises de dez marcas, cinco pesquisas, um Planejamento Estratégico, quatro benchmarks, oito entrevistas com parceiros, cinco grupos de pesquisas com jovens.

A pesquisa envolveu a participação de 8.128 colaboradores e 5.054 associados. O trabalho foi desenvolvido pela Interbrand, a maior consultoria de marcas do mundo, referência em branding, estabelecida com escritórios em 27 países. Dentro da metodologia aplicada para o Sistema Sicredi, a Interbrand destacou quatro elementos fundamentais a serem observados para a construção de uma nova marca forte com posicionamento diferenciado no mercado: credibilidade, relevância, diferenciação e resultado. A estratégia principal adotada foi no sentido de reposicionar o Sistema Sicredi com foco na presença nacional, com atuação regional e também no

âmbito da categoria de instituições financeiras cooperativas no Brasil. Para tanto, efetuou-se um trabalho de branding completo, com a ação de consultoria envolvendo o redesign de todo o universo visual da marca. Efetivou-se também um reajuste em relação à jornada do associado, abrangendo a definição do novo design das agências, de uma plataforma de cidadania corporativa, além do processo de governança e da definição de KPIs para a marca.

A nova identidade visual adotada desde 2017 representa a evolução do Sistema Sicredi no país, preservando a herança e o respeito aos principais elementos históricos componentes da marca, que são o símbolo do catavento e a cor verde, agregados a outros atributos elaborados com o propósito de deixá-la mais atual, simples, ativa e próxima. Ao longo daquele ano, as agências da Sicredi das Culturas RS/MG foram gradativamente se adequando ao design ambiental e à identidade visual características da nova marca adotada pelo Sistema. A proposta busca aproximar ainda mais o Sicredi dos seus associados e da sociedade, de maneira a oferecer um ambiente

diferenciado, ampliar o conceito de relacionamento, além de buscar maior interação e integração com a região em que atua.

As primeiras agências da Sicredi das Culturas RS/MG a receberem a nova marca em 2017 foram as de Ijuí (Centro, Imigrantes e São Francisco), Coronel Barros, Augusto Pestana, Bozano, Panambi (Centro e São Jorge), São Valério do Sul e Coronel Bicaco. Todas as demais se adequaram ao longo do ano de 2018. Alguns desafios foram relacionados ao processo de agregação da nova marca do Sistema Sicredi, elencados em tópicos como promover o crescimento do cooperativismo financeiro e a oportunidade de expansão da capilaridade do Sistema Sicredi; proporcionar uma nova experiência ao associado a partir da nova marca; atingir uma nova geração de associados atrelada às mudanças de comportamento do público-alvo; garantir a satisfação do associado; destacar o Sistema Sicredi em um mercado competitivo; agregar valor e diferenciar a oferta de serviços.

"Este novo posicionamento em ambientação e marca reflete a essência do trabalho



da nossa instituição financeira cooperativa que, por meio de um relacionamento próximo e consultivo, identifica as necessidades dos associados, oferecendo-lhes soluções financeiras adequadas e viáveis", reforçava, na época, o presidente da Sicredi das Culturas RS/MG, Antenor José Vione.

Atividades celebram os 95 anos da cooperativa

Datas históricas significativas precisam ser pontuadas por celebrações especiais que sublinhem o momento e referendam a relevância do trabalho desenvolvido pela instituição ao longo de sua trajetória, servindo de referência e molde para as gerações que se sucedem. Sendo assim, as celebrações em torno dos 95 anos da Sicredi das Culturas RS/MG, com ponto alto no mês de maio de 2020, culminando com o lançamento deste livro de resgate histórico, tiveram início ainda em 2019, com a chegada dos 94 anos da cooperativa. Uma série de atividades foi desenvolvida com o objetivo de marcar aquele momento. A primeira delas foi a inauguração, no segundo andar do prédio da sede da cooperativa, em Ijuí, no mês de maio, de uma galeria de fotografias com todas as pessoas que presidiram a instituição, desde as suas origens. Trata-se de uma homenagem destinada a presidentes, fundadores e familiares que contribuíram para a construção da história do Sicredi na região. No mesmo mês, a Sicredi das Culturas RS/MG procedeu à distri-



Inauguração da Galeria de Presidentes



Inauguração da Galeria de Presidentes

**20
19**

21 de maio
Inauguração da Galeria de
Presidentes

7 de julho
Lançamento da campanha
comemorativa "Faça história
e concorra a prêmios"

buição de um montante total de R\$ 6 milhões aos associados, referentes ao compartilhamento de resultados em conformidade com a movimentação financeira verificada no ano de 2018. Em dezembro de 2018, a cooperativa já havia repassado R\$ 2,1 milhões aos associados, referentes aos juros do capital social. O exercício de 2018 da Sicredi das Culturas RS/MG apresentou um resultado na ordem de R\$ 35,2 milhões.

Em 16 de junho, a Agência Sicredi Ijuí Centro comemorou seus 26 anos de atuação cooperativa junto à comunidade e deu início às celebrações diferenciadas de aniversário de agências, que se seguiram até maio de 2020. Para marcar a data, a Sicredi das Culturas RS/MG promoveu, no dia 14, uma programação especial reunindo associados, colabora-

dores e comunidade. A comemoração contou com uma apresentação musical do grupo de Coral e Flauta do Colégio Evangélico Augusto Pestana (CEAP). A Agência Ijuí Centro possuía, em 2019, mais de 5,4 mil associados e administrava mais de R\$ 127 milhões em recursos. Em julho, foi lançada e entrou em vigor nas agências da Sicredi das Culturas RS/MG a campanha "Faça história e concorra a prêmios". Por meio da promoção, associados Pessoa Física e Jurídica habilitaram-se a ganhar brindes na hora e a concorrer a três veículos zero quilômetro ao contratar um produto ou serviço do Sicredi. Integrante do período especial de comemorações da instituição financeira cooperativa, a iniciativa seguiu até maio de 2020, quando foram sorteados uma Amarok, uma Saveiro e um Gol. A campanha vigorou em todas as agências da

área de atuação da Sicredi das Culturas RS/MG no Rio Grande do Sul (Ajuricaba, Augusto Pestana, Bozano, Chiapetta, Condor, Coronel Barros, Coronel Bicaco, Ijuí, Jóia, Nova Ramada, Panambi, Santo Augusto e São Valério do Sul).

Também em julho de 2019, a Sicredi das Culturas RS/MG promoveu a 6ª edição do Fórum de Educação do Programa A União Faz a Vida, atividade desenvolvida nos municípios de Ajuricaba, Augusto Pestana, Chiapetta, Coronel Barros, Coronel Bicaco e Jóia, envolvendo cerca de 300 profissionais da área da educação. A palestra principal foi ministrada pelo professor Doutor e Livre Docente da Escola de Comunicações e Artes da USP, Clóvis de Barros Filho, que tem no currículo mais de 30 anos de experiência acadêmica.

Comemoração dos 26 anos de atuação cooperativa na Agência Sicredi Ijuí Centro



Campanha "Faça história e concorra a prêmios"



Na noite de 30 de agosto, a Sicredi das Culturas RS/MG reuniu mais de mil pessoas para o lançamento da sexta edição da campanha Doação Farroupilha com o intuito de incentivar doações de sangue junto ao Núcleo de Hemoterapia do Hospital de Caridade de Ijuí durante todo o mês de setembro. O evento ocorreu no CTG Farroupilha e teve como atração especial o show do Guri de Uruguai, um dos ícones da comédia gaúcha, com seu espetáculo intitulado "Os Causos do Guri de Uruguai". A iniciativa proporcionou a arrecadação de cerca uma tonelada de alimentos não perecíveis, que foram trocados por ingressos para o show nas agências do Sicredi e então doados para entidades carentes de Ijuí.

Para marcar o ano de celebrações, foi lançado em 2019 um selo especial relativo aos 95 anos da Sicredi das Culturas RS/MG, com o



intuito de simbolizar graficamente as comemorações em todo o material de expediente e de divulgação da cooperativa. O selo trazia como slogan a frase "Nossa história começa com a sua história", que, além de fortalecer o sucesso de quase um século do empreendimento, tinha como meta fortalecer as conexões e os laços entre os colaboradores, os associados e a comunidade.

Expansão para Minas Gerais

A expansão da Sicredi das Culturas RS/MG para o estado de Minas Gerais foi uma decisão aprovada em Assembleia Geral Extraordinária, com a participação dos delegados de núcleo, em 18 de junho de 2018. A iniciativa faz parte da aspiração da Sicredi das Culturas RS/MG prevista no Planejamento Estratégico 2017/2021 e as discussões, estudos, planejamento e debates se intensificaram ao longo do ano de 2018. Após a realização de uma ampla análise de mercado e de uma pesquisa com os habitantes de algumas cidades mineiras, foram elencados quatro municípios como prioritários para receber agências do Sicredi: Guaxupé, Muzambinho, Passos e São Sebastião do Paraíso. A expansão da cooperativa para Minas Gerais integra um intenso projeto coordenado pela Central Sicredi Sul/Sudeste, com a participação de diversas cooperativas gaúchas e catarinenses.

A partir daquele momento, a área de abrangência total da instituição financeira cooperativa passava de 13 municípios no Rio



**Nossa história
começa com
a sua história**

Grande do Sul (somando 190 mil habitantes) para 41 municípios, incluindo os 28 municípios do Sudoeste de Minas Gerais, totalizando 698.718 mil habitantes. No dia 24 de abril de 2018, o projeto de expansão foi aprovado pelo Banco Central do Brasil e, com a posterior aprovação em Assembleia Geral Extraordinária, tornou-se possível empreender o passo seguinte: encaminhar a abertura de agências da Sicredi das Culturas RS/MG em Minas.

"Nossa presença é nacional e expandir de forma estruturada a Sicredi das Culturas RS/MG significa preparar e fortalecer a cooperativa para o futuro, vislumbrar novas perspectivas de desenvolvimento, investir em novas

tecnologias e soluções financeiras, além de crescer em resultado e associados", afirmava, na ocasião, o presidente da cooperativa, Antenor José Vione. Na Assembleia Geral Extraordinária também foi aprovada a alteração da denominação social da cooperativa, que passou a ser "Cooperativa de Crédito, Poupança e Investimento Regiões das Culturas - Sicredi das Culturas RS/MG". O diretor Executivo da Sicredi das Culturas RS/MG, Roque Enderle, afirmava que "levar a Sicredi além de suas fronteiras de origem" representava "um ganho, mas também um grande desafio". O presidente da cooperativa, Antenor Vione, enfatizava que, "em Minas Gerais, a cooperativa irá atuar, especialmente, nos segmentos

**20
18**

24 de abril
Aprovado pelo Banco Central do Brasil, o projeto de expansão da Sicredi das Culturas RS/MG para MG

18 de junho
Delegados de núcleo aprovam ampliação da área de ação da cooperativa para Minas Gerais em Assembleia Geral Extraordinária.



de café e leite, que são fortes e tradicionais áreas de produção econômica daquela região do estado”.

Antecipando os primeiros passos no projeto que visava à expansão para o estado de Minas Gerais, foram desenvolvidas pesquisas por empresas de consultoria e análise contratadas para definir as regiões ideais onde instalar as primeiras agências da cooperativa. Também foram efetuados diagnósticos precisos sobre quais os serviços esperados pela população local e a melhor forma de atendê-los. “Todo o estado de Minas Gerais foi mapeado, com o intuito de definir quais as áreas mais propícias para receber a instalação das primeiras agências da Sicredi das

Culturas RS/MG”, revela o presidente Antenor José Vione.

Em 2017, parte dos membros do Conselho de Administração e a Diretoria Executiva formaram uma comitiva que viajou a Minas Gerais com o objetivo de conhecer os municípios que poderiam vir a compor a expansão da área de ação da cooperativa. Integraram a comitiva o presidente Antenor José Vione, o vice-presidente João Carlos Steurer, o diretor Executivo Roque Enderle e o diretor de Operações Administrativas Roberto Cortiani Ibañez. Em setembro de 2018, uma nova missão foi composta por dois diretores, o vice-presidente da Sicredi das Culturas Elmo Pedro Von Mühlen e o presidente Antenor Vione. Nessa ocasião,

o foco das visitas foi direcionado às entidades, como associações comerciais, prefeituras, sindicatos dos trabalhadores rurais e sindicatos patronais. A recepção e a aceitação por parte dos mineiros foi positiva e surpreendente. Foram as primeiras viagens de conhecimento, preparatórias ao processo de instalação das agências, abrindo uma sequência de viagens destinadas a concretizar o projeto.

Montar as equipes de colaboradores nas agências mineiras configurou uma preocupação prioritária da Sicredi das Culturas RS/MG. Optou-se por enviar a Minas Gerais somente os gestores oriundos do Rio Grande do Sul e contratar, para as demais funções, profissionais residentes naquelas localidades. O treinamento das equipes, naturalmente, obedece a um programa estabelecido na sede gaúcha da cooperativa, a fim de padronizar procedimentos, obedecendo às nuances de cada cultura regional, respeitando-as. “Nosso desafio em Minas Gerais é não sermos apenas mais uma instituição financeira operando naquele estado. Precisamos, sim, exercitar lá a mesma vocação que o Sicredi historicamente pratica no Rio Grande do Sul desde as suas origens, ou seja, agregar valor às pessoas, aos associados e às comunidades, auxiliando em suas demandas, sendo parceiro em todos os momentos, incentivando e promovendo o crescimento e o desenvolvimento de todos os aspectos da sociedade”, analisa o diretor Executivo da Sicredi das Culturas RS/MG, Roque Enderle. “O Sicredi vai muito além do papel de ser apenas uma instituição financeira cooperativa que presta serviços bancários. O Sicredi precisa ser e tem sido parte da solução das deman-



Inauguração da agência São Sebastião do Paraíso em Minas Gerais

das de seus associados e das comunidades em que está inserido", resume. "Importante estarmos cientes de que precisamos desempenhar em Minas Gerais os mesmos valores que praticamos no Rio Grande do Sul, que é essa política típica da Sicredi das Culturas RS/MG de valorizar as pessoas", apostava o vice-presidente Elmo Pedro Von Mühlen.

O projeto de expansão da Sicredi das Culturas RS/MG para Minas Gerais foi muito bem planejado e estruturado, pensado de forma a minimizar as margens de erro e a maximizar os potenciais acertos, equação plenamente atingida, conforme avalia o diretor de Operações da cooperativa, Roberto Cortiani Ibañez. "Houve muito esforço por parte de toda a equipe envolvida nessa missão, um forte engajamento, verdadeiro trabalho em equipe e cooperativo, que contou com a preparação e o envolvimento de todos. O resultado final é

o sucesso que está sendo essa implantação da Sicredi das Culturas RS/MG naquele estado, agregando os valores culturais daquela região e daquelas pessoas à construção e ampliação da história da cooperativa", analisa Ibañez.

Nessa fase em que a instituição financeira cooperativa passa a agregar associados no estado de Minas Gerais, o Conselheiro de Administração João Carlos Steurer tem a convicção de que se faz necessário saber respeitar a cultura local, aprendendo com o modo de fazer de lá e encontrando um meio-termo que mescle a forma de fazer gaúcha, criando uma nova plataforma de ação que promova renovação e resultados positivos. "Isso só se consegue por meio da confiança mútua e do trabalho cooperativo", analisa.

A primeira agência mineira da Sicredi das Culturas RS/MG foi inaugurada e começou a operar no dia 20 de dezembro de 2019, no município de São Sebastião do Paraíso.

Capítulo

Juntos construímos uma cooperativa ainda mais forte



| A Sicredi das Culturas RS/MG

A Sicredi das Culturas RS/MG pode ser resumida e definida como sendo uma instituição financeira cooperativa que tem como propósito contribuir para o desenvolvimento das comunidades em que está inserida. Na esfera social, a cooperativa emprega seus esforços em projetos de fomento educacional, cultural, na área do esporte de inclusão e na sustentabilidade. Com seus produtos e serviços, direcionados para atender às necessidades dos seus associados, oferece soluções para geração de negócios e para o fomento da economia regional. O Sicredi é o resultado da soma dos esforços e dos ideais de seus fundadores, associados e colaboradores, tornando-se uma só voz unida na construção conjunta de ideias, transformando a realidade para melhor, concretizando sonhos. Trata-se da materialização na prática de um círculo virtuoso projetado pelo conceito cooperativista: quanto maior o movimento e o resultado da instituição, maior o resultado redirecionado aos associados. O Sicredi possui e pratica três projetos de valores, cujos principais focos são nas pessoas físicas, promovendo sua educação financeira; nas pessoas jurídicas, às quais propicia consultoria empresarial, e no agronegócio, fomentando o processo de sucessão rural familiar.

Uma cooperativa precisa focar na geração de resultados econômicos. Os resultados positivos impulsionam o reinvestimento no crescimento da associação, o investimento no fomento do desenvolvimento da comunidade e no crescimento de cada um dos associados. A Sicredi das Culturas RS/MG jamais se desvia de seus dois objetivos principais: o econômico e o social, sendo um aspecto diretamente agregado ao outro. A entidade tem clara a concepção de que uma cooperativa precisa ser o reflexo direto da saúde financeira da comunidade na qual está inserida. Uma cooperativa forte significa uma comunidade também forte. O Sicredi não é um banco (é uma cooperativa), sendo que as 14 instituições que integram o sistema são proprietárias de um banco cooperativo. Pesquisas de satisfação mostravam que, em 2019, o índice de satisfação geral dos associados do Sistema Sicredi era de 68%, enquanto que a média registrada nos bancos tradicionais era de 20%.

Estrutura de apoio à cooperativa

A história da Sicredi das Culturas RS/MG começou a ser escrita mais de cem anos atrás, quando surgiram as Caixas Rurais, que dariam origem ao Sistema Sicredi, primeira instituição financeira cooperativa do Brasil. O ponto de partida foi no município de Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha, com a fundação da instituição que se transformaria na atual Sicredi Pioneira RS, coirmã de todas as demais cooperativas Sicredi. Esse trabalho evoluiu,

cresceu, se desenvolveu e resultou em uma ampla rede de conexões espalhada pelo Brasil, interligando agências de atendimento, associados, fornecedores, entidades, poder público e empresas. Hoje, passado mais de um século, o Sistema Sicredi está presente em 22 estados do Brasil e no Distrito Federal, em 1.361 cidades, com mais de 1,8 mil pontos de atendimento físico, além da possibilidade de atendimento virtual, e mais de 4,4 milhões de associados em todo o país. Ao todo, configuram-se 111 cooperativas do Sicredi no território nacional.

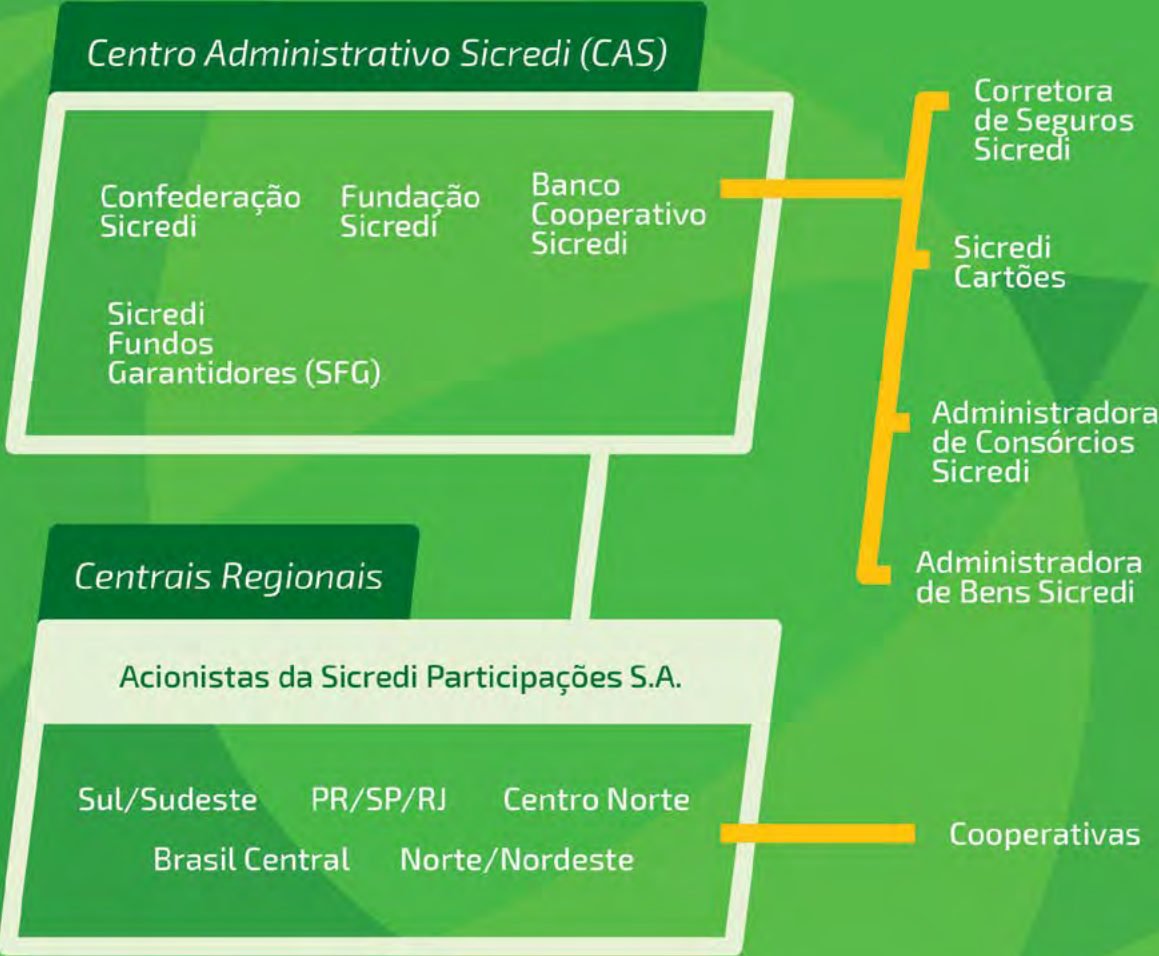
Plenamente reconhecida como uma importante instituição financeira cooperativa, o Sicredi está organizado em um sistema com padrão operacional único, com suas cooperativas de crédito filiadas distribuídas em cinco Centrais Regionais – acionistas da Sicredi Participações S.A. –, uma Confederação, uma Fundação e um Banco Cooperativo que controla uma Corretora de Seguros, uma Administradora de Cartões, uma Administradora de Consórcios e uma Administradora de Bens. As Centrais Regionais são Sul/Sudeste, PR/SP/RJ, Centro Norte, Brasil Central e Norte/Nordeste. Juntamente com as cooperativas, as Centrais são as controladoras da holding SicrediPar. Elas difundem o cooperativismo de crédito e efetuam a supervisão das cooperativas singulares filiadas, apoiando-as nas atividades de desenvolvimento e expansão.

A SicrediPar é a holding que controla o Banco Cooperativo Sicredi e coordena as decisões estratégicas do Sistema. Seu Conselho de Administração se reúne mensalmente para discutir e deliberar a respeito de assuntos estratégicos e sistêmicos. O Centro Admi-

nistrativo Sicredi (CAS) é a sede da SicrediPar, do Banco Cooperativo e suas empresas controladas, da Fundação, da Sicredi Fundos Garantidores (SFG) e da Confederação. Suas atribuições são desenvolver soluções e auxiliar as cooperativas no atendimento das necessidades dos associados. A Confederação Sicredi é o centro de serviços compartilhados entre as empresas e as entidades que integram o Sicredi. O Banco Cooperativo Sicredi promove o acesso do Sistema ao mercado financeiro, desenvolve e disponibiliza produtos e serviços financeiros. A Fundação Sicredi mantém viva a essência do cooperativismo promovendo iniciativas educacionais e culturais, cooperativas e sustentáveis em sintonia com as estratégias do Sistema, focando a melhora na qualidade de vida dos associados, da sociedade e dos colaboradores. A Sicredi Fundos Garantidores tem como foco prestar garantia de depósitos aos associados das cooperativas. Suas reservas provêm das contribuições mensais ordinárias e extraordinárias das cooperativas ao Fundo, de ressarcimentos e da recuperação de ativos.

Um indicador que demonstra de forma inequívoca a força do Sistema Sicredi no Rio Grande do Sul é o fato de que, nos municípios com população inferior a 100 mil habitantes, 40% da população economicamente ativa é composta por associados Sicredi, que acreditam na ação cooperativada. Outro aspecto relevante é a inclusão financeira: em 213 municípios gaúchos, o Sicredi é a única instituição financeira presente, desempenhando papel preponderante no fomento ao desenvolvimento regional. A Sicredi das Culturas RS/MG faz parte desse contexto, sendo uma das 111 cooperativas desse Sistema.

Holding SicrediPar



Fortalecer as comunidades onde está presente é uma característica primordial do cooperativismo praticado pela Sicredi das Culturas RS/MG desde a sua origem. Por isso, os valores captados na região são reinvestidos nela mesma, ao contrário do que ocorre em outras instituições financeiras, cujos depósitos acabam sendo direcionados ao financiamento de crédito pelas mais diversas e distantes partes do país. No Sicredi, a riqueza gerada pela comunidade permanece na própria comunidade, impulsionando um círculo virtuoso de desenvolvimento regional. Isso sem falar nos programas permanentes de estímulo à cultura, à formação, à educação, ao aprimoramento e crescimento dos cidadãos e associados, que integram também um diferencial e uma das principais características da maneira Sicredi de agir e de fomentar o cooperativismo.

Frentes de ação diversificadas

No ranking 2019 das 500 maiores empresas do Sul do Brasil, divulgado anualmente pela Revista Amanhã e pela Consultoria PwC, o Sicredi se consolidava como a quarta maior companhia nos três estados sulistas: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No ranking das 100 Maiores do Rio Grande do Sul, o Sicredi subiu uma posição em relação ao ano anterior, atingindo a liderança. Também ocupava o 1º lugar na categoria Financeiro. Uma prova incontestável de que o cooperativismo de crédito impulsiona uma marca que ganha força no mercado.

Ao final de 2019 a instituição financeira cooperativa contava com mais de 4,4 milhões de associados e 27 mil colaboradores. Os ativos do Sicredi somavam R\$ 109,6 bilhões e o patrimônio líquido de R\$ 16,8 bilhões. A carteira de crédito totalizava R\$ 66,5 bilhões e os depósitos totais alcançavam R\$ 69,9 bilhões.

A Sicredi das Culturas RS/MG é hoje uma cooperativa formada por mais de 57 mil associados e 280 colaboradores, 18 agências, sendo 17 distribuídas em 13 municípios do Rio Grande do Sul e uma instalada no estado de Minas Gerais, totalizando cerca de 250 mil habitantes nos 14 municípios. Com a expansão para Minas Gerais, esses números passam para um total de 41 municípios, incluindo os 28 do Sudoeste mineiro, totalizando uma área composta por cerca de 700 mil habitantes. A sede administrativa localiza-se no município gaúcho de Ijuí, um dos polos da região Noroeste do Rio Grande do Sul, à rua 15 de Novembro, 217, centro da cidade. Os 13 municípios gaúchos alcançados pela cooperativa são Ajuricaba, Augusto Pestana, Bozano, Chiapetta, Condor, Coronel Barros, Coronel Bicaco, Ijuí, Joia, Nova Ramada, Panambi, Santo Augusto e São Valério do Sul. Em Minas Gerais, os municípios integrados à área de abrangência são Alpinópolis, Arceburgo, Bom Jesus da Penha, Cabo Verde, Capetinga, Capitólio, Cássia, Claraval, Delfinópolis, Fortaleza de Minas, Guaranésia, Guaxupé, Ibiraci, Itamogi, Itaú de Minas, Jacuí, Juruaia, Monte Belo, Monte Santo de Minas, Muzambinho, Nova Resende, Passos, Pratápolis, São João Batista da Glória, São José da Barra, São Pedro da União, São Sebastião do Paraíso e São Tomás de Aquino.

A cooperativa está empenhada em diversas frentes de atuação no sentido de incrementar cada vez mais o leque de serviços e benefícios que pode oferecer a seus associados e à comunidade em geral. Dessa forma, vem ampliando um programa focado em firmar parcerias para receber e efetuar as folhas de pagamentos do funcionalismo público em diversos municípios da sua região de abrangência. Entre os primeiros contratos firmados nesse sentido, figuram os municípios de Santo Augusto, São Valério do Sul e Nova Ramada. Essas parcerias atendem a um anseio genuíno dos próprios municípios, que também optam pelo Sicredi no quesito dos fundos de pensão. Esse programa de livre adesão dos municípios às instituições que melhor lhes aprover supre um dos pontos primordiais da missão da Sicredi das Culturas

RS/MG, que é a de atender às necessidades dos associados e das comunidades. Para os empréstimos consignados (com convênios firmados com as prefeituras de Ajuricaba, Augusto Pestana, Condor, Jóia, Nova Ramada e Santo Augusto), o Sicredi tem oferecido taxas mais baixas do que as tradicionais ofertadas pelas demais instituições bancárias e financeiras no mercado, o que acaba levando essas instituições a também reduzirem seus valores, resultando em benefício amplo à comunidade como um todo. Além disso, firmou-se também convênio para arrecadação de tributos com os municípios de Augusto Pestana, Condor, Chiapetta, Coronel Barros e Ijuí. A meta da Sicredi das Culturas RS/MG é a de oferecer aos associados taxas que se situem, em média, de 20% a 25% abaixo das tradicionais praticadas pelas demais instituições.



Novas plataformas ampliam os negócios

Atender de forma adequada os diversos perfis e segmentos que compõem o leque de associados, acompanhando as transformações do mercado, é uma preocupação constante e uma das principais vocações da Sicredi das Culturas RS/MG. Foi pensando nisso e analisando os anseios e demandas existentes entre os cooperativados que a Diretoria de Negócios propôs a implantação de duas novas plataformas de negócios concebidas com o intuito de oferecer produtos e soluções especiais e diferenciados para associados portadores de demandas com graus distintos de especificidade, que formam nichos específicos, ou subsegmentos. Dessa forma, foi implantada, em 13 de abril de 2015, a primeira experiência nessa área, com a criação da Plataforma Empresarial, voltada ao atendimento exclusivo a empresas associadas cujo faturamento anual supera os R\$ 6 milhões.

Conforme explica o diretor de Negócios da Sicredi das Culturas RS/MG, Lucídio Cristiano Amorim Ourique, a necessidade de elaboração dessa plataforma de atendimento surgiu a partir da percepção interna de que havia uma demanda para atrair para dentro da cooperativa uma gama expressiva de negócios que seus próprios associados Pessoas Jurídicas de grande porte estavam direcionando a instituições concorrentes. "Era preciso atrair essas ações para dentro da Sicredi das Culturas RS/MG a partir de propostas que agregassem valor a esses associados. Para tanto, o primeiro passo foi desenvolvermos um diagnóstico interno que nos ajudasse a



determinar se estávamos, naquele momento, capacitados para atender às necessidades desses associados empresariais de grande porte, se possuíamos o know-how necessário para estabelecer essa novidade", recorda Ourique.

"Nós temos a compreensão de que, para conseguirmos atender bem os associados, precisamos primeiro entender os associados, e isso é o que procuramos fazer sempre, a fim de nortear nossas ações. Dessa maneira, compreendemos que, para esses associados que formam o nicho específico das empresas de grande porte, era indiferente o local físico onde a plataforma estaria sediada, desde que ela fosse capaz de lhes oferecer serviços com credibilidade, com sigilo e com uma especialidade profunda no atendimento", completa o diretor de Negócios, explicando

a razão pela qual a Plataforma Empresarial tem sua base física de operações estabelecida junto à sede da Sicredi das Culturas RS/MG, no município de Ijuí. Desde sua criação em 2015, até meados de 2019, a Plataforma já contava com uma carteira de 106 contas de associados empresariais sendo atendidos por uma estrutura composta por duas gerentes de Contas Pessoas Jurídicas e uma assistente de Negócios Pessoas Jurídicas. "Nessa Plataforma estamos hoje operando uma Carteira de Crédito na ordem de R\$ 100 milhões e uma Carteira de Investimentos de R\$ 86 milhões", revela o diretor.

A experiência da Plataforma Single, voltada ao nicho dos associados Pessoas Físicas de alta renda, foi criada em março de 2018, configurando-se como uma carteira de varejo. O diretor de Negócios da Sicredi das Culturas

Atendimento da Plataforma Empresarial

20
15

13 de abril
Implantação da
Plataforma Empresarial

20
18

Implantação da
Plataforma Single



RS/MG, Lucídio Cristiano Amorim Ourique, explica que a percepção dessa demanda se estabeleceu no processo de intensificação dos contatos com os associados realizados durante a preparação para a expansão a Minas Gerais. “Percebemos que muitos de nossos associados com perfil investidor ainda cultivavam algumas visões equivocadas sobre a cooperativa, o que os afastava da possibilidade de ampliarem suas ações financeiras conosco, e foi assim que concebemos a Plataforma Single, que se desdobra no atendimento a nichos de associados Pessoas Físicas com perfil investidor”, analisa Ourique.

Com sua estrutura física também centralizada na sede em Ijuí, os sócios que aderem à Plataforma Single são atendidos por gerentes de Negócios especializadas em investi-

mentos. Para ingressar na Single é necessário um investimento mínimo na ordem de R\$ 250 mil, sendo que a Plataforma já contava com a adesão de 65 associados no segundo semestre de 2019. Entre os diversos serviços oferecidos constam informações e demonstrativos financeiros, serviço personalizado de consultoria financeira ao associado Single e informações atualizadas de mercado financeiro e de capital. Também são oferecidos atendimento personalizado remoto e gerente exclusivo. Ourique destaca que a Plataforma foi criada obedecendo ao moderno conceito empresarial conhecido como “User Experience”, ou “Experiência do Usuário”, que reporta à ampla gama de possibilidades de interação que o usuário tem à disposição para interagir com determinada instituição, seus produtos, serviços e benefícios.

Entre os produtos e serviços mais bem aceitos da Plataforma Single figura o Cartão Sicredi Mastercard Black, que oferece facilidades diferenciadas em limites de crédito, programas de recompensas, maior segurança e comodidade na realização das transações. Também as operações de câmbio e Travel Money são atrativos extras da Plataforma Single, voltados a quem pretende fazer viagens ao exterior de lazer, estudos ou negócios, permitindo a aquisição de moedas estrangeiras de forma rápida e segura. “O retorno que viemos tendo tanto dos sócios Pessoas Jurídicas quanto daqueles Pessoas Físicas em relação às duas Plataformas é plenamente satisfatório, o que nos permite seguir ampliando, aprofundando e aprimorando nossas ferramentas de atendimento a nossos associados”, analisa Ourique.

Planejamento Estratégico 2017-2021

Desde 2017, a Sicredi das Culturas RS/MG vem aprimorando uma de suas principais ferramentas de gestão, consolidada na evolução do Planejamento Estratégico (PE) da cooperativa. Uma remodelação profunda envolvendo Diretoria, Conselho, colaboradores e Coordenadores de Núcleo, adequou os pontos do Planejamento Estratégico para a gestão 2017 – 2021, construindo um formato que passasse a atender às novas demandas e desafios originados do processo diferenciado que a cooperativa passa a viver a partir de fatos marcantes como a união e a expansão para Minas Gerais. Um passo crucial

do PE foi a elaboração do Mapa Estratégico, que tem a incumbência de nortear os objetivos, indicadores, projetos e ações a serem concretizados pela instituição financeira cooperativa ao longo do período. A excelência operacional e a de gestão, voltadas para o desenvolvimento econômico e social, são os principais focos do trabalho neste ciclo, bem como o relacionamento e a oferta de soluções financeiras direcionadas a agregar renda e colaborar para a melhoria da qualidade de vida dos associados da cooperativa.

Ao longo do ano de 2017, foram realizados encontros em todas as agências da Sicredi das Culturas RS/MG, com o propósito de disseminar as propostas do Mapa Estratégico 2017-2021. Naquele ano, foram definidos 18 objetivos estratégicos após as reuniões e debates preparatórios e, no ano seguinte, esse número passou a 13 pontos, após uma reavaliação que os consolidou a partir do aperfeiçoamento da redação e de uma visão mais clara das necessidades existentes. “Tínhamos consciência de que precisávamos nos ater aos pontos-chave que dariam a diretriz do trabalho, que são os associados, os resultados, os processos e o binômio aprendizado/crescimento. Foi assim que adequamos melhor a ferramenta de planejamento a nossos propósitos”, recorda o diretor de Operações da Sicredi das Culturas RS/MG, Roberto Cortiani Ibañez, a quem cabe coordenar as atividades ligadas ao PE.

“Hoje, o Mapa Estratégico orienta as ações dos diversos setores da cooperativa a partir de indicadores e metas, cujas ações são constantemente aferidas e acompanhadas a fim de que os objetivos sejam atendidos plenamente”, explica Ibañez. A sede da coope-

rativa, em Ijuí, sedia o trabalho, que é desenvolvido em todas as agências. Ao todo, foram mais de 2,2 mil ações planejadas a fim de atingir as metas do PE, que é construído de forma democrática e participativa dentro da cooperativa. “Cada colaborador, cada setor, tem suas metas planejadas, o que representa um fator crucial no sucesso da Sicredi das Culturas RS/MG”, analisa o diretor de Operações. Para o ano de 2019, foram criadas sete perspectivas de referência para a atuação da cooperativa: foco no cliente; aprimoramento da cultura digital; segmentação dos associados; qualidade e produtividade; desenvolvimento das pessoas; expansão para Minas Gerais e a sustentabilidade do negócio. “Possuímos, via PE e ME, ferramentas seguras que norteiam todos os passos da cooperativa, permitindo que cresçamos de maneira sólida e organizada, com credibilidade e sucesso”, afirma Ibañez.

Ranking traduz esforço conjunto

O Programa Jovem Aprendiz vem recebendo grande adesão por parte da comunidade, uma vez que o Sicredi, devido à sua expansão e presença positiva em todos os aspectos da sociedade, atrai jovens que desejam ingressar em seu quadro funcional. Os benefícios de trabalhar no Sicredi já são conhecidos e amplamente difundidos, como plano de carreira concreto que permite o crescimento interno dos colaboradores, salários adequados, plano de saúde, auxílio para estudo e formação na forma de bolsas e cursos, vale alimentação e outros quesitos que se somam à construção de um perfil de empresa atrativa a quem deseja trabalhar e fazer carreira.



Não é por menos que o Sicredi figura há anos no Ranking Nacional das 150 Melhores Empresas para Trabalhar no Brasil, da Revista "Você S/A" (realizado em parceria com a Editora Abril e a Fundação Instituto Administração), ocupando o primeiro lugar na categoria "Cooperativas Financeiras" no ranking de 2018, com Índice de Felicidade no Trabalho medido em 82,1%. O Índice de Qualidade no Ambiente do Trabalho (IQAT) foi de 92,3 pontos; no Índice de Qualidade na Gestão de Pessoas (IQGP), o Sicredi obteve 63,1 pontos e no aspecto da Sustentabilidade e Diversidade, obteve 97,5 pontos. "Índices assim só são alcançados a partir do envolvimento de todos os colaboradores, de todas as equipes que, no Sicredi, sabem exercer na prática do cotidiano o conceito de trabalho cooperativo", analisa o presidente da Sicredi das Culturas RS/MG, Antenor Vione. Em 2019, o Sicredi foi novamente classificado no ranking, figurando pelo nono ano consecutivo na lista.

Responsabilidade social e programas de relacionamento

O interesse centrado no desenvolvimento e nos anseios da comunidade é um dos princípios de atuação da Sicredi das Culturas RS/MG. Dessa forma, a cooperativa desenvolve diversos programas de relacionamento voltados aos associados e à sociedade, pautados pela visão de que o crescimento só se consolida quando feito em conjunto por todos os setores. "Somos uma instituição

financeira cooperativa diferente, pois atuamos com um propósito definido e claro, que é o de prezarmos pelo crescimento das regiões em que atuamos, pelo seu desenvolvimento amplo e pelo aprimoramento dos associados", ressalta a gerente de Comunicação e Marketing da Sicredi das Culturas RS/MG Vanessa Goi Wender Heusner. "Por meio do desenvolvimento de vários projetos, atuamos na formação de cidadãos mais cooperativos, levando educação e informação às comunidades, aos associados e aos filhos dos associados", complementa.

A aplicação de parte dos recursos do exercício anual do Sicredi em programas de caráter social e cultural é um diferencial que agrega valor à marca. Um dos mais abrangentes, instituído em 2017, foi batizado como Programa Empreender para Transformar (PET). Naquele ano, foram distribuídos R\$ 141.753,03 para 59 projetos contemplados (de um total de 114 inscritos). Em 2018, o programa destinou o montante de R\$ 243.662,36 a um total de 117 projetos regionais nas áreas de cultura, esportes, educação e sustentabilidade (os quatro pilares do PET). Em 2019, essa quantia chegou aos R\$ 338.897,48, para custear a realização de um total de 150 projetos aprovados, entre os mais de 231 apresentados. O valor de 2019 corresponde à destinação de 1% do resultado obtido para os projetos do PET. No primeiro ano do programa (2017), o montante correspondia a 0,5% do resultado total obtido. Em 2018, o índice subiu para 0,75%.

O principal foco do PET é fomentar ações sustentáveis e locais desenvolvidas em sua área de ação, contribuindo com o desenvolvimento humano e promovendo os valores e princípios do cooperativismo junto às comu-

nidades. Destinado à comunidade externa, os projetos inscritos são avaliados por uma comissão interna formada por integrantes da Gerência de Relacionamento, de coordenadores e gerentes de agências. Recebem apoio os projetos sustentáveis, educacionais, culturais e esportivos a serem concretizados na área de ação da Sicredi das Culturas RS/MG. A destinação de recursos é voltada a projetos que tenham o propósito de promover direta ou indiretamente a sustentabilidade, o empreendedorismo, os valores de cooperação e de cidadania, que possuam relevância educacional, comunitário e cultural. Dessa forma, a entidade proponente deve enquadrar seus projetos em um dos quatro principais pilares, a partir da ação que for idealizada.

Recebem recursos os projetos na área de Sustentabilidade que priorizem a preservação e limpeza de nascentes de rios, reciclagem, utilização de energia solar, instalação de cisternas e outros voltados à correta utilização dos recursos naturais e/ou à sustentabilidade econômica das instituições inscritas, de modo que estes projetos possam contribuir para agregar renda à entidade. Os projetos Educacionais têm recursos destinados a escolas, creches e APAEs, em programas que contemplem o incentivo à leitura; a assimilação de conceitos artísticos, científicos, históricos; melhorias de estrutura física; acervo bibliográfico; jogos didáticos e materiais pedagógicos. Os projetos Culturais alocam recursos para iniciativas que envolvem folclore, música, teatro e ações que estimulem o conhecimento da cultura brasileira e internacional. Já os projetos Esportivos contemplam recursos destinados para ações envolvendo crianças, jovens e adultos nas práticas de es-

2014 - I Fórum de Educação do Programa A União Faz A Vida



portes profissionais e amadores, incluindo melhorias em infraestrutura e fardamentos esportivos.

Podem inscrever projetos no PET entidades sem fins lucrativos, como associações de classe, instituições de ensino, entidades culturais e esportivas, entre outras similares. As entidades beneficiadas precisam ser legalmente constituídas, devendo possuir Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), sendo sua natureza sem fins lucrativos. No caso de escolas públicas, os projetos podem ser encaminhados por meio do Círculo de Pais e Mestres ou outra representação afim. Em 2019, a destinação dos recursos anuais foi efetuada entre as quatro áreas pilares do PET da seguinte maneira: Projetos de Sustentabilidade recebem 40% do montante dos recursos; Projetos Educacionais recebem 20%; Projetos Culturais recebem 20% e Projetos Esportivos são contemplados com 20%.

2015 - Em Chiapetta, comemoração dos 20 anos do Programa A União Faz A Vida



“Transformar a realidade através da educação” é o objetivo principal de outra importante ação de impacto social voltada a apoiar o desenvolvimento dos associados e das comunidades nas quais a Sicredi das Culturas RS/MG atua. Trata-se do Programa “A União Faz a Vida” (PUFV), desenvolvido pela Fundação Sicredi e empreendido pioneiramente na região no ano de 1997 no município de Coronel Barros, voltado a promover a cooperação e a cidadania por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes na abordagem de temas relevantes do cotidiano como meio ambiente, saúde, cultura e esporte, em ações práticas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida local.

Os projetos nesse sentido são apresentados pelas instituições educacionais dos municípios em que o PUFV está em vigor e são avaliados pelos Comitês Gestores do Programa em cada localidade. Os Comitês são compostos por representantes de setores como Sicredi das Culturas RS/MG, secretarias municipais de Educação e outros órgãos, que definem a aplicação dos recursos nos projetos aprovados, elaborados em parceria entre alunos e professores. A metodologia de ensino utilizada no PUFV incentiva os alunos a atuarem como protagonistas do processo de aprendizagem, contando com o apoio de professores, pais e comunidade. O método empregado visa à construção de valores como a solidariedade, a justiça, o diálogo, o respeito à diversidade e o empreendedorismo.

Atualmente, o “Programa A União Faz a Vida” desenvolve projetos em escolas de seis municípios da região de atuação da Sicredi das Culturas RS/MG: Ajuricaba, Augusto Pestana, Chiapetta, Coronel Barros, Coronel Bicaco e Jóia. Ao todo, são 26 escolas beneficiadas que trabalham com a iniciativa, contemplando um total de 2.794 alunos e 337 professores. “Estamos convictos de que destinar recursos às iniciativas contempladas pelo PUFV é uma forma de viabilizar algumas ações que talvez não seriam possíveis sem a essa contribuição. Acreditamos nos benefícios do PUFV no cotidiano das escolas, bem como nos resultados que percebemos nos alunos, uma vez que os projetos são desenvolvidos por terem uma metodologia de ensino ativa, que auxilia o professor a preparar seus planos de estudo com base no interesse dos estudantes”, ressalta a gerente de Comunicação e Marketing da cooperativa, Vanessa Goi Wender Heusner.



Assembleia Geral Ordinária de 2019

O “Programa Pertencer” é uma ação continuada desenvolvida pela Sicredi das Culturas RS/MG no sentido de integrar todas as ações relacionadas à participação dos associados com vistas a uma gestão transparente, como assembleias, reuniões específicas e encontros de coordenadores. A cooperativa valoriza a transparência e o engajamento dos associados nos processos de tomada de decisões. É nas assembleias de núcleo que os associados exercitam na prática o seu papel de donos do negócio, participando diretamente das decisões que influenciam seus investimentos e suas comunidades. Nesses encontros, o presidente da cooperativa, juntamente aos vice-presidentes, aos Conselheiros e à Diretoria Executiva, faz a apresentação dos resultados obtidos ao longo do ano, bem como explana as metas e o plane-

jamento previsto para o próximo exercício. É quando os associados têm a oportunidade de emitir suas opiniões a respeito dos rumos e do futuro da cooperativa a que pertencem. Os já tradicionais encontros de coordenadores também oportunizam a promoção do conhecimento a partir da realização de palestras com profissionais renomados e assuntos relevantes que possam contribuir e agregar conhecimentos para o ramo de atuação da cooperativa. Para ter uma ideia do sucesso do “Programa Pertencer” em termos de participação, basta observar que, no ano de 2018, as assembleias da Sicredi das Culturas RS/MG reuniram um total de 5.455 associados.

O compromisso com a responsabilidade social existente na forma de agir e de pensar da Sicredi das Culturas RS/MG se manifesta

também todos os anos quando das celebrações mundiais de uma data muito importante e significativa para o cooperativismo: o Dia C, como é conhecido o Dia Internacional do Cooperativismo. Celebrada a cada primeiro sábado do mês de julho, a data (no Brasil, coordenada pela Organização das Cooperativas Brasileiras) costuma servir de gatilho para o desenvolvimento de uma série de atividades de voluntariado beneficiando entidades e comunidades nos municípios de abrangência da Sicredi das Culturas RS/MG. A cada ano, as centenas de voluntários desempenham atividades diversificadas (alinhadas sempre aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável propostos pela ONU), que vão desde a coleta de alimentos para doação a entidades carentes, coleta de lixo eletrônico, arrecadação de óleo de cozinha destinado ao fabrico de sabão até a arrecadação de livros e revitalização de estruturas, entre outras ações como reflorestamento e preservação das nascentes e encostas de rios a partir do plantio de árvores nativas. São iniciativas que beneficiam milhares de pessoas e têm como meta promover a melhoria nas realidades sociais, ambientais e estruturais de cada município abrangido pelo conceito de cooperativismo desenvolvido pela Sicredi das Culturas RS/MG.

O “Programa Crescer” foi concebido no sentido de promover a cultura cooperativista entre os associados da Sicredi das Culturas RS/MG. Quanto mais o associado conhece sobre o assunto, mas a cooperativa estará presente em sua vida, e sua participação na instituição também será cada vez mais próxima e qualificada. O “Programa Crescer” se materializa agregando diversas ações da cooperativa

voltadas à Educação Financeira com diferentes públicos e também as Reuniões de Negócios realizadas pelas agências. Palestras temáticas, reuniões de negócios, seminários e semanas de debates constituem algumas das atividades desenvolvidas de forma constante, o que faz o Programa estar permanentemente presente na agenda dos associados interessados. Os quatro principais objetivos do Crescer são: contribuir para que os associados e os coordenadores de núcleos participem de forma efetiva da gestão da cooperativa; propiciar o desenvolvimento pessoal para o exercício das atividades na cooperativa e na sua atividade profissional; formar novas lideranças no processo de difusão das sociedades cooperativas e propiciar que um maior número de pessoas participe da construção de novas formas de empreender.

Dentro do conceito de ações empreendidas sob a tutela do “Programa Crescer”, a Sicredi das Culturas RS/MG se engaja anualmente nas atividades propostas pela Semana Nacional de Educação Financeira, uma iniciativa do Comitê Nacional de Educação Financeira (Conef). As diversas ações são desenvolvidas nas agências dos municípios que integram a área de abrangência da Sicredi das Culturas RS/MG, orientando diferentes públicos sobre temas como a importância do consumo consciente e do planejamento, educação financeira, sustentabilidade, planejamento a longo prazo e a importância de poupar, entre outros. As dezenas de reuniões de negócios promovidas a cada ano sobre temas variados de interesse dos associados também integram o rol de ações do “Programa Crescer”. Marcados pela troca de experiências e informações, esses encontros, direcionados



2019 - Reunião de Negócios com associados da agência Nova Ramada

2018 - Dia C - Dia de Cooperar em Coronel Bicaco



2018 - Dia C - Dia de Cooperar em Ijuí



a públicos como Pessoas Físicas Urbanas e Rurais, Pessoas Jurídicas, produtores de diversas atividades, professores, profissionais liberais, jovens, funcionários públicos, melhor idade, agronegócio e associados ligados a atividades diversas, permitem que os participantes também aprofundem seus conhecimentos sobre a própria instituição financeira cooperativa, além de obterem informações sobre o cenário econômico e soluções financeiras para seus negócios.

Só no primeiro semestre de 2019, por exemplo, mais de 2 mil pessoas participaram das reuniões de negócios promovidas pela Sicredi das Culturas RS/MG nos municípios da região. No total, foram 94 encontros realizados com diferentes públicos. A Semana Nacional de Educação Financeira, realizada em maio do mesmo ano, envolveu mais de 700 pessoas em 25 ações realizadas na região de atuação da Sicredi das Culturas RS/MG no Rio Grande do Sul, contemplando atividades em escolas municipais e estaduais, com a participação de turmas de alunos da educação infantil, ensino fundamental e médio, e também com grupos da terceira idade. Todas essas iniciativas conferem solidez ao "Programa Crescer", colaborando para a formação de associados ativos, informados e conscientes de sua importância no envolvimento no processo cooperativo para o desenvolvimento da comunidade.

Ritmo de crescimento consolidado

A Sicredi das Culturas RS/MG já se consolida como uma cooperativa que vem implementando um ritmo de crescimento anual, desde sua consolidação em 2013, na ordem dos 20% ao ano. Esse quadro positivo é ressaltado pelo diretor Executivo da cooperativa, Roque Enderle, quando avalia um comparativo entre o desempenho geral apresentado pela soma dos resultados das quatro cooperativas ainda na fase anterior à união e o desempenho posterior da nova cooperativa. “Antes, as quatro instituições apresentavam, somadas juntas, um resultado

positivo na ordem de cerca de R\$ 9 milhões ao ano, até 2013. A partir da união, já na condição de uma cooperativa única, a Sicredi das Culturas RS/MG, esse resultado saltou já no primeiro ano, 2014, para R\$ 15 milhões. Em 2015, foram R\$ 21 milhões; em 2016, R\$ 25 milhões; em 2017 foram R\$ 35 milhões e, em 2018, R\$ 40 milhões, e segue crescendo ano a ano”. Conforme Enderle, “os números começaram a falar sozinhos”, consolidando o acerto da decisão e ratificando a convicção de que, em se tratando de cooperativismo, trabalhar de forma unida sempre faz toda a diferença, mesmo entre cooperativas. O atual share de crédito da Sicredi das Culturas saltou de 10% (antes da união) para 25% em 2018.

O patrimônio inicial da cooperativa, que antes era de R\$ 75 milhões, passou em 2018 a R\$ 200 milhões e segue crescendo.

Capítulo



Um futuro pautado em desafios

Quanto aos desafios que se impõem hoje à Sicredi das Culturas RS/MG, seu presidente, Antenor José Vione, destaca: "Atender os associados nas suas necessidades segue sendo sempre o nosso principal motivador. Precisamos também nos esforçar para ajudar o associado a entender as nuances do sistema cooperativo de crédito, do qual ele participa. Assim, ele vai compreender melhor a entidade e vai trabalhar melhor nela e com ela, promovendo o crescimento conjunto, que é a meta da Sicredi das Culturas RS/MG".

Esse desafio passa a ser o norteador do novo Conselho de Administração da cooperativa, escolhido em eleição, agora nos moldes definitivos, com somente um vice-presidente, diferentemente da formação anterior, composta por três vice-presidentes. A medida havia sido adotada temporariamente (durante as Assembleias de Núcleo e ratificada na Assembleia Geral Ordinária de 25 de abril de 2019), a partir da união, em 2013, como uma maneira de ver contemplados representantes de cada uma das quatro cooperativas que se uniram (Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi e Santo Augusto) nos quatro cargos da presidência (um presidente e três vices), nos dois primeiros mandatos. O acordo havia sido chancelado pelo Banco Central, com a condição de, superado o período de transição, a cooperativa passar a obedecer às regras gerais para composição do Conselho de Administração, com um presidente e apenas um vice-presidente, eleitos em Assembleia Geral pelos associados.

A nova fase que se apresentava a partir de 2019, com o novo Conselho de Administração, trazia desafios de várias ordens. Um deles, na visão de Elmo Pedro Von Mühlen, consiste em estar atento à evolução do mercado, especialmente no quesito das revoluções tecnológicas, com as quais é crucial ficar permanentemente atualizado. “Transparência, credibilidade, expansão e proximidade com o associado” são características do “jeito Sicredi” de atuar desde seus primórdios e, conforme avalia Alcides Bandeira, ex-presidente da Sicredi Santo Augusto RS, são valores que se colocam como metas perenes a serem mantidas hoje e sempre para a Sicredi das Culturas RS/MG, em toda a sua trajetória futura, pois “são os alicerces de seu sucesso”.

O processo de expansão da Sicredi das Culturas RS/MG para Minas Gerais, iniciado oficialmente em 2018, vem se colocando também como um desafio vital, em termos de procedimentos e também na questão referente à compreensão dos associados em relação ao acerto, aos ganhos e à necessidade desse movimento estratégico de crescimento. “Precisamos ser ágeis em buscar constantemente formas de atuar dentro dessa realidade, que muda e se transforma em velocidade acelerada”, analisa Vione. A tomada rápida de decisões será sempre vital para que a Sicredi das Culturas RS/MG permaneça desenvolvendo o papel de protagonista positivo dentro da trajetória pessoal de seus parceiros, de seus associados e das comunidades. Também a questão cultural se configura como um dos principais desafios a serem observados nesse processo. “Competência e capacidade é certo que possuímos. Precisamos é ter a sensibilidade de saber adequar

nosso jeito de ser e de fazer com o jeito dos mineiros, o que, com certeza, vai resultar em uma nova forma de atuar, produtiva, vencedora e de sucesso”, analisa a gerente Administrativo-Financeiro da agência do Sicredi em Condor, Roselei Muller Kepler.

Expandir para Minas Gerais é um movimento que também significa “aprofundar e ampliar o conceito do cooperativismo desempenhado pela Sicredi das Culturas RS/MG para outras regiões do país, atingindo e beneficiando muito mais pessoas”, na visão do diretor de Negócios da cooperativa, Lucídio Cristiano Amorim Ourique. “Nossa missão é e seguirá sendo, em última análise, a de fazer nossos associados felizes, entregando a eles produtos, serviços e oportunidades que agreguem valor às suas vidas e façam a diferença”, analisa. “Para isso, precisamos continuar pautando nossa atuação cotidiana, em todos os níveis e aspectos, pela ética pessoal, pela valorização das pessoas, pela coerência, pela determinação em fazer a coisa certa. Não podemos abrir mão disso”, complementa Ourique.

Todo esse processo de união das quatro cooperativas para a criação da Sicredi das Culturas RS/MG, ao lado do movimento de expansão para o estado de Minas Gerais, exigiu e segue exigindo de toda a equipe de colaboradores uma verdadeira mudança de modelo mental em termos de atuação profissional. Quem detecta esse ponto crucial é o gerente de Desenvolvimento de Negócios, Hardi Wendland, que afirma ser necessário cada colaborador passar a pensar no conjunto da cooperativa, e não apenas em cumprir suas próprias metas individuais. “Precisamos atender aos associados em suas ne-

cessidades individuais e também equalizar essa postura com o cumprimento de metas de desenvolvimento de forma sólida e constante”, exemplifica. “Fazer o Sicredi crescer de maneira sintonizada com o crescimento dos associados, das comunidades e dos colaboradores, é um desafio constante, que exige uma construção permanente por parte de todos os envolvidos”, analisa Wendland. A possibilidade gerada a partir de 2005, quando as cooperativas de crédito rural foram autorizadas a se transformar em cooperativas de crédito de livre admissão de associados, na visão de Wendland, configurou um divisor de águas que permitiu um salto qualitativo em termos de evolução que as quatro cooperativas regionais detectaram e as conduziu naturalmente ao processo de união. “O novo divisor de águas é agora, com a consolidação da Sicredi das Culturas RS/MG e a expansão para Minas Gerais”, resume o gerente de Desenvolvimento de Negócios.

Tanto a união das quatro cooperativas resultando na criação da Sicredi das Culturas RS/MG quanto o processo de expansão para Minas Gerais geram um quadro único e raro de oportunidades para todos os profissionais que atuam na cooperativa. Essa é a avaliação do gerente Administrativo-Financeiro da agência São Sebastião do Paraíso em Minas Gerais, Lindomar Felipin, que integra a cooperativa desde 2008, quando ingressou como gerente Administrativo-Financeiro na agência do Sicredi em Santo Augusto. Após desempenhar a função de gerente daquela agência entre os anos de 2012 e 2014, foi transferido para gerenciar Chiapetta e, com sua experiência e conhecimento da política de valorização interna funcional, acredita

que o momento atual vivenciado pela cooperativa é muito positivo e estimulante. “A nova cooperativa incentiva o crescimento profissional, o estudo, o aprimoramento constante de seus colaboradores. O leque de oportunidades está ainda mais amplificado, gerando chances excelentes de crescimento a todos os profissionais”, afirma Felipin. “É um privilégio para cada colaborador poder participar desse momento histórico da Sicredi das Culturas RS/MG”, finaliza.

Seguir focando no desenvolvimento dos programas sociais e comunitários empreendidos pela Sicredi das Culturas RS/MG é outra forma importante de a cooperativa fazer cada vez mais a diferença junto às comunidades em que está inserida. “Fazer evoluir cada vez mais e aperfeiçoar o programa ‘A União Faz a Vida’, por exemplo, que é um sucesso consolidado, é uma de nossas grandes bandeiras”, afirma o diretor Executivo Roque Enderle. “Trata-se de uma forma de ajudar a despertar vocações”, conclui. Nesse sentido, Enderle ressalta a importância de seguir investindo também na ampliação do “Programa Empreender para Transformar” (PET), em que as empresas e entidades são parceiras do Sicredi no processo de despertar vocações empreendedoras e de liderança em jovens e crianças da comunidade.

O processo de mudanças, na verdade, é uma constante na história do Sicredi desde sempre, fazendo parte do DNA da cooperativa. Quem percebe esse aspecto é o assessor de Controles Internos da Sicredi das Culturas RS/MG, Evandro Rusch, que integra as equipes do Sicredi em Ijuí desde que ingressou como estagiário, em 1996. “Minha função, desde 2012, quando assumi esse cargo,

é prestar suporte aos gestores de todas as áreas, procedendo ao levantamento e mapeamento de riscos de todas as ações propostas. Sabendo os riscos e nos antecipando a eles, temos bases sólidas para proceder aos avanços que estamos fazendo e que seguiremos fazendo, construindo dia a dia a instituição financeira cooperativa”, analisa.

Como reflete Bruno van Der Sand, presidente durante 22 anos da Sicredi Augusto Pestana RS (de 1989 até 2011), “o sistema cooperativista tem uma história de mais de um século no Rio Grande do Sul e já ficou provado que, se bem administrado, de forma correta e séria, é o melhor negócio que existe, pois cresce junto com os associados e com as comunidades”. Entre as diversas placas de homenagem que recebeu ao longo de uma vida inteira dedicada ao cooperativismo na região e que mantém guardadas com carinho e orgulho, Van der Sand destaca uma em especial, que, em sua opinião, pode servir de norte tanto para a vida dos indivíduos quanto para as instituições como a Sicredi das Culturas RS/MG. De autor desconhecido, a placa diz: “Viver é juntar momentos e fazer uma história”.

Tanto no Rio Grande do Sul quanto em Minas Gerais, independentemente do sotaque, do jeito de ser, de falar e de ver o mundo, a realização dos sonhos de cada associado segue e seguirá sendo a meta e o desafio maior a conduzir as ações das pessoas que fazem a Sicredi das Culturas RS/MG. O sopro do espírito do cooperativismo, que embalou as ações e as aspirações dos pioneiros, no Brasil e no exterior, segue inspirando o cotidiano de cada colaborador e de cada associado, unidos em mutirão no esforço de construir uma

comunidade cada vez melhor para todos, a partir da força da união dos esforços de cada um.

Essa é a mola propulsora que motiva as pessoas que fazem parte da Sicredi das Culturas RS/MG a construir diariamente os alicerces da continuidade dessa inspiradora história pelos próximos 95 anos e também pelos períodos que vierem depois.

Galeria de Imagens

Presidentes da Sicredi
das Culturas RS/MG



José Lange
Sicredi Augusta Pestana RS
1925 - 1933



Alexandre Cardinal
Sicredi Augusta Pestana RS
1933 - 1950



Germana Hickmann
Sicredi Augusta Pestana RS
1950 - 1969



Jorge Reinoldo Bender
Sicredi Panambi RS
1931 - 1953



Alberto Dessbesell
Sicredi Panambi RS
1953 - 1980



Ary Hintz
Sicredi Augusta Pestana RS
1969 - 1973



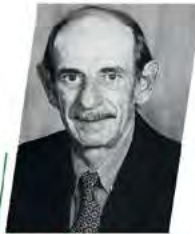
Evaldo Köester
Sicredi Augusto Pestana RS
1973 - 1989



Ivo Arno Shrammel
Sicredi Panambi RS
1980 - 1982



Davi Alexandre Ceolin
Sicredi Santo Augusto RS
1988 - 1989



Romeo Wentz
Sicredi Panambi RS
1994 - 2000



Bruno van der Sand
Sicredi Augusto Pestana RS
1989 - 2011



Antenor José Vione
Sicredi Augusto Pestana RS
2011 - 2013



Siegfried Schünemann
Sicredi Panambi RS
1982 - 1994



Paulo Ottonelli
Sicredi Ajuricaba RS
1989 - 2010



Alcides José Bandeira
Sicredi Augusto Pestana RS
1988 - 2011



Elmo Pedro Mühlen
Sicredi Panambi RS
2000 - 2013



João Carlos Steurer
Sicredi Ajuricaba RS
2010 - 2013



Antenor José Vione
Sicredi das Culturas RS/MG
2013 -

Diretoria e Conselhos de Administração e Fiscal da Sicredi das Culturas RS/MG



Da esquerda para a direita:
Lucídio Cristiano Amorim Ourique (Diretor de Negócios)
Roque Enderle (Diretor Executivo)
Roberto Cortiani Ibañez (Diretor de Operações)

2019 – Conselho de Administração



Da esquerda para a direita:
Paulo Rogério Sapiezinski
Gelson Bronzatti
Darci Carlos Leal da Silva
Anael Teixeira
Elmo Pedro Von Mühlen (vice-presidente)
João Carlos Steurer
Antenor José Vione (presidente)
Antônio Pereira Da Costa
Cleusa Schneider Bruinsma
Romeu Ângelo de Jesus
Oldemar Paschoal
Claudimir Antonio Breitenbach

Da esquerda para a direita:
Edson Luiz Cavalheiro
Doglas Luis Bandeira
Marcos Wentz



2019 – Conselho Fiscal

Bibliografia Consultada

BUENO, Silveira. Vocabulário tupi-guarani/português. São Paulo: Vidalivros, 2013.

CENCI, Ana Righi. Sicredi Ajuricaba RS 25 anos: uma trajetória de conquistas. Ijuí: Sicredi, 2013.

FRANTZ, Walter; HILGERT, Vagner e CORRÊA, Ricardo. A história do cooperativismo de crédito em Panambi: uma trajetória de 75 anos. Ijuí: Editora da Unijuí, 2006.

GRACIA, Simona e BORBA, Fernanda (organização). Unicred. Porto Alegre: gráfica São Miguel, 2017.

MORAES, Fernando Dreissig de e CUNHA, Laurie Fofonka (organizadores). Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: SPGG, 2018.

PEREIRA, Josei Fernandes. Sicredi Augusto Pestana 85 anos: da Caixa Rural ao sistema de crédito cooperativo. Ijuí: Sintegraf Gráfica e Editora, 2010.

Sicredi Santo Augusto RS: 25 anos de cooperativismo de crédito. Santo Augusto: Sicredi, 2013.

